

Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Manuel José Campos Guimarães

A tradução especializada em contexto empresarial: o impacto do pós-digital no futuro tradutor

abril de 2026

A tradução especializada em contexto empresarial: o impacto do pós-digital no futuro tradutor

Manuel José Campos Guimarães

UMinho | 2026

Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Manuel José Campos Guimarães

A tradução especializada em contexto empresarial: o impacto do pós-digital no futuro tradutor

Relatório de Estágio
Mestrado em Tradução e Comunicação Multilingue

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Fernando Gonçalves Ferreira Alves

abril de 2026

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual
CC BY-NC-SA

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

AGRADECIMENTOS

Este relatório não teria sido possível sem o apoio, a presença e o contributo de todos aqueles que me acompanharam ao longo deste caminho.

Ao Professor Doutor Fernando Gonçalves Ferreira Alves, pela orientação ao longo deste percurso e pela forma como foi sempre presença certa nos momentos em que mais precisei de direção.

A todos os professores com quem me cruzei neste caminho, pois muito do que aqui está escrito nasce do que me deram em sala de aula e ficará comigo para além deste relatório.

À equipa da RWS, por me ter recebido e acompanhado desde o primeiro dia. À Joana, ao Pedro e ao Rui, em particular, pela paciência, pela disponibilidade constante e pela forma como nunca me deixaram sentir sozinho neste processo.

Aos amigos que esta universidade me deu, por terem feito com que isto fosse muito mais do que um percurso académico. Sei que levo cada um de vocês comigo.

Aos meus amigos que estiveram mais vezes in do que out, pelos dias que ficaram mais leves, pela música, pelo campismo, pelos jantares e por tudo aquilo que não precisa de ser explicado para ser sentido.

À minha família, porque nada do que fizeram por mim foi invisível. Sei o que custou, sei o que demorou e sei o que foi feito em silêncio para que eu pudesse chegar aqui. Gratidão nunca será suficiente. Se hoje tenho caminho, é porque foram vocês que o abriram por mim.

À Rita, por ter olhado de volta para mim na aula de espanhol. Desde esse dia que olho na tua direção com a certeza de que estás lá, pelo apoio, pelos conselhos e, acima de tudo, pelo amor.

E a toda esta jornada, que termina para que o mar principie.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

A tradução especializada em contexto empresarial: o impacto do pós-digital no futuro tradutor

Resumo

O presente relatório de estágio desenvolve uma reflexão sobre a tradução em contexto empresarial a partir da experiência realizada na RWS, enquadrando-a num cenário marcado pela digitalização, pela automação e pela crescente complexificação tecnológica dos fluxos de trabalho. Partindo de um enquadramento teórico que revisita a consolidação disciplinar dos Estudos da Tradução, a emergência da era pós-digital, a afirmação da localização, a questão da qualidade e a formação do tradutor em contextos tecnologicamente mediados, o estudo articula essa base conceptual com a observação direta da prática profissional.

A análise incide sobre a integração do estagiário numa empresa multinacional de prestação de serviços linguísticos, procurando compreender de que modo o contexto empresarial e os ecossistemas digitais reconfiguram o trabalho tradutório, influenciam o desenvolvimento profissional e moldam a transição entre a formação académica e o exercício profissional. Com base na caracterização dos projetos desenvolvidos, na observação da evolução do volume de trabalho e na análise qualitativa de uma amostra alargada de erros, o relatório evidencia que a tecnologia não constitui apenas um instrumento de apoio, mas uma infraestrutura central da prática tradutória contemporânea.

A experiência de estágio constitui um ponto de observação privilegiado sobre a redefinição do papel do tradutor em ambientes pós-digitais, onde se articulam exigências de adaptação tecnológica, lógicas empresariais, avaliação da qualidade e questões éticas associadas à prática tradutória.

Palavras-chave: era pós-digital, tecnologias da tradução, formação do tradutor, qualidade tradutória, autoavaliação tradutória

Specialized translation in a business context: the impact of the post-digital era on the future translator

Abstract

This internship report presents a reflective analysis of translation in a business context, drawing on experience gained at RWS within a setting shaped by digitalization, automation, and the increasing technological complexity of workflows. It is informed by a theoretical framework that revisits the disciplinary consolidation of Translation Studies, the emergence of the post-digital era, the question of quality, and translator training in technologically mediated contexts. This conceptual grounding is complemented by the direct observation of professional practice.

The analysis focuses on the intern's integration into a multinational language services company, seeking to understand how the business context and digital ecosystems reconfigure translation work, influence professional development, and shape the transition from academic training to professional practice. Drawing on the analysis of the projects carried out, the evolution of workload, and a qualitative examination of a broad sample of errors, the report highlights the extent to which technology underpins contemporary translation practice, moving beyond its role as a mere support tool.

The internship experience thus provides a valuable perspective on the redefinition of the translator's role in post-digital environments, where technological adaptation, business logics, quality assessment, and ethical considerations converge within translation practice.

Keywords: post-digital era, translation technologies, translator training, translation quality, translation self-assessment

Índice

I. Introdução 1

II. Enquadramento teórico 3

2.1. A tradução como objeto disciplinar 3

2.2. A tradução como alicerce digital 8

2.2.1. A afirmação da tradução assistida por computador 12

2.3. A era pós-digital 13

2.3.1. A redefinição do tradutor pós-digital 16

2.3.2. A afirmação da localização 19

2.4. Qualidade e regulação da prática tradutória 21

2.5. A formação do tradutor em contextos pós-digitais 25

III. Contextualização do estágio 31

3.1. Objetivos do estágio curricular 31

3.1.1. Objetivos gerais 31

3.1.2. Objetivos específicos 32

3.2. Entidade de acolhimento 34

3.3. Descrição do estágio 34

3.4. O perfil do estagiário 36

3.5. Integração 38

3.6. Fluxo de trabalho com o *Trados Studio* 39

3.6.1. Outras ferramentas CAT 43

3.6.2. Infraestrutura digital da RWS 44

IV. A experiência de estágio 48

4.1. As tipologias textuais 48

4.2. Organização e contextualização da análise estatística 53

4.3. Evolução semanal e produtividade 55

4.3.1. Tabela resumo do trabalho semanal 55
4.3.2. Análise da produtividade 56
4.4. Análise comparativa com as métricas da empresa 61
4.4.1. Evolução das métricas de produtividade da RWS 61
4.4.2. Avaliação do desempenho 63
V. Qualidade e análise de erros 66
5.1. Avaliação de qualidade na RWS 68
5.2. Avaliações internas ao longo do estágio 71
5.2.1. Primeira avaliação interna 74
5.2.2. Segunda avaliação interna 76
5.3. Avaliação autónoma da qualidade 78
5.3.1. Distribuição de erros 80
5.3.1.1. Terminologia 83
5.3.1.2. Precisão 90
5.3.1.3. Convenções linguísticas 95
5.3.1.4. Estilo 98
5.3.1.5. Convenções de *locale* 101
5.3.1.6. Adequação ao público-alvo 103
5.3.1.7. Formatação e marcação 106
5.3.2. Os diferentes erros em diferentes textos 109
5.3.2.1. Terminologia 111
5.3.2.2. Precisão 112
5.3.2.3. Convenções linguísticas 114
5.3.2.4. Estilo 115
5.3.2.5. Convenções de *locale* 117
5.3.2.6. Adequação ao público-alvo 119

5.3.2.7. Formatação e marcação 120
VI. Considerações finais 123
VII. Bibliografia 127
VIII. Anexos 133
8.1. Anexo 1 – Tipologias de erro do modelo MQM 133
8.2. Anexo 2 – Impressões e comentários da primeira avaliação interna 135
8.3. Anexo 3 – Impressões e comentários da segunda avaliação interna 135

Índice de figuras

Figura 1 – Conceção de Holmes dos Estudos da Tradução (por Toury 1991; 1995) (traduzido por Eduardo César Godarth, Yéo N'gana e Bernardo Sant'Anna em Cad. Trad. vol.36 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2016) 5
Figura 2 – Human and machine translation (Hutchins & Somers, 1992, p. 148) 15
Figura 3 – Mapa dos Localization Studies, adaptado de Jiménez-Crespo (2013), com base no mapa dos Estudos da Tradução de Holmes (1988) e Toury (1995). 21
Figura 4 – Quadro conceptual sobre colocações apresentado por Iriarte Sanromán (2011) em "Colocações: mais do que combinações frequentes de palavras", no âmbito das I Jornadas Internacionais Per-Fide: Corpora & Terminologia, Universidade do Minho. 37
Figura 5 – Fluxo de trabalho com o Trados Studio (Elaboração Própria) 40
Figura 6 – Captura de ecrã do ficheiro Tasks 41
Figura 7 – Interface do Trados GroupShare (reproduzido da aplicação Trados Studio) 41
Figura 8 – Interface do processo de tradução no Trados Studio (reproduzido da aplicação Trados Studio) 42
Figura 9 – Timesheet (RWS) 46
Figura 10 – Reconfiguração das tipologias textuais de Reiss (Elaboração Própria) 52
Figura 11 – Estrutura da pontuação da qualidade interna (RWS) 69
Figura 12 – Sistema de arbitragem (RWS) 70
Figura 13 – Classificação da primeira avaliação interna (RWS) 75
Figura 14 – Classificação da segunda avaliação interna (RWS) 76

Índice de tabelas

Tabela 1 – Estrutura do Tracker (Elaboração Própria) 46
Tabela 2 – Descrição dos tipos de segmentos (Elaboração Própria) 53
Tabela 3 – Volume de trabalho por semana (Elaboração Própria) 55
Tabela 4 – Exemplo das métricas antigas de produtividade (Elaboração Própria) 61
Tabela 5 – Comparação com as métricas de referência (Elaboração Própria) 63
Tabela 6 – Tipologia de erros da primeira avaliação interna (RWS) 75
Tabela 7 – Tipologia de erros da segunda avaliação interna (RWS) 77
Tabela 8 – Resumo das avaliações internas (Elaboração Própria) 78
Tabela 9 – Exemplo terminológico prático (Elaboração Própria) 85
Tabela 10 – Exemplo de erro terminológico neutro (Elaboração Própria) 85
Tabela 11 – Exemplos de erros terminológicos menores (Elaboração Própria) 86
Tabela 12 – Exemplos de erros terminológicos maiores (Elaboração Própria) 87
Tabela 13 – Exemplo de erro terminológico crítico (Elaboração Própria) 89
Tabela 14 – Exemplo de erro de precisão neutro (Elaboração Própria) 91
Tabela 15 – Exemplos de erros de precisão menores (Elaboração Própria) 92
Tabela 16 – Exemplos de erros de precisão maiores (Elaboração Própria) 93
Tabela 17 – Exemplo de erro de precisão crítico (Elaboração Própria) 94
Tabela 18 – Exemplo de erro de convenções linguísticas neutro (Elaboração Própria) 96
Tabela 19 – Exemplos de erros de convenções linguísticas menores (Elaboração Própria) 97
Tabela 20 – Exemplo de erro de convenções linguísticas maior (Elaboração Própria) 98
Tabela 21 – Exemplo de erro de estilo neutro (Elaboração Própria) 99
Tabela 22 – Exemplo de erro de estilo menor (Elaboração Própria) 101
Tabela 23 – Exemplo de erro de convenções de locale neutro (Elaboração Própria) 102
Tabela 24 – Exemplos de erros de convenções de locale menores (Elaboração Própria) 103
Tabela 25 – Exemplo de erro de adequação neutro (Elaboração Própria) 104
Tabela 26 – Exemplo de erro de adequação menor (Elaboração Própria) 105
Tabela 27 – Exemplo de erro de formatação neutro (Elaboração Própria) 107
Tabela 28 – Exemplo de erro de formatação menor (Elaboração Própria) 107
Tabela 29 – Exemplos de erros de formatação maiores (Elaboração Própria) 108
Tabela 30 – Tipologias de erro do modelo MQM (tradução própria) 133
Tabela 31 – Impressões e comentários da primeira avaliação interna (RWS) 135

Tabela 32 – Impressões e comentários da segunda avaliação interna (RWS) 135

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Distribuição de projetos por ferramenta CAT (Elaboração Própria) 40
Gráfico 2 – Distribuição das outras ferramentas CAT utilizadas (Elaboração Própria)..... 43
Gráfico 3 – Distribuição percentual por tipo de tarefa (Elaboração Própria) 48
Gráfico 4 – Número de projetos por tipologia textual (Elaboração Própria) 53
Gráfico 5 – Distribuição das Horas de Estágio (Elaboração Própria) 57
Gráfico 6 – Distribuição das palavras totais (Elaboração Própria) 59
Gráfico 7 – Evolução da produtividade (Elaboração Própria) 60
Gráfico 8 – Volume de trabalho analisado (Elaboração Própria) 79
Gráfico 9 – Distribuição de erros da amostra (Elaboração Própria)..... 80
Gráfico 10 – Gravidade dos erros da amostra (Elaboração Própria)..... 81
Gráfico 11 – Peso dos pontos da amostra (Elaboração Própria) 81
Gráfico 12 – Classificação dos erros da amostra (Elaboração Própria) 82
Gráfico 13 – Distribuição percentual dos projetos por tipologia textual (Elaboração Própria) ... 110
Gráfico 14 – Distribuição percentual dos erros por categoria MQM (Elaboração Própria) 110
Gráfico 15 – Distribuição dos erros de terminologia por tipologia textual (Elaboração Própria) 111
Gráfico 16 – Comparação entre percentagem de projetos e erros terminológicos (Elaboração Própria) 111
Gráfico 17 – Distribuição dos erros de precisão por tipologia textual (Elaboração Própria) 112
Gráfico 18 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de precisão (Elaboração Própria) 113
Gráfico 19 – Distribuição dos erros de convenções linguísticas por tipologia textual (Elaboração Própria) 114
Gráfico 20 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de convenções linguísticas (Elaboração Própria) 115
Gráfico 21 – Distribuição dos erros de estilo por tipologia textual (Elaboração Própria)..... 116
Gráfico 22 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de estilo (Elaboração Própria) 116
Gráfico 23 – Distribuição dos erros de convenções de locale por tipologia textual (Elaboração Própria) 117

Gráfico 24 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de convenções de locale (Elaboração Própria) 118
Gráfico 25 – Distribuição dos erros de adequação ao público-alvo por tipologia textual (Elaboração Própria) 119
Gráfico 26 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de adequação ao público-alvo (Elaboração Própria) 120
Gráfico 27 – Distribuição dos erros de formatação por tipologia textual (Elaboração Própria).. 121
Gráfico 28 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de formatação (Elaboração Própria) 121

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASTM – American Society for Testing and Materials

ATA – American Translators Association

CAT – Computer-Assisted Translation (Tradução Assistida por Computador)

DGT – Direção-Geral da Tradução

DIS – Draft International Standard

DQF – Dynamic Quality Framework

DTS – Descriptive Translation Studies (Estudos Descritivos da Tradução)

EMT – European Master's in Translation

FAHQT – Fully Automatic High-Quality Translation

HAMT – Human-Aided Machine Translation

HFW – High Fuzzy Words (correspondência parcial elevada)

HT – Human Translation

IA – Inteligência Artificial

ISO – International Organization for Standardization

LFW – Low Fuzzy Words (correspondência parcial baixa)

LISA – Localization Industry Standards Association

MAHT – Machine-Aided Human Translation

MQM – Multidimensional Quality Metrics

MT – Machine Translation (Tradução Automática)

NAATI – National Accreditation Authority for Translators and Interpreters

NMT – Neural Machine Translation (Tradução Automática Neuronal)

NW – New Words (Novas Palavras)

PACTE – Proceso de la adquisición de la competencia traductora y la evaluación (Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação)

PEMT – Post-Editing of Machine Translation (Pós-Edição da Tradução Automática)

QA – Quality Assurance

SAE – Society of Automotive Engineers

TB – Termbase (Base Terminológica)

TM – Translation Memory (Memória de Tradução)

TW – Total Words (Palavras Totais)

I. Introdução

Este relatório de estágio centra-se na relação entre a era pós-digital e a tradução a nível empresarial, com foco específico na configuração tecnológica utilizada em ambiente corporativo e na evolução dessa realidade no tradutor. Durante o estágio na RWS, foi possível observar o impacto direto das tecnologias na prática tradutória, nomeadamente na forma como influenciam o fluxo de trabalho, as dinâmicas de produtividade e a qualidade. A análise procura perceber como as ferramentas tecnológicas moldam o dia a dia do tradutor e contribuem para a sua adaptação a este novo cenário digital.

Além disso, o relatório analisa a passagem do tradutor do contexto académico para o contexto empresarial, onde é confrontado com a necessidade de mobilizar, em contexto prático, os conhecimentos adquiridos durante a sua formação. A experiência de estágio na RWS permite observar de que forma a formação académica prepara o tradutor para as exigências do mercado de trabalho, bem como o modo como esse processo se articula com a adaptação a novos sistemas e dinâmicas de trabalho.

O relatório encontra-se organizado em oito capítulos, cada um dedicado a um aspeto específico da experiência e da análise desenvolvida. O Capítulo I corresponde à introdução, onde se apresenta o enquadramento geral do estudo e se definem as principais linhas de orientação do relatório. O Capítulo II, "Enquadramento teórico", estabelece a base conceptual necessária para compreender as transformações no papel do tradutor no contexto digital e empresarial, com particular incidência nas tecnologias que influenciam a prática tradutória.

O Capítulo III, "Contextualização do estágio", descreve o estágio realizado na RWS, incluindo a caracterização da entidade de acolhimento, os seus fluxos de trabalho e o modo como o estágio se integrou no contexto profissional. O Capítulo IV, "A experiência de estágio", centra-se nos projetos desenvolvidos, contemplando a análise da tipologia textual e a evolução do volume de trabalho ao longo do período de estágio.

O Capítulo V, "Qualidade e análise de erros", incide sobre os processos de avaliação da qualidade e sobre a análise dos erros identificados, permitindo a identificação de padrões e de áreas suscetíveis de melhoria. O Capítulo VI, "Considerações finais", reúne as principais conclusões decorrentes do estágio, articulando-as com a reflexão sobre o impacto das tecnologias

na prática tradutória. Por fim, o Capítulo VII apresenta a bibliografia, que inclui os materiais de suporte à análise desenvolvida, enquanto o Capítulo VIII reúne os anexos.

Ao longo dos capítulos apresentados, procura-se compreender de que forma se configura o papel do tradutor no contexto pós-digital, bem como a posição que este tende a assumir no ambiente empresarial contemporâneo. Esta reflexão orienta a leitura do relatório, articulando a análise teórica com a experiência prática, e permite enquadrar as transformações observadas à luz das dinâmicas tecnológicas e organizacionais que caracterizam o setor.

II. Enquadramento teórico

2.1. A tradução como objeto disciplinar

A tradução acompanha a história da humanidade muito antes de se afirmar como objeto de estudo sistemático. Desde o mito da Torre de Babel, frequentemente convocado como metáfora fundacional da diversidade linguística, a tradução surge como resposta à fragmentação comunicativa entre comunidades. Durante séculos, foi predominantemente entendida enquanto operação de natureza linguística, concebida como transferência ou substituição de significados entre sistemas linguísticos distintos, perspetiva amplamente sustentada pelas abordagens baseadas na equivalência, no âmbito da linguística aplicada à tradução. Uma formulação paradigmática desta perspetiva encontra-se em J. C. Catford (1965), que define tradução como a substituição de material textual numa língua por outro material equivalente noutra. Neste enquadramento, igualmente refletido em propostas como as de Eugene Nida (1964) e Peter Newmark (1981), centradas na noção de equivalência e transferência de significado, o problema central da tradução residia na correspondência textual e na relação entre sistemas linguísticos.

A tradução surge, assim, como fenómeno estrutural e comparativo, analisável através das relações formais entre códigos linguísticos. Também a tipologia proposta por Jakobson (1959), ao distinguir entre tradução intralinguística, interlinguística e intersemiótica, reforça esta lógica de correspondência entre sistemas. A tradução intralinguística consiste na reformulação dentro da própria língua, a interlinguística corresponde à passagem para outra língua e a intersemiótica implica a transposição para sistemas não verbais, como imagens, símbolos ou outros códigos. Em todos os casos, trata-se da interpretação de signos, entendidos como unidades portadoras de significado, por meio de outros signos, mantendo a reflexão centrada na equivalência e na transferência entre sistemas de significação. Neste contexto, a equivalência assume-se como um conceito estruturante dos Estudos da Tradução, particularmente nas abordagens linguísticas das décadas de 1960 e 1970, sendo concebida não como identidade absoluta, mas como uma relação funcional e graduada entre texto de partida e texto de chegada, orientada para a preservação de significado, efeito ou valor comunicativo. Longe de constituir um conceito estável, a equivalência revelou-se simultaneamente um princípio organizador e um ponto de tensão teórica, gerando múltiplas tipologias e debates quanto à natureza da relação tradutória.

Porém, a partir da década de 1970, começam a emergir leituras que questionam esta delimitação estritamente linguística. Em *After Babel* (1975), George Steiner propõe uma mudança de foco significativa. O seu propósito não é instituir um campo disciplinar nem sistematizar metodologias de investigação, mas interrogar a própria natureza do ato tradutório. Para Steiner, a tradução interlinguística constitui apenas um caso intensificado de um fenómeno mais amplo: todo o processo de compreensão implica interpretação, deslocamento e reformulação de sentido. A compreensão já pertence ao ato de tradução por si só.

Esta ampliação conceptual desloca a tradução do plano técnico para o plano hermenêutico. Nesta perspetiva, a teoria da tradução passa a articular-se com teorias da linguagem e do significado, uma vez que o ato tradutório se revela inseparável dos mecanismos fundamentais de produção e receção de sentido. Nesta fase, a tradução não constituía ainda um campo autónomo de investigação, funcionava apenas como objeto de estudo disperso por diferentes disciplinas, sem um enquadramento próprio. A reflexão sobre a tradução encontrava-se fragmentada, dependente das prioridades teóricas da linguística estrutural, da crítica literária ou da teoria da comunicação.

É perante este cenário de crescente complexificação do fenómeno tradutório e de dispersão das abordagens teóricas que se torna evidente a necessidade de autonomização disciplinar. A tradução deixa de poder ser plenamente compreendida como subdomínio da linguística ou da literatura comparada, exigindo um enquadramento próprio que organize de forma sistemática o campo de investigação. É precisamente essa proposta que James S. Holmes apresenta no ensaio *The Name and Nature of Translation Studies* (1972), no qual não apenas defende a consolidação de uma disciplina independente, mas também propõe a designação de *Translation Studies*, procedendo a delinear a arquitetura fundamental do campo.

Holmes distingue entre Estudos de Tradução "puros" e "aplicados". No interior dos estudos puros, identifica dois grandes eixos: os estudos teóricos, que procuram formular princípios gerais ou parciais acerca da natureza da tradução, e os estudos descritivos, dedicados à análise empírica de traduções concretas. Estes últimos subdividem-se em três vertentes complementares: orientadas para o produto, para o processo e para a função. A vertente aplicada, por sua vez, inclui

domínios como a formação de tradutores, posteriormente presente neste enquadramento, a crítica de tradução e os instrumentos auxiliares da prática tradutória.

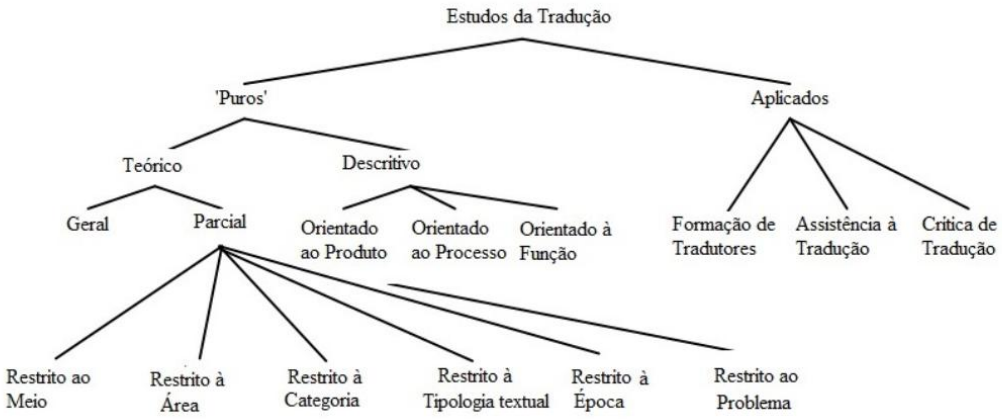


Figura 1 – Conceção de Holmes dos Estudos da Tradução (por Toury 1991; 1995) (traduzido por Eduardo César Godarth, Yéo N'gana e Bernardo Sant'Anna em Cad. Trad. vol.36 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2016)

O modelo apresentado por Holmes possui um carácter fundacional e programático. Embora simples na sua configuração, o mapa oferece uma estrutura conceptual clara que distingue os seus domínios de investigação e estabelece as suas articulações internas. A sua relevância não reside na complexidade do esquema, mas na capacidade de fornecer um enquadramento disciplinar que viria a permitir, nas décadas seguintes, o desenvolvimento metodológico e teórico de cada uma das suas vertentes.

A partir desta proposta fundadora, torna-se progressivamente evidente a complexidade do fenómeno tradutório, levando ao questionamento da visão estritamente linguística. A tradução não se reduz a operações formais entre sistemas linguísticos, envolvendo também processos interpretativos, decisões culturalmente situadas e enquadramentos institucionais que condicionam a sua produção e circulação (Lefevere, 1992). A sua prática articula dimensões textuais, cognitivas e sociais que não podem ser plenamente compreendidas a partir de abordagens centradas exclusivamente na dimensão linguística, conduzindo a uma ampliação do foco analítico.

É neste quadro que a interdisciplinaridade se afirma como traço consolidado na área da tradução. Snell-Hornby (1988) destaca a importância de ultrapassar a fragmentação disciplinar através de uma abordagem integrada, enquanto Bassnett (1980) sublinha a necessidade de afirmar a tradução como campo disciplinar autónomo. A chamada "viragem cultural", desenvolvida por Bassnett e Lefevere (1990) e aprofundada por Lefevere (1992), constitui um

momento decisivo dessa reorientação, ao deslocar o foco da equivalência formal para a análise da tradução enquanto forma de reescrita inserida em sistemas literários, ideológicos e institucionais.

No interior deste quadro, os Estudos Descritivos da Tradução (DTS) assumem particular importância, sobretudo pela tripartição em orientações centradas no produto, no processo e na função. Estas três dimensões constituem o eixo teórico que sustenta a análise desenvolvida ao longo do presente relatório, permitindo observar a tradução enquanto texto, enquanto atividade e enquanto prática inserida num sistema de intenção comunicativa.

A consolidação do ramo descritivo deve-se, em grande medida, ao trabalho de Gideon Toury, que sistematiza os seus pressupostos metodológicos e introduz o conceito de norma como categoria central de análise. Para Toury (1995), a teoria da tradução deve partir da observação de dados reais, traduções efetivamente produzidas em contextos específicos. As normas funcionam como constrangimentos socioculturais que orientam as decisões tradutórias num determinado período e comunidade, situando-se entre regras rígidas e escolhas puramente individuais. A distinção entre norma inicial, normas preliminares e normas operacionais permite compreender como as decisões tomadas no texto traduzido refletem regularidades partilhadas e tendências dominantes num sistema cultural. A norma inicial refere-se à orientação global do tradutor face ao texto de partida e ao sistema de chegada, situando-se entre dois polos: a adequação às características do texto original ou a aceitabilidade segundo as convenções da cultura-alvo. As normas preliminares dizem respeito a decisões anteriores ao próprio ato tradutório, como políticas de tradução ou a escolha entre tradução direta ou indireta. Já as normas operacionais atuam no interior do texto traduzido, regulando opções concretas de segmentação, omissão, adição ou reformulação lexical e sintática. Através desta tipologia, Toury demonstra que as escolhas tradutórias não são aleatórias, mas estruturadas por padrões socioculturais observáveis. Esta perspetiva é posteriormente desenvolvida por Chesterman (1997), que distingue entre normas de expectativa, associadas às convenções da cultura de chegada, e normas profissionais, ligadas ao comportamento do tradutor enquanto agente especializado, reforçando a dimensão social e reguladora das normas no processo tradutório.

No âmbito da orientação centrada no produto, proposta por Holmes (1972), a atenção incide sobre o texto traduzido enquanto objeto empírico. A análise procura descrever traduções existentes, identificar regularidades e observar padrões de reformulação que emergem em

contextos específicos. Segundo o autor, o texto traduzido torna-se, assim, um espaço privilegiado para reconstruir comportamentos tradutórios e compreender como determinadas normas se materializam no produto final.

A orientação centrada no processo desloca o foco para a atividade tradutória propriamente dita. Já no final do século XX, os estudos processuais demonstravam que o processo de tradução não é linear, envolvendo reformulações, regressos e decisões paralelas (Séguinot, 1989). Numa perspetiva mais recente, Muñoz Martín (2010, 2014) sublinha que o processo pode ser analisado em diferentes níveis, desde operações cognitivas até à organização profissional da tarefa tradutória. Risku (2002), ao abordar a noção de *situatedness*, ou seja, o caráter situado da atividade tradutória, amplia esta perspetiva e defende que a tradução deve ser compreendida como atividade distribuída, envolvendo interação com ferramentas, ambientes físicos e redes institucionais. A tradução é, assim, concebida como prática inserida num ecossistema de trabalho concreto, não como um conjunto de operações isoladas, mas como uma rede de interações em constante reorganização, onde diferentes elementos, como agentes, ferramentas, normas e contextos institucionais, adquirem significado em função das relações que estabelecem entre si. Esta perspetiva encontra ressonância no enquadramento sistémico proposto por Even-Zohar (1990), ao conceber os fenómenos culturais como entidades relacionais, cujo valor emerge da sua posição dinâmica num conjunto estruturado e mutável de interdependências. Contudo, como sublinha Hermans (1999), este sistema não corresponde a uma realidade ontológica, mas a uma construção analítica que permite observar e interpretar essas relações, o que evita uma visão estática ou essencialista da prática tradutória.

Por sua vez, a orientação centrada na função identificada por Holmes encontra, em paralelo, um desenvolvimento teórico consistente nas abordagens funcionalistas da chamada escola alemã. Já na década de 1970, Katharina Reiss propunha uma tipologia textual que relacionava estratégias tradutórias com a função do texto. A teoria de *Skopos*, formulada por Hans J. Vermeer ao longo dessa mesma década, viria a consolidar-se num volume conjunto com Reiss, em 1984, onde se articula a noção de propósito tradutório com uma perspetiva funcional da ação tradutória. Nesta abordagem, a tradução é entendida como ação orientada por um propósito específico (*Skopos*), sendo a sua configuração determinada pela função que deve desempenhar no contexto de chegada. Neste mesmo enquadramento, Justa Holz-Mänttäri (1984) aprofunda esta perspetiva ao conceber a tradução como uma forma de ação comunicativa especializada,

orientada por objetivos e inserida em contextos profissionais concretos, na qual o tradutor atua como mediador entre participantes e necessidades comunicativas, estruturando o processo tradutório em função de um propósito definido. Mais tarde, Nord (1997) retoma e operacionaliza estes princípios, enfatiza a importância do destinatário, da situação comunicativa e do encargo tradutório na definição das estratégias adotadas.

É precisamente esta abertura metodológica que permite alargar a reflexão sobre o papel da tradução nas dinâmicas contemporâneas. Deste modo, a tradução afirma-se enquanto disciplina situada, inscrita em contextos históricos, culturais e institucionais específicos. Ao entrar no século XXI, a tradução passa a integrar uma realidade marcada pela intensificação da globalização e pela reorganização das sociedades em rede (Castells, 1996), assumindo, a partir daqui, um papel central na mediação de conteúdos à escala transnacional. Como argumenta Cronin (2003), a globalização não diminui a relevância da tradução, pelo contrário, reforça o seu carácter estrutural nas interações transnacionais.

Neste enquadramento, importa questionar de que modo a prática tradutória se inscreve numa nova configuração e era histórica, caracterizada por transformações tecnológicas profundas. Se o quadro disciplinar delineado por Holmes permitiu consolidar a tradução enquanto objeto de investigação autónomo, torna-se agora necessário considerar como essa prática é reconfigurada num novo ambiente digital em constante evolução, influenciado pela globalização e por novas infraestruturas tecnológicas. É nesse horizonte que se estruturam as questões que atravessam a prática tradutória contemporânea, enquadramento esse que sustenta igualmente as problemáticas centrais do presente relatório.

2.2. A tradução como alicerce digital

A prática da tradução pode ser situada no contexto de transformações associadas à reorganização dos sistemas de comunicação à escala global (Castells, 2010), a partir das quais se intensifica a circulação de textos entre diferentes contextos linguísticos e culturais (Pym, 2004), processo que se inscreve em dinâmicas mais amplas de globalização onde a tradução assume um papel relevante (Cronin, 2003). No entanto, estas transformações só adquirem relevância disciplinar quando analisadas a partir da mediação linguística que as torna operacionais. Se, como propõe Risku (2001), a tradução é uma prática situada em ecossistemas históricos e materiais

específicos, então a globalização e a digitalização não constituem meros contextos externos, mas condições estruturais que moldam a própria organização da atividade tradutória.

Pym (2004) inscreve a sua reflexão sobre a tradução num contexto mais amplo de globalização, entendida como um processo marcado pelo alargamento, intensificação e aceleração das interconexões à escala global, bem como pelo aumento do seu impacto nas diferentes esferas da atividade social e económica (Held & McGrew, 2003). Nesta perspetiva mais específica, o autor define a globalização como a redução dos custos de transporte e comunicação, deslocando a atenção da homogeneização cultural para a reconfiguração da mobilidade textual. A intensificação da circulação implica que textos, produtos e discursos atravessem fronteiras linguísticas com maior frequência e rapidez. Nesse sentido, a mobilidade textual, que Pym identifica como condição de possibilidade da tradução, torna-se uma característica central da economia contemporânea. A tradução deixa, assim, de responder apenas a deslocações pontuais e passa a integrar circuitos estruturais de circulação transnacional, em linha com o que Cronin (2003) descreve ao sublinhar o carácter constitutivo da mediação linguística nos fluxos da economia global.

A reorganização contemporânea da circulação textual pode ser mais bem compreendida à luz daquilo que Castells (2010) designa como sociedade em rede. Para o autor, a forma dominante de organização social baseia-se em fluxos, isto é, em trocas e interações programadas entre atores fisicamente distantes, mas interligados por infraestruturas eletrónicas (Castells, 2010, p. 442). Esses fluxos constituem o que o autor denomina por *space of flows* (espaço de fluxos), um espaço estruturado por redes de comunicação digital que permite a simultaneidade de práticas sociais à escala global. Neste modelo, a circulação de informação deixa de ser periférica e passa a ser condição de funcionamento do próprio sistema.

Quando esta descrição é colocada em diálogo com a reflexão prévia de Pym, a implicação para a tradução torna-se mais nítida. Se, como argumenta Pym, a tradução surge onde há deslocação de textos no espaço e no tempo, então uma sociedade organizada em fluxos digitais implica uma presença estrutural dessa deslocação. A mobilidade textual deixa de ser excecional ou episódica e passa a integrar circuitos contínuos de circulação global. É neste contexto que a formulação de Cronin sobre a presença da tradução no caminho crítico da economia global ganha sentido (Cronin, 2003, p. 14). O termo "caminho crítico", proveniente da gestão de projetos, designa o conjunto de etapas indispensáveis para que um processo se complete dentro de um determinado prazo, sem possibilidade de atraso. No âmbito da economia global, Cronin utiliza

esta noção para sublinhar que a tradução se torna determinante no próprio tempo de entrada no mercado (*time-to-market*), uma vez que a comercialização de produtos depende cada vez mais da sua disponibilização simultânea em múltiplos mercados e línguas. Neste sentido, a ausência de tradução pode comprometer diretamente a circulação e a competitividade de um produto, deixando de ser uma fase posterior e passando a constituir uma condição estrutural para a sua viabilidade no mercado global.

Este papel da tradução nas cadeias globais de valor torna-se particularmente visível quando se considera a simultaneidade comunicacional própria do ambiente digital. A disseminação quase instantânea de informação gera expectativas de disponibilidade multilingue igualmente imediata, fenómeno que Cronin sintetiza na fórmula *no translation, no product* (Cronin, 2003, p. 26), sublinhando que a ausência de mediação linguística compromete a própria existência do produto em mercados internacionais. Esta ideia é espelhada no estudo *Can't Read, Won't Buy* da CSA Research (2021), segundo o qual 76% dos consumidores preferem comprar produtos com informação disponível na sua própria língua, o que demonstra que a acessibilidade linguística constitui um fator determinante na decisão de compra. Neste plano, a localização emerge como a resposta estratégica a esta dupla exigência: não apenas garantir a presença multilingue, mas assegurar que o conteúdo seja culturalmente adequado e percebido como nativo. Assim, o processo de tradução deixa de integrar apenas a fase final de distribuição e passa a constituir um elemento estruturante no desenho e na viabilização de produtos e serviços em mercados transnacionais, articulando-se com a redução dos custos comunicacionais descrita por Pym (2004) e com a lógica dos fluxos em rede de Castells (2010).

A integração da tradução na lógica dos fluxos globais não se limita à dimensão económica. Se a circulação de informação constitui o mecanismo central da sociedade em rede (Castells, 2010) e se a tradução participa estruturalmente nessa circulação ao permitir a mobilidade textual entre línguas (Pym, 2004; Cronin, 2003), então os efeitos dessa mediação estendem-se inevitavelmente ao domínio cultural e identitário. Em *Translation and Identity*, Cronin argumenta que a globalização e a tradução não implicam uma simples homogeneização, mas sim uma intensificação da circulação de identidades culturais, num contexto marcado por assimetrias linguísticas (Cronin, 2006). Estas assimetrias podem ser compreendidas à luz da perspetiva sociológica de Heilbron (1999), que concebe a tradução como parte de um sistema mundial hierarquizado, no qual os fluxos entre línguas são desiguais e estruturados segundo posições de

centralidade e periferia. Neste quadro, a circulação não ocorre de forma neutra, mas é condicionada por relações de poder entre espaços linguísticos, influenciando quais textos circulam, em que direção e com que visibilidade. Deste modo, a tradução configura-se como um espaço de negociação entre dinâmicas globais estruturadas e pertenças locais, isto é, as comunidades destinatárias do conteúdo a globalizar, intervindo na representação e reconfiguração das identidades no contexto da circulação transnacional. Neste sentido, como sublinham Sapiro et al. (2020), a circulação internacional de ideias depende de mediações institucionais, editoriais e culturais que condicionam os processos de seleção, circulação e apropriação dos conteúdos, reforçando o papel da tradução enquanto mecanismo central na construção de uma esfera cultural global.

A dimensão informacional da tradução no ambiente digital torna-se particularmente evidente no contexto da circulação global de conteúdos. Bielsa demonstra que os fluxos comunicativos internacionais dependem de processos tradutórios que estruturam a própria constituição da esfera pública transnacional (Bielsa, 2021). Deste modo, a tradução não se limita à transferência de conteúdos: intervém na seleção, reformulação e enquadramento daquilo que circula globalmente, reforçando a ideia anteriormente desenvolvida de que desempenha um papel estrutural na organização dos fluxos comunicacionais digitais.

Quando esta transformação é observada no seu conjunto, isto é, quando se articulam a organização social em fluxos descrita por Castells, a intensificação da mobilidade textual identificada por Pym e a integração da tradução nas cadeias económicas globais analisada por Cronin, torna-se, assim, possível compreender a formulação posterior de Cronin segundo a qual vivemos numa *translation age* (era da tradução). Ao utilizar esta expressão, o autor não pretende apenas assinalar um aumento quantitativo de traduções, mas sublinhar que a mediação linguística se torna transversal ao funcionamento social, económico e cultural da contemporaneidade.

A chegada do digital não se limita a aumentar o volume de textos a traduzir, implica também uma transformação nas condições em que o tradutor desenvolve a sua atividade. Pym (2011) observa que as tecnologias digitais de apoio à tradução ampliam e externalizam a memória, ao permitirem armazenar e recuperar conhecimento fora da mente do tradutor. Esta deslocação da memória para sistemas técnicos contribui para uma reconfiguração progressiva do processo tradutório. É neste contexto que se consolida a tradução assistida por computador, não só como um conjunto de ferramentas, mas também como uma dimensão integrada da prática tradutória

contemporânea. A análise da sua afirmação permite, assim, compreender de que forma o digital se materializa no trabalho do tradutor.

2.2.1. A afirmação da tradução assistida por computador

Se, a partir do que foi argumentado anteriormente, a mediação linguística consolida-se de forma inerente ao funcionamento social, económico e cultural contemporâneo, importa compreender os dispositivos técnicos que tornam essa mediação operacionalmente viável. A intensificação da circulação textual, característica da denominada era da tradução, não se sustenta apenas em dinâmicas económicas e comunicacionais, mas em infraestruturas digitais que reorganizam concretamente a prática tradutória. É neste enquadramento que se afirma a tradução assistida por computador.

A tradução assistida por computador (*Computer-Assisted Translation* – CAT) designa o conjunto de tecnologias e ferramentas concebidas para apoiar o tradutor humano no processo de tradução (Bowker & Fisher, 2010). Previamente a esta definição, Bowker (2002) já descrevia estas ferramentas como ambientes que permitem armazenar os segmentos bilíngues em bases de dados, conhecidas como memórias de tradução (TM – *Translation Memories*), possibilitando a recuperação automática de correspondências exatas ou aproximadas em novos projetos. Este mecanismo introduz uma lógica cumulativa na produção tradutória: o conhecimento linguístico deixa de residir exclusivamente na competência individual do tradutor e passa a integrar sistemas digitais persistentes, pesquisáveis e reutilizáveis. Deste modo, a prática tradutória desloca-se na direção de interfaces de tradução estruturadas, nos quais a memória externa desempenha um papel operativo central (Pym, 2010).

Esta infraestrutura técnica não permaneceu estática. Como sublinha O'Brien (2012), as plataformas de tradução contemporâneas evoluíram para sistemas integrados que combinam memórias de tradução, bases terminológicas e outros recursos digitais num único espaço de trabalho. É perante este cenário que a tradução automática (MT – *Machine Translation*) deixa de constituir uma tecnologia paralela e passa a integrar-se estruturalmente nos ambientes CAT (Cadwell et al., 2016).

Do ponto de vista técnico, Koehn (2010) define a tradução automática como o uso de sistemas computacionais capazes de gerar automaticamente traduções a partir de textos de

partida, recorrendo, numa fase inicial, a modelos estatísticos baseados em probabilidades extraídas de corpora paralelos. Posteriormente, com o desenvolvimento da tradução automática neuronal (NMT – *Neural Machine Translation*), analisada por Castilho et al. (2017) e descrita de forma mais sistemática por Koehn (2020), os sistemas passam a recorrer a redes neuronais artificiais capazes de modelar dependências contextuais mais amplas, produzindo resultados com maior fluidez sintática e coesão discursiva.

É neste cenário que a pós-edição de tradução automática (PEMT – *Post-Editing of Machine Translation*) se impõe como prática incontornável. O'Brien (2012) define a pós-edição como o processo de correção e adaptação de textos produzidos por sistemas de tradução automática, de modo a torná-los adequados a um determinado propósito comunicativo. Balling et al. (2014) e Kenny (2019) enquadram a PEMT como uma modalidade profissional específica, inserida em fluxos digitais em que o texto inicial é gerado automaticamente e posteriormente intervencionado pelo tradutor, exigindo competências, critérios e objetivos próprios. Esta especificidade encontra enquadramento na norma ISO 18587, que define a pós-edição como a tarefa de editar e corrigir resultados de tradução automática e estabelece diretrizes para a sua aplicação em contexto profissional (ISO, 2017).

A consolidação das ferramentas CAT, a integração da MT e o desenvolvimento da PEMT configuram, portanto, uma infraestrutura digital que redefine as condições materiais da prática tradutória. Esta transformação desenvolve-se ao longo das últimas décadas e estabiliza-se progressivamente, atingindo uma fase particularmente consolidada num momento já avançado do século XXI, em que o digital deixa de ser uma novidade para se afirmar como presença contínua e duradoura na atividade tradutória. Neste sentido, mais do que um momento de rutura, trata-se de uma fase de consolidação e reconfiguração contínua, que prepara o terreno para formas cada vez mais integradas e complexas de organização do trabalho tradutório, nas quais as tecnologias digitais se aprofundam e se tornam progressivamente indissociáveis das práticas profissionais.

2.3. A era pós-digital

O conceito de pós-digital tem sido utilizado para descrever o resultado da transformação histórica em que o digital deixa de ser percebido como uma inovação tecnológica emergente e passa a constituir a infraestrutura da cultura contemporânea. Berry (2014) entende o pós-digital como um momento em que o computacional se torna hegemónico, caracterizado por uma

disseminação tão profunda das tecnologias digitais que estas passam a estruturar de forma transversal as práticas culturais, sociais e epistemológicas. Ao revisitar as origens do conceito, o autor recupera a proposta de Kim Cascone (2000), que identifica o esgotamento da fase inicial de inovação da era digital e propõe o termo "pós-digital" para descrever um contexto em que as tecnologias digitais, já amplamente disseminadas e banalizadas, deixam de ser objeto de novidade e passam a constituir o pano de fundo de novas formas de expressão estética e cultural. Na mesma linha, Berry e Dieter (2015) conceptualizam o pós-digital como um estado em que a disrupção provocada pelas tecnologias digitais já ocorreu, deixando de haver um foco na inovação tecnológica enquanto novidade e passando a privilegiar formas híbridas, marcadas pela coexistência e interpenetração entre o digital e o não digital. Os autores reforçam esta ideia ao propor uma abordagem híbrida que articula características, processos e lógicas computacionais com práticas não digitais, assinalando não apenas uma transformação tecnológica, mas também a emergência de novas formas de organização da experiência e da ação, através das quais se tornam visíveis diferentes modos de configuração das sociedades computacionais.

Esta visão de Berry e Dieter é parcialmente acompanhada por perspetivas como a de Andersen, Cox e Papadopoulos (2014), que, para além de enquadrarem o pós-digital como um conceito que reflete a era subsequente à revolução digital, sublinham uma mudança na forma como esta é percecionada, marcada por um certo distanciamento crítico em relação ao entusiasmo inicial associado às tecnologias digitais e às promessas de inovação que lhes estavam associadas. Assim, longe de designar simplesmente um período cronologicamente posterior ao digital, o pós-digital refere-se antes a uma condição cultural em que o digital se encontra profundamente integrado nas práticas humanas e tecnológicas. Neste contexto, estas transformações podem igualmente ser observadas em diferentes domínios de atividade, incluindo a tradução, onde a crescente articulação entre humanos e sistemas computacionais tem vindo a reconfigurar, de forma gradual, os modos de produção, mediação e circulação do texto traduzido (Pym, 2004).

Por outro lado, abordagens provenientes do pós-humanismo ampliam esta discussão ao questionar a própria forma como o sujeito é entendido na era tecnológica. Neste enquadramento, a condição pós-humana refere-se a uma conceção do humano em que a informação é privilegiada em relação à materialidade, permitindo pensar o corpo como um suporte substituível e estabelecendo uma continuidade entre organismos biológicos e sistemas computacionais (Hayles,

1999). A autora identifica como traço central desta condição a crescente valorização da informação em detrimento da materialidade, o que conduz a uma reconfiguração do humano enquanto entidade que se articula com sistemas computacionais, tornando menos nítidas as fronteiras entre humano e máquina. Ainda assim, Hayles alerta para os riscos de uma visão excessivamente desmaterializada, defendendo a importância de manter o corpo e a materialidade no centro da reflexão. Neste sentido, Braidotti (2013) desenvolve esta perspetiva ao conceber o sujeito pós-humano como relacional e situado, inserido numa rede de interdependências que ultrapassa o humano, deslocando o foco de uma visão centrada no homem para uma compreensão mais ampla, que integra o tecnológico, o biológico e outras dimensões não humanas.

No entanto, esta transição já tinha sido antecipada por Hutchins e Somers (1992), que, ao delinearem o espetro da tradução humana tradicional (HT) para a tradução totalmente automatizada de alta qualidade (FAHQT), previam a automação crescente da tradução. Como assinalam os autores, esta articulação não se traduz numa substituição imediata, mas numa reconfiguração gradual das funções, em que a intervenção humana se redistribui por diferentes níveis do processo tradutório. Esse deslocamento da agência do tradutor, de executor para curador, torna-se um conceito central para a reflexão no pós-digital, quando a automação é tornada invisível, mas ainda assim essencial. Como ilustra a Figura 2, as práticas tradutórias distribuem-se ao longo de um contínuo entre tradução totalmente automatizada e tradução humana tradicional. Neste enquadramento, a intervenção humana deixa de se concentrar na produção integral do texto e passa a situar-se em fases de supervisão, validação e curadoria de outputs gerados por sistemas, refletindo uma redistribuição da agência no interior de ecossistemas tecnológicos.

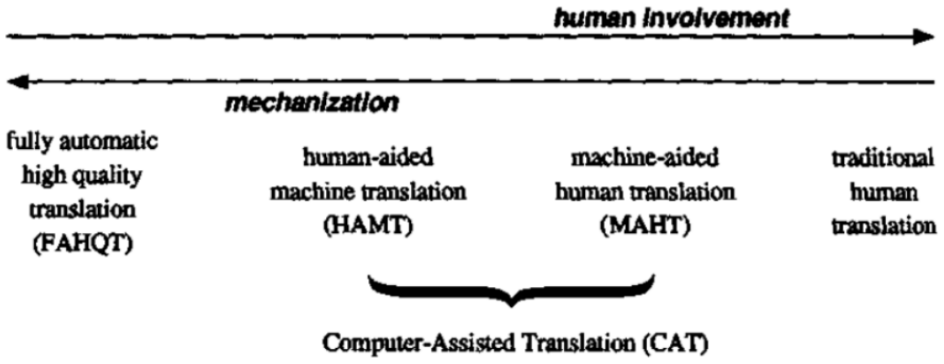


Figura 2 – Human and machine translation (Hutchins & Somers, 1992, p. 148)

No contexto da tradução, as ferramentas digitais passaram a assumir um papel central na organização do trabalho tradutório. Neste enquadramento, deixam de funcionar apenas como recursos de apoio, passando a integrar ambientes tecnológicos mais complexos, nos quais a interação entre humano e máquina se torna parte constitutiva do processo. Com o desenvolvimento dos sistemas de tradução automática (MT), impulsionados pela tradução automática neuronal e pela inteligência artificial (IA), os tradutores passam a interagir com as máquinas de forma mais dinâmica, sem, contudo, abdicar de um controlo crítico sobre o processo. Estas tecnologias deixaram de ser meros recursos de apoio, passando a constituir um ecossistema fechado no qual os profissionais de tradução desenvolvem a sua atividade. Este processo de plataformização da tradução situa-se no cerne do pós-digital, na medida em que a integração das ferramentas tecnológicas redefine as dinâmicas de poder e o papel do tradutor na produção de textos traduzidos.

2.3.1. A redefinição do tradutor pós-digital

Como foi exposto anteriormente, as dinâmicas que definem a era pós-digital resultam da consolidação das infraestruturas tecnológicas que estruturam cada vez mais a produção tradutória, causando alterações no papel do tradutor que são também reconhecidas a nível institucional. Nesse sentido, a conferência *Translation services in the digital world* da Direção-Geral da Tradução (DGT) da Comissão Europeia, em 2017, sublinhou que os serviços linguísticos contemporâneos operam num ambiente mais digitalizado, caracterizado pela integração de tecnologias avançadas e pela necessidade de novas competências profissionais. A partir daqui, o tradutor pós-digital emerge em articulação com processos técnicos, organizacionais e culturais mais amplos. A redefinição do tradutor no contexto pós-digital manifesta-se também na crescente importância de competências associadas à literacia digital. O projeto *Literacy in Digital Environments and Resources* (LT-LiDER), analisado por Sánchez-Gijón et al. (2024), constitui um exemplo significativo desta tendência ao procurar mapear as capacidades tecnológicas necessárias para trabalhar como profissional de tradução e linguagem numa indústria da tradução orientada por dados e fortemente digitalizada.

Moorkens (2017) também confirma que o trabalho do tradutor tem vindo a desenvolver-se num ambiente mais mediado por plataformas e sistemas digitais que organizam tarefas, prazos e processos de produção, muitas vezes marcado por pressões económicas e exigências de produtividade. À luz deste enquadramento, o autor aponta que as ferramentas de tradução deixam

de funcionar apenas como instrumentos de apoio e passam a integrar fluxos tecnológicos mais amplos que condicionam o próprio modo como o trabalho é distribuído e executado. Cronin (2013) observa que o estabelecimento da digitalização contínua dos processos de produção textual tende a intensificar a pressão temporal sobre os tradutores. Como o autor sugere, as tecnologias digitais aumentam a invisibilidade do tempo de trabalho efetivo necessário para compreender, interpretar e reformular textos, criando um desfasamento entre a velocidade de circulação da informação e o ritmo da atividade tradutória. Esta tensão entre aceleração tecnológica e processamento humano é também discutida por Do Carmo (2020), que observa que, em contextos altamente digitalizados, o tempo passa a constituir uma variável económica central na organização do trabalho tradutório, sendo frequentemente convertido em métricas de produtividade e desempenho quantitativo.

Como consequência, a era pós-digital ganha novas camadas e levanta novos desafios no que diz respeito à posição e às condições de trabalho dos tradutores humanos. Como demonstram Moorkens e Lewis (2019), a disseminação de tecnologias baseadas em dados levou à segmentação e reutilização sistemática de traduções previamente produzidas, inicialmente através de memórias de tradução e, mais recentemente, como dados de treino para sistemas de tradução automática baseados em aprendizagem automática. Este processo transforma traduções humanas em recursos de dados reutilizáveis, frequentemente sem reconhecimento claro da contribuição intelectual dos tradutores ou sem controlo sobre os usos subsequentes desses dados. Sahin e Gürses (2020) argumentam que o pós-digital cria um espaço semiótico na esfera da tradução, entendido como um ambiente global e digital onde textos traduzidos, dados e processos tradutórios coexistem e circulam de forma contínua, obrigando os tradutores a desenvolver a sua atividade no interior dessa mesma dinâmica. Por outras palavras, o produto do trabalho tradutório deixa de ser apenas um texto e passa a constituir também um conjunto de dados digitais suscetíveis de serem recolhidos, processados e explorados por grandes plataformas tecnológicas. Os autores alertam para o facto de que esta infraestrutura digital, cada vez mais controlada por grandes empresas, tem implicações sociais, económicas e políticas diretas para os tradutores humanos, nomeadamente no que diz respeito à proteção dos seus dados, aos direitos de propriedade intelectual e à possibilidade de apropriação do seu trabalho por prestadores de serviços tecnológicos. No cenário pós-digital descrito pelos autores, os tradutores deixam de simplesmente coexistir com a tecnologia e passam a operar dentro de ambientes computacionais que estruturam a própria prática tradutória. Por essa razão, defendem a necessidade de repensar

a organização deste espaço semiótico e de promover formas mais equitativas e sustentáveis de integrar a automação, de modo a garantir condições justas para os profissionais da tradução.

Esta perspetiva abre espaço para repensar a forma como a agência do tradutor pode ser compreendida em ambientes tecnológicos complexos. No âmbito dos estudos sociológicos da tradução, a agência é entendida não como uma capacidade individual autónoma, mas como uma forma de ação situada e condicionada pelas estruturas e redes em que os tradutores se inserem (Abdallah, 2012). Neste sentido, a capacidade de intervenção do tradutor emerge da sua posição em redes de produção, sendo moldada pelas relações com outros atores e pelos constrangimentos institucionais e tecnológicos que configuram o processo tradutório. Ainda em 2013, Cronin também apoia que a agência criativa não se concentra exclusivamente no sujeito humano, sendo antes distribuída por diferentes níveis do sistema tecnológico. Nesse contexto, a ação do tradutor aproxima-se da de um utilizador que opera dentro de um ambiente previamente estruturado, no qual existem margens de intervenção, mas também constrangimentos definidos pelas lógicas do sistema. Aplicada à tradução, o autor sugere que o tradutor passa a assumir um papel cada vez mais interativo (*interactor*), afastando-se de uma posição autoral tradicional no interior de ambientes tecnológicos integrados.

Apesar da alta automatização e das alterações na agência do tradutor, vários autores alertam para o facto de que estas transformações não podem ser compreendidas apenas em termos de eficiência tecnológica. Como se observa na literatura recente sobre a indústria da tradução, nomeadamente em trabalhos como os de Moorkens (2020) e do Carmo (2020), muitas análises concentram-se no quotidiano e no bem-estar dos tradutores, destacando os efeitos das novas estruturas dos fluxos de trabalho. A partir daqui, Moorkens analisa a redução da autonomia do tradutor, associada à integração do seu trabalho em cadeias de produção altamente controladas, enquanto do Carmo sublinha a pressão crescente exercida sobre os tradutores em fluxos de trabalho contemporâneos, marcada pela aceleração dos prazos e por expectativas elevadas de produtividade. Em conjunto, estas perspetivas refletem como as transformações tecnológicas não reconfiguram somente o processo tradutório, mas também têm impacto direto nas condições de exercício da profissão, podendo ocultar dinâmicas mais complexas relativas ao papel do tradutor no contexto atual.

Neste contexto de transformação das condições de trabalho e de reconfiguração do papel do tradutor, torna-se difícil ignorar uma das manifestações mais evidentes da era pós-digital na

tradução. A crescente integração da tradução em ecossistemas digitais, marcada pela automatização, pela mediação tecnológica e pela reorganização dos fluxos de produção textual, contribui para a emergência de novas formas de produção multilingue. É neste enquadramento que a localização se afirma enquanto domínio central dessa produção, refletindo não só uma mudança de práticas, como também uma reconfiguração estrutural da própria atividade tradutória. A análise deste fenómeno, bem como do seu impacto na definição contemporânea da tradução, será desenvolvida na secção seguinte.

2.3.2. A afirmação da localização

Num dos primeiros trabalhos sistematizados dedicados à área, Bert Esselink apresenta, em *A Practical Guide to Localization*, uma descrição abrangente dos processos envolvidos na localização. A obra assume explicitamente um carácter introdutório e fortemente orientado para a prática profissional, procurando explicar de forma clara e acessível os procedimentos técnicos e organizacionais que estruturam os projetos de localização. Nesse sentido, o livro funciona sobretudo como um guia operativo destinado a profissionais e estudantes que pretendem compreender o funcionamento da indústria da localização, oferecendo uma visão estruturada das suas principais etapas e ferramentas, mais do que um enquadramento teórico aprofundado do fenómeno. Partindo da definição proposta pela Localization Industry Standards Association (LISA), Esselink descreve a localização como o processo de tornar um produto linguística e culturalmente apropriado para um determinado *locale*, entendido como a combinação de país, região e língua em que esse produto será utilizado e comercializado (Esselink, 2000, 2003). A partir desta definição, o autor descreve a localização como um processo composto por múltiplas atividades interligadas, que incluem tipicamente a gestão de projetos, a tradução e engenharia de *software*, a adaptação de conteúdos *web* ou documentação, a publicação de materiais e a realização de testes funcionais de produtos localizados.

Neste livro, Esselink privilegia a estrutura de um guia prático destinado a explicar os processos operacionais da localização, adotando uma abordagem orientada para a prática industrial em detrimento da construção de um enquadramento teórico sistemático. Esta orientação revela-se particularmente relevante no contexto do presente relatório, na medida em que reflete a lógica operacional que caracteriza o trabalho em ambientes profissionais de tradução e localização, como aqueles observados em contexto de estágio. Por outro lado, a análise crítica de Anthony Pym sobre esta obra permite aprofundar a compreensão do enquadramento proposto por

Esselink. Segundo o autor, a definição de localização apresentada na obra expande-se significativamente, passando da adaptação de *software* para a adaptação de qualquer produto destinado a mercados internacionais, o que implica a integração de múltiplas tarefas, como gestão de projetos, engenharia, testes e publicação, para além da própria tradução. Esta ampliação conceptual leva Pym a questionar os limites disciplinares da tradução, sugerindo que a localização se afirma como um campo de práticas industriais que tende a ultrapassar o seu domínio tradicional, dando origem ao que o autor designa como um possível "imperialismo da localização" (Pym, 2001).

Esta evolução tem sido também reconhecida em estudos mais recentes sobre localização. Rothwell et al. (2023) sublinham que a localização envolve a adaptação linguística, cultural e técnica de produtos tecnológicos para grupos específicos de utilizadores finais, perspetiva que se aproxima da definição proposta por Folaron (2020), para quem a localização consiste na adaptação de tecnologia a contextos linguísticos e culturais distintos. De forma mais abrangente, Jiménez-Crespo (2019) descreve a localização como um conjunto de processos tradutórios complexos de natureza tecnológica, textual, comunicativa e cognitiva, que introduzem modificações em textos digitais interativos com o objetivo de os tornar utilizáveis em contextos socioculturais diferentes daqueles em que foram produzidos. O autor também observa como a expansão da *web* e dos serviços digitais conduziu a um crescimento significativo da localização, transformando-a num dos domínios mais dinâmicos da indústria da linguagem contemporânea.

Este desenvolvimento tem igualmente motivado reflexões teóricas sobre a posição da localização no campo dos Estudos da Tradução. Jiménez-Crespo (2013) propõe um enquadramento sistemático da área através de um mapeamento dos Estudos da Localização, distinguindo entre vertentes teóricas e aplicadas da investigação neste domínio. Como ilustra a Figura 3, os Estudos de Localização podem abranger desde abordagens teóricas e descritivas até áreas interdisciplinares aplicadas, relacionadas com formação, avaliação, gestão de projetos e ferramentas tecnológicas. Este enquadramento comprova a consolidação da localização enquanto campo de investigação autónomo, situado na intersecção entre os Estudos da Tradução, a tecnologia e os processos industriais de produção textual multilingue.

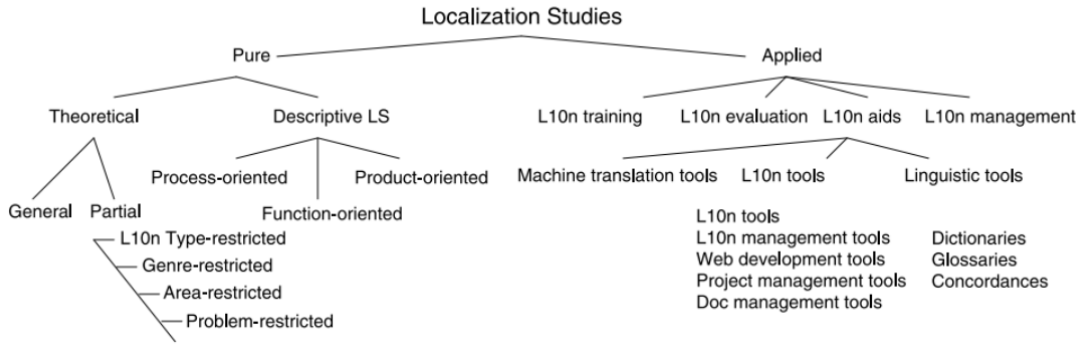


Figura 3 – Mapa dos Localization Studies, adaptado de Jiménez-Crespo (2013), com base no mapa dos Estudos da Tradução de Holmes (1988) e Toury (1995).

Paralelamente, a investigação em localização tem também procurado compreender os tipos de textos que emergem destes ambientes digitais. Como observa Jiménez-Crespo (2013), este domínio foi, durante bastante tempo, marcado por alguma confusão conceptual entre as noções de género textual e tipo de texto, na medida em que ambas foram utilizadas para classificar textos recorrentes, mas a partir de critérios distintos. Enquanto o género remete para formas textuais convencionalizadas associadas a práticas sociocomunicativas específicas, o tipo de texto diz respeito a categorias mais abstratas, definidas em função da sua configuração linguística e do seu propósito retórico. No contexto da localização, esta distinção torna-se particularmente relevante, uma vez que os textos localizados não correspondem apenas a categorias textuais tradicionais, mas integram-se em práticas comunicativas digitais específicas, condicionadas por suportes tecnológicos, funcionalidades interativas e restrições técnicas. Neste sentido, abordagens como as de Austermühl (2006) ou Folaron (2006) propõem analisar estes textos a partir das suas características estruturais, das suas restrições técnicas e das diferenças interculturais que condicionam a sua adaptação. A localização pode, assim, ser também compreendida enquanto um contexto específico de produção textual que envolve géneros digitais próprios, associados a produtos tecnológicos e a ambientes interativos, aspeto particularmente pertinente para o presente relatório, na medida em que permite enquadrar textos e interfaces semelhantes aos que circulam em contextos profissionais de tradução e localização.

2.4. Qualidade e regulação da prática tradutória

A questão da qualidade ocupa um lugar central nos estudos da tradução, sendo simultaneamente um dos temas mais debatidos e conceptualmente complexos dentro da disciplina. De forma alargada, Strandvik (2025) define a qualidade de uma tradução quando esta

evidencia níveis adequados de precisão e fluência para o público-alvo e para o propósito do texto, cumprindo as especificações acordadas entre o cliente e o prestador de serviços e tendo em consideração as necessidades dos utilizadores finais. Por outro lado, como observa o autor, a avaliação da qualidade tradutória constitui uma das áreas mais problemáticas de definir dentro dos estudos da tradução, precisamente porque diferentes abordagens teóricas sobre a tradução tendem a privilegiar critérios distintos para determinar o valor de uma tradução. Alguns modelos históricos centram-se na equivalência linguística entre o texto de partida e o texto de chegada, enquanto outros enfatizam fatores como a função comunicativa da tradução ou o efeito produzido no leitor.

Esta problemática ganha uma dimensão extratextual em Koby et al. (2014) que, para além de reforçarem que a qualidade da tradução permanece um conceito notoriamente difícil de definir, um dos principais desafios reside no facto de diferentes intervenientes no processo tradutório, incluindo tradutores, clientes, investigadores e utilizadores finais, poderem ter expectativas e objetivos distintos relativamente ao que constitui uma tradução de qualidade. Esta ideia acaba por encontrar um ponto de encontro em Strandvik (2025), que aborda que a qualidade de uma tradução só pode ser adequadamente avaliada quando existem critérios explícitos que definem os objetivos e requisitos do projeto tradutório. Sem essas especificações, torna-se difícil determinar se uma determinada solução tradutória é adequada ou inadequada, uma vez que os critérios de avaliação permanecem implícitos ou ambíguos.

Conforme apresentado por Munday (2016), esta diversidade de perspetivas reflete a própria evolução da disciplina, que passou progressivamente de modelos classificativos predominantemente linguísticos, como Halliday (1961), para modelos mais amplos que integram dimensões funcionais, pragmáticas e contextuais. Neste contexto, um dos contributos mais influentes para a avaliação da qualidade tradutória foi desenvolvido por Juliane House (1997), cujo modelo de análise é amplamente discutido na literatura da área. O modelo de House baseia-se numa comparação sistemática entre o texto de partida e o texto de chegada, procurando identificar e explicar divergências que possam afetar a equivalência comunicativa entre ambos. Neste sentido, a avaliação da qualidade tradutória procura envolver a identificação de diferenças linguísticas, funcionais e pragmáticas entre os dois textos, permitindo determinar em que medida a tradução preserva as funções comunicativas do original. Apesar da proposta de House representar um afastamento de modelos de avaliação centrados exclusivamente na linguagem ou

no objetivo comunicativo da tradução, continuaram a existir dificuldades em estabelecer critérios consensuais para definir o que constitui uma tradução de qualidade.

Devido à necessidade de interpretação da qualidade por parte de quem a assegura, deve reconhecer-se que a avaliação da qualidade nos Estudos de Tradução não pode basear-se exclusivamente em juízos intuitivos ou em impressões globais do avaliador. Pelo contrário, exige a definição prévia de parâmetros claros que permitam justificar e fundamentar as decisões avaliativas. Num cenário de ausência de critérios explícitos e com liberdade de julgamento humano, como pode ser confirmado através dos estudos de Guerberof-Arenas, em 2013, os resultados tendem a ser inconsistentes, difíceis de reproduzir e pouco transparentes, o que compromete tanto a comparabilidade entre traduções como a fiabilidade dos processos de controlo de qualidade.

Ao mesmo tempo, a evolução digital na tradução destaca a necessidade de enquadrar a qualidade tanto ao nível do produto final como dos processos que o sustentam. Esta perspetiva amplia o conceito de qualidade, associando-o não só ao texto traduzido, mas também às práticas, procedimentos e responsabilidades envolvidas na sua produção. É neste contexto que emergem modelos normativos e quadros de referência destinados a sistematizar a avaliação da qualidade, procurando conciliar exigências teóricas, operacionais e profissionais, como por exemplo o *SAE J2450 Translation Quality Metric*, que classifica erros técnicos, *ATA Framework for Standardized Error Marking*, um sistema desenvolvido e certificado pela associação americana dos tradutores, o *LISA QA Model*, um modelo de referência que representa a transição entre avaliações abrangentes e métricas estruturadas, o *Dynamic Quality Framework* (DQF), como quadro operacional e industrial que procura integrar variáveis como a função do texto, os requisitos do utilizador final e o contexto de produção da tradução, e, por último, o *Multidimensional Quality Metrics* (MQM), um modelo desenvolvido no âmbito do projeto europeu *QTLaunchPad* que permite identificar e classificar diferentes tipos de problemas tradutórios através de métricas flexíveis adaptáveis a diferentes projetos e contextos de utilização, e que será desenvolvido ao longo deste relatório.

Estes modelos comprovam a crescente tendência para o desenvolvimento da atividade tradutória em ambientes de produção mais estruturados, tornando-se evidente a necessidade de estabelecer procedimentos mais sistemáticos para garantir e avaliar a qualidade das traduções. Neste contexto, vários autores têm observado uma tendência crescente para a quantificação e

padronização dos processos de avaliação da qualidade, particularmente no âmbito da indústria da tradução e da localização. Como observam Castilho, Doherty, Gaspari e Moorkens (2018), a avaliação da qualidade tradutória tem vindo a evoluir no sentido de modelos cada vez mais estruturados e mensuráveis, refletindo o esforço da indústria para desenvolver metodologias mais consistentes de avaliação. Segundo estes autores, uma das manifestações mais significativas desta tendência consiste na tentativa de padronizar os parâmetros utilizados na avaliação da qualidade da tradução, sob o exemplo do desenvolvimento de uma certificação ISO relativa aos parâmetros da tradução, a ISO/TS 11669, cuja versão inicial, publicada em 2012, foi recentemente atualizada em 2024.

Esta tendência de normalização da prática tradutória encontra igualmente expressão no desenvolvimento de standards específicos para os serviços de tradução. Como observa Drugan (2013), a crescente profissionalização da indústria linguística conduziu à criação de diversos padrões destinados a estruturar os processos de produção tradutória e a promover maior transparência e consistência nas práticas profissionais. A autora sublinha que estas normas surgem num contexto em que a qualidade se torna num fator central de diferenciação entre prestadores de serviços linguísticos, levando muitas empresas a adotar modelos formais de gestão da qualidade e procedimentos documentados ao longo de todo o processo de tradução.

Um dos desenvolvimentos mais relevantes neste processo de normalização foi a criação da norma europeia EN 15038, publicada em 2006, que procurou estabelecer um conjunto de requisitos específicos para os serviços de tradução no contexto europeu. Esta norma definiu responsabilidades claras para os diferentes intervenientes no processo tradutório, bem como requisitos relativos às competências profissionais dos tradutores e revisores e à implementação de procedimentos de controlo de qualidade ao longo do fluxo de trabalho (Drugan, 2013). A EN 15038 constituiu, assim, um passo significativo na institucionalização de práticas profissionais padronizadas dentro da indústria da tradução.

Posteriormente, esta iniciativa foi ampliada a nível internacional através da publicação da norma ISO 17100, que veio substituir a EN 15038 e estabelecer um quadro mais abrangente para os serviços de tradução (ISO, 2015). Como observa Muegge (2015), a ISO 17100 surge como sucessora direta da EN 15038 e representa um dos principais padrões atualmente utilizados na indústria linguística, sendo uma norma de requisitos que permite a certificação formal dos prestadores de serviços de tradução.

Tal como outras normas da área, a ISO 17100 estabelece um conjunto de especificações relativas aos recursos, processos, competências e qualificações necessários para assegurar a prestação de serviços de tradução que cumpram as especificações acordadas entre cliente e fornecedor. Neste sentido, a norma desloca o foco da qualidade do produto final para a organização e controlo do próprio processo tradutório, incidindo não apenas sobre o texto traduzido, mas sobre todas as etapas do processo de produção. A norma define um conjunto de fases obrigatórias, incluindo tradução, revisão e procedimentos de controlo de qualidade, bem como critérios relativos às qualificações e experiência profissional dos intervenientes envolvidos no processo. Ao fazê-lo, institucionaliza uma conceção processual da qualidade, na qual esta é garantida através de procedimentos sistemáticos e documentáveis, independentemente das ferramentas ou tecnologias utilizadas.

Esta abordagem processual da qualidade encontra-se em sintonia com a reflexão teórica de Gouadec (2007), que sublinha a relevância da organização e gestão do trabalho tradutório como elementos essenciais para a garantia da qualidade. Para Gouadec, a qualidade na tradução não pode ser dissociada da forma como o trabalho é estruturado e coordenado, sendo dependente da integração de cada tradutor num sistema organizacional mais amplo. Assim, a qualidade não resulta apenas da habilidade linguística do tradutor, mas também da coordenação eficaz entre os diferentes intervenientes do processo tradutório, como gestores de projeto, revisores, terminólogos e outros especialistas, que devem trabalhar de forma sinérgica para garantir o sucesso do projeto. A qualidade torna-se, portanto, no resultado de práticas e procedimentos que envolvem tanto os produtos finais quanto os processos que os sustentam.

2.5. A formação do tradutor em contextos pós-digitais

Desde cedo, a formação de tradutores constitui uma das áreas centrais de reflexão nos Estudos da Tradução aplicados. Recuperando a organização e mapeamento da disciplina realizada por Holmes (1972) e considerando as implicações práticas da mesma, uma das primeiras questões que emerge é precisamente a do ensino da tradução. O autor distingue duas realidades distintas que separa cuidadosamente. Por um lado, a tradução foi durante séculos utilizada como técnica pedagógica no ensino de línguas estrangeiras, funcionando sobretudo como instrumento de aprendizagem e avaliação linguística. Por outro lado, surge mais recentemente ao lado dos Estudos da Tradução através da sua orientação para a preparação de tradutores profissionais, desenvolvida em cursos e programas especializados. É neste segundo sentido que se enquadra e

evolui a formação de tradutores, levantando questões fundamentais relacionadas com métodos de ensino, técnicas de avaliação e organização curricular. Para Holmes, a procura de respostas fundamentadas para estas questões passou a constituir uma das áreas mais importantes de investigação no âmbito dos Estudos da Tradução aplicados.

No entanto, a reflexão de Holmes não se limita à organização pedagógica da formação. O autor sublinha igualmente a importância dos chamados *translation aids* (recursos de tradução), isto é, instrumentos que apoiam tanto a formação como a prática profissional do tradutor. Entre esses recursos incluem-se tradicionalmente instrumentos lexicográficos, terminológicos e gramáticas contrastivas. Contudo, muitos deles foram desenvolvidos em disciplinas como a lexicografia ou a linguística contrastiva e nem sempre respondem plenamente às necessidades específicas da tradução, evidenciando a necessidade de investigação própria nos Estudos da Tradução aplicada para definir ferramentas mais adequadas à formação e à prática profissional do tradutor. Esta preocupação com os instrumentos e recursos da atividade tradutória antecipa, de certo modo, debates posteriores sobre o papel das tecnologias e das ferramentas especializadas na formação e na prática da tradução.

A crescente digitalização da produção e circulação de conteúdos contribuiu para ampliar significativamente o conjunto de ferramentas utilizadas na prática tradutória. Como observa Gouadec (2007), o trabalho do tradutor contemporâneo passou a desenvolver-se em ambientes tecnológicos complexos, que incluem *software* de processamento de texto, ferramentas de *desktop publishing*, sistemas de memória de tradução, motores de pesquisa e diferentes aplicações informáticas associadas ao tratamento e gestão de textos. Esta transformação está intimamente relacionada com a própria natureza dos materiais com que o tradutor trabalha, uma vez que um número crescente de documentos se encontra atualmente disponível apenas em formato digital, sendo frequentemente necessário digitalizá-los para permitir o seu processamento automático. Paralelamente, tanto os textos de partida como as traduções concluídas são hoje transmitidos quase sempre através da Internet, enquanto diferentes aplicações informáticas auxiliam os tradutores na execução de tarefas repetitivas e contribuem para ganhos de produtividade. Como consequência, tornou-se comum que o currículo de um tradutor em exercício inclua uma ampla diversidade de especializações, competências técnicas e uma extensa lista de ferramentas e técnicas informáticas (Gouadec, 2007).

Para compreender de que forma a tecnologia passou a integrar a formação de tradutores,

é necessário começar por perceber o seu papel no conceito de competência tradutória, que constitui um dos eixos centrais da investigação em Estudos da Tradução desde finais do século XX. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, vários autores procuraram definir o que distingue um tradutor competente, propondo diferentes modelos teóricos que descrevem o conjunto de conhecimentos, habilidades e capacidades necessárias para realizar a atividade tradutória de forma eficaz. Esta diversidade de abordagens reflete-se também na instabilidade terminológica associada ao conceito, que foi designado de diferentes formas, como *transfer competence* (Nord, 1991), *translational competence* (Toury, 1995; Hansen, 1997; Chesterman, 1997), *translator competence* (Kiraly, 1995), *translation performance* (Wilss, 1989*), translation ability* (Lowe, 1987; Pym, 1993; Stansfield et al., 1992) ou *translation skill* (Lowe, 1987). De forma geral, estes modelos iniciais centravam-se sobretudo nas dimensões linguísticas, cognitivas e culturais da tradução, entendendo a competência tradutória como um conjunto de conhecimentos linguísticos, capacidades interpretativas e estratégias de resolução de problemas tradutórios, ainda sem uma sistematização clara e consensual das suas componentes, como sublinham Orozco-Jutorán e Hurtado Albir (2002).

Nestes primeiros enquadramentos teóricos, a dimensão instrumental ou tecnológica tinha ainda um papel bastante limitado. Um exemplo representativo desta fase encontra-se no trabalho de Hurtado Albir (1996) que, embora já proponha uma organização sistemática das diferentes dimensões envolvidas na formação do tradutor, este modelo ainda não inclui referências explícitas a competências instrumentais ou tecnológicas, reflexo do contexto profissional da época e do estado ainda inicial da digitalização da atividade tradutória.

No entanto, à medida que a investigação sobre competência tradutória se desenvolve, os modelos começam progressivamente a incorporar novas dimensões relacionadas com o uso de ferramentas e recursos de apoio à tradução. Um marco importante neste processo surge com os trabalhos do grupo PACTE, que conceptualizam a competência tradutória como um sistema subjacente de conhecimentos e capacidades necessários para a realização da atividade tradutória, e que, nos seus modelos publicados em 2000 e posteriormente em 2003, introduzem explicitamente a chamada competência instrumental-profissional. Esta competência refere-se à capacidade de utilizar ferramentas documentais, recursos terminológicos e tecnologias de apoio à tradução, reconhecendo que o domínio desses instrumentos constitui uma parte integrante da prática profissional do tradutor.

A integração desta dimensão instrumental nos modelos de competência tradutória reflete uma transformação gradual no contexto profissional da tradução, marcada pela crescente utilização de ferramentas informáticas e recursos digitais no processo tradutório. Neste contexto, vários autores passam a reconhecer que o domínio de instrumentos tecnológicos, bases de dados terminológicas e sistemas de apoio à tradução constitui um elemento cada vez mais relevante na formação e no desempenho profissional dos tradutores. Um destes exemplos é de Kelly (2005), onde a dimensão instrumental surge de forma explícita na conceptualização da competência tradutória. A autora inclui uma competência profissional e instrumental que envolve o domínio de ferramentas informáticas utilizadas na prática profissional, bem como de instrumentos tradicionalmente associados à atividade do tradutor.

À medida que a digitalização ganha relevo na competência do tradutor, vários autores começam também a sublinhar que o domínio destas ferramentas não pode permanecer exterior ao processo formativo. Kenny (2020) observa que a crescente presença de tecnologias no trabalho tradutório transformou profundamente as condições em que os tradutores são formados, tornando praticamente impossível compreender a prática profissional contemporânea sem considerar o papel desempenhado por ferramentas digitais, sistemas de tradução assistida e outras infraestruturas tecnológicas que estruturam os fluxos de trabalho da indústria da tradução. Com o avanço do século XXI e a intensificação da digitalização das práticas tradutórias, a dimensão tecnológica passou a ocupar um lugar mais central nos modelos de competência profissional adotados por instituições de formação. Esta tendência é visível em quadros institucionais recentes, como o *EMT Competence Framework*, bem como em modelos de competências utilizados em sistemas de certificação profissional, como a *National Accreditation Authority for Translators and Interpreters* (NAATI), que passaram a identificar explicitamente uma competência tecnológica.

Mais recentemente, alguns autores têm procurado aprofundar esta dimensão, distinguindo explicitamente entre competências tecnológicas associadas ao uso de ferramentas de tradução e competências digitais mais amplas relacionadas com a literacia digital e a adaptação a ambientes de trabalho altamente digitalizados. Nitzke et al. (2019) analisam o desenvolvimento destas competências digitais e defendem que a digitalização do setor exige um reforço específico das capacidades e conhecimentos dos profissionais da linguagem, de forma a prepará-los para as exigências do mercado de trabalho contemporâneo. Os autores sublinham ainda que estas competências não devem ser entendidas apenas como uma extensão das competências

tradicionais do tradutor, mas como uma dimensão distinta que se diferencia tanto das competências gerais como das competências específicas da tradução.

De forma semelhante, Gavrilenko (2020) apoia também a criação de uma competência digital no tradutor, sendo esta dimensão cada vez mais relevante para o desenvolvimento futuro da carreira profissional do tradutor. Esta capacidade e a predisposição para utilizar tecnologias de informação de forma segura no processo de tradução especializada não implicam apenas dimensões técnicas e informacionais, mas também aspetos relacionados com a responsabilização e a ética do tradutor no ambiente digital, nomeadamente no que diz respeito à comunicação *online* e à utilização responsável da informação, integrando ainda componentes técnicas, informacionais, organizacionais e comunicacionais que se tornam centrais para o exercício profissional do tradutor em contextos digitais.

A evolução da competência digital evidencia igualmente um conjunto de dimensões transversais que a distinguem de outras competências tradicionalmente associadas à competência tradutória. No atual contexto de produção tradutória mediado por infraestruturas digitais, os textos traduzidos passam a integrar circuitos de circulação e reutilização de dados característicos dos ecossistemas tecnológicos contemporâneos (Sahin & Gürses, 2020), fenómeno que se articula com a segmentação e reutilização sistemática de traduções previamente produzidas descrita por Moorkens e Lewis (2019). Neste enquadramento, a competência digital deixa de se limitar ao domínio técnico de ferramentas, passando a integrar dimensões críticas, profissionais e éticas associadas ao funcionamento dos ecossistemas tecnológicos em que a tradução se insere, perspetiva que converge com a proposta de Gavrilenko (2020), para quem a componente digital da competência tradutória implica também responsabilidade e capacidade de utilização consciente e segura das tecnologias no exercício profissional.

Neste enquadramento, a crescente centralidade da competência digital na formação de tradutores pode também ser articulada com a perspetiva construtivista de Kiraly (2000), para quem a formação deve refletir de forma autêntica as condições reais da prática profissional, incluindo os instrumentos, métodos e ambientes tecnológicos em que o tradutor atua. Ao sublinhar que o conhecimento profissional é mediado pelos instrumentos utilizados e que a aprendizagem deve desenvolver autonomia e capacidade de adaptação a contextos em mudança, Kiraly antecipa a necessidade de preparar tradutores capazes de operar em ambientes tecnológicos complexos. Esta perspetiva converge com a análise de Gouadec (2007), que defende que a adaptação às

tecnologias deve ser acompanhada por uma formação orientada para a prática profissional e para as dinâmicas do mercado, exigindo especialização, flexibilidade e capacidade de resposta a um setor em rápida transformação.

III. Contextualização do estágio

3.1. Objetivos do estágio curricular

3.1.1. Objetivos gerais

A realização de um estágio curricular no âmbito do Mestrado em Tradução e Comunicação Multilingue tem como finalidade principal proporcionar ao estudante um contacto direto e sustentado com o contexto profissional da tradução, permitindo a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do percurso académico. O estágio constitui, assim, um espaço privilegiado de articulação entre a formação académica e a realidade empresarial, o que favorece o desenvolvimento de competências técnicas, operacionais, analíticas e críticas, todas estas essenciais ao exercício da profissão de tradutor num mercado cada vez mais marcado pela especialização e pela mediação tecnológica.

O estágio curricular realizado na RWS teve como objetivo central aprofundar conhecimentos no domínio da tradução em contexto empresarial, através da integração do estagiário numa empresa multinacional de serviços linguísticos, caracterizada por fluxos de trabalho altamente tecnologizados e por práticas orientadas por normas internacionais de qualidade. A imersão neste ambiente profissional permite compreender o funcionamento interno de uma grande organização da indústria da tradução, como será apresentado mais à frente na secção de Integração e Fluxo de Trabalho, nomeadamente no que respeita à gestão de projetos, à organização das equipas linguísticas, à aplicação de procedimentos normalizados e à utilização sistemática de ferramentas de tradução assistida por computador e de tradução automática.

Para além da vertente prática e operacional, o estágio procurou integrar uma dimensão analítica e reflexiva, orientada para a compreensão dos impactos da era pós-digital na prática da tradução e no papel do tradutor. Num contexto em que a automação e a inteligência artificial, nomeadamente através da tradução automática neuronal e dos modelos de linguagem em grande escala, se encontram profundamente integradas nos fluxos de trabalho, tornou-se essencial analisar de que forma estas tecnologias transformam os processos tradutórios e redefinem as competências exigidas aos profissionais da área. Deste modo, o estágio permitiu observar diretamente a convivência entre intervenção humana e processos automáticos, bem como refletir

sobre os limites da tradução automática e a necessidade de abordagens híbridas que conciliem eficiência tecnológica e sensibilidade linguística, cultural e discursiva.

Neste enquadramento, o estágio teve igualmente como objetivo proporcionar contacto e reflexão sobre questões éticas associadas à utilização de tecnologias baseadas em inteligência artificial no contexto da tradução e das grandes indústrias, nomeadamente no que respeita à autoria, à privacidade, à proteção de dados e à propriedade intelectual. A abordagem destes temas permitiu desenvolver uma compreensão mais ampla do ecossistema tecnológico em que o tradutor se insere, bem como refletir sobre o seu papel enquanto agente humano num contexto profissional cada vez mais marcado pela automação.

Acresce que o estágio procurou também integrar uma componente de autoavaliação do desempenho e do progresso do estagiário ao longo da experiência profissional. Esta dimensão revela-se importante para medir, gerir e retirar *feedback* da experiência de estágio, permitindo recapitular a aprendizagem realizada, identificar margens de progressão e reconhecer erros sistemáticos, numa perspetiva de consolidação formativa e de reflexão crítica sobre a prática tradutória.

3.1.2. Objetivos específicos

Um dos principais objetivos do estágio consistiu no desenvolvimento e consolidação de competências práticas em tradução e pós-edição de tradução automática, atividades que assumem atualmente um papel central no mercado profissional. A realização de projetos reais permite aprofundar o domínio de ferramentas CAT, com particular destaque para o *Trados Studio*, o *software* principal no fluxo de trabalho da RWS, bem como compreender a forma como as memórias de tradução, as bases terminológicas e os motores de tradução automática se articulam no processo tradutório. O contacto quotidiano com estes recursos tecnológicos possibilitou não só o aumento da eficiência operativa, mas também uma reflexão crítica sobre o impacto destas ferramentas na consistência terminológica, na qualidade linguística e na produtividade do tradutor.

Paralelamente, o estágio teve como objetivo a familiarização com os procedimentos de garantia da qualidade adotados em contexto empresarial. A observação e aplicação destes procedimentos permitiram compreender a importância da revisão sistemática, da verificação de qualidade e do controlo dos diferentes parâmetros que intervêm na prestação de serviços de

tradução profissionais. Através da participação em projetos com clientes e prazos reais, tornou-se possível adquirir uma visão concreta sobre a organização metodológica do trabalho tradutório, desde a receção do projeto até à sua entrega final, bem como sobre a relação entre tempo, qualidade e rentabilidade no contexto da indústria da tradução.

Outro objetivo específico consistiu em observar a transição formativa do estudante quando passa a ser inserido nos fluxos de trabalho de uma empresa, procurando compreender de que forma esse processo se manifesta na qualidade do seu trabalho e na sua produtividade. Neste sentido, procurou-se analisar de que modo o percurso formativo anterior continua a marcar presença nesta transição, influenciando a qualidade, a velocidade de execução e o desempenho global de um tradutor estagiário em início de carreira.

Para além da análise do tradutor estagiário, procurou-se igualmente recolher informação e compreender o funcionamento interno da empresa a diferentes níveis. Tal incluiu a observação de indicadores de produtividade e qualidade, dos pareceres de outros tradutores e revisores, dos sistemas tecnológicos internos da empresa, das metodologias tradutórias e de metodologias de trabalho externas à tradução, em contexto corporativo. Deste mesmo modo, procurou-se compreender melhor o funcionamento dos processos de formação interna, os modos de preparação para lidar com diferentes tarefas e os sistemas de resolução de problemas, tanto no processo tradutório como no plano organizacional.

Por fim, o estágio teve igualmente como objetivo servir de base empírica e conceptual para a elaboração do presente relatório de estágio. A recolha de dados relacionados com produtividade, qualidade e tipologia de tarefas, bem como a observação sistemática dos fluxos de trabalho e das práticas profissionais da empresa, permitiram sustentar a reflexão académica desenvolvida ao longo do relatório. A articulação entre experiência prática e enquadramento teórico possibilita não só a consolidação de competências fundamentais para a futura atuação profissional, mas também uma análise crítica da tradução especializada no contexto pós-digital, percebendo o papel do tradutor enquanto mediador linguístico, cultural e ético num setor em constante transformação.

3.2. Entidade de acolhimento

O estágio curricular que serve de base ao presente relatório foi realizado na RWS, uma empresa multinacional de serviços linguísticos com forte presença no mercado global da tradução e da localização. Fundada em 1958, sob a designação *M.H. Randall & Partners*, a RWS consolidou-se ao longo das últimas décadas como uma das principais prestadoras de serviços linguísticos a nível internacional, contando atualmente com dezenas de escritórios distribuídos por vários países e servindo clientes de múltiplos setores de atividade.

A posição de destaque da RWS no setor foi reforçada em 2020, com a aquisição da SDL, uma das maiores empresas de tecnologia linguística e serviços de tradução a nível mundial. Esta aquisição permitiu à empresa integrar e expandir um vasto conjunto de soluções tecnológicas, consolidando a sua aposta estratégica na inovação digital, na automação de processos linguísticos e na utilização de ferramentas avançadas de tradução assistida e tradução automática. Para além de serviços de tradução e revisão, a *RWS* oferece soluções de pós-edição, localização de *software*, legendagem, gestão terminológica e consultoria linguística, adaptando-se às necessidades específicas de clientes de áreas como tecnologia, marketing, indústria, ciências da vida, finanças e direito.

Em Portugal, a RWS dispõe de uma filial localizada no Campo 24 de Agosto, no Porto, onde decorreu o estágio curricular. Esta filial integra-se plenamente na estrutura global da empresa e é composta por várias equipas especializadas em áreas distintas, como indústria automóvel, marketing e tecnologia. A RWS destaca-se, neste contexto, pela utilização de ferramentas de tradução assistida de última geração, com especial destaque para o *Trados Studio*, *software* desenvolvido pela própria empresa e amplamente utilizado como ferramenta central nos seus fluxos de trabalho.

3.3. Descrição do estágio

O estágio curricular decorreu na filial da RWS localizada no Porto, entre 3 de fevereiro de 2025 e 30 de abril de 2025, com uma duração aproximada de 12 semanas. O regime de trabalho adotado foi híbrido, combinando trabalho presencial no escritório com trabalho remoto, de acordo com as práticas da empresa e a organização da equipa. O horário de trabalho correspondia a oito

horas diárias, em conformidade com o regime laboral em vigor, permitindo alguma flexibilidade na hora de entrada, entre as 8h00 e as 9h30.

Durante o estágio, existia uma pausa para almoço com duração variável, podendo ocorrer entre as 12h00 e as 14h30, em função da organização das tarefas diárias e das necessidades operacionais. Adicionalmente, a *RWS* oferece aos seus colaboradores a opção designada por *Happy Friday*, que permite a acumulação de 15 minutos adicionais de trabalho de segunda a quinta-feira, possibilitando a saída uma hora mais cedo à sexta-feira, perfazendo apenas sete horas de trabalho nesse dia. Este modelo contribui ligeiramente para uma maior flexibilidade e equilíbrio entre a vida profissional e pessoal.

No que respeita à organização interna, o escritório do Porto integra diferentes equipas ligadas à gestão e à produção linguística. Esta estrutura permite à empresa responder de forma eficaz a volumes elevados de trabalho, assegurando simultaneamente o cumprimento de prazos rigorosos e elevados padrões de qualidade.

O estágio curricular foi realizado no seio da equipa *Electronics*, uma das equipas de tradução do escritório do Porto que se caracteriza pela diversidade de áreas com que trabalha. Esta equipa assume projetos de tradução e pós-edição em domínios como tecnologia, eletrónica, marketing, ciências da vida, finanças e conteúdos relacionados com *software*, proporcionando um contacto alargado com diferentes tipologias textuais e graus de especialização. A integração nesta equipa permitiu uma participação ativa em projetos reais, com clientes e exigências concretas, favorecendo uma aprendizagem progressiva e contextualizada.

A integração no estágio teve início com um conjunto de formações iniciais ministradas por membros da *RWS*, destinadas a enquadrar o estagiário nos aspetos técnicos, organizacionais e práticos do trabalho desenvolvido na empresa. Estas formações foram realizadas através de plataformas *web* internas, que disponibilizam módulos detalhados sobre ferramentas de tradução assistida, tradução automática, terminologia e garantia da qualidade. Adicionalmente, foram apresentados os principais sistemas internos da empresa, como o *Helix*, utilizado para a gestão e atribuição de tarefas, e o *Timesheet*, ferramenta destinada ao registo das horas de trabalho e à medição da produtividade.

3.4. O perfil do estagiário

A integração do estagiário no Mestrado em Tradução e Comunicação Multilingue assenta num percurso académico prévio que conferiu uma base linguística, analítica e tecnológica sólida. Antes da aquisição das competências específicas do mestrado, o estagiário apresentava já um perfil formativo consistente, resultante de uma formação orientada para o domínio da língua, a reflexão linguística e um primeiro contacto com tecnologias aplicadas ao trabalho linguístico.

A formação inicial teve lugar na licenciatura em Línguas Aplicadas, frequentada na Universidade do Minho, que desempenhou um papel central no desenvolvimento das competências linguísticas do estagiário, tanto na língua de partida como na língua de chegada. O plano de estudos privilegiava um ensino aprofundado da língua, articulado com áreas como a linguística e as tecnologias de informação, promovendo a consolidação de uma consciência metalinguística e de uma postura confiante perante a linguagem, fundamentais para o exercício da tradução especializada.

No início da licenciatura, ocorreu um primeiro contacto com a dimensão tecnológica da tradução através da utilização de uma ferramenta CAT na *web*, o *Smartcat*. Embora este contacto tenha tido um valor formativo limitado, constituiu a primeira interação com a tradução assistida por computador e um ponto de partida para a familiarização com a tecnologia no processo tradutório, assumindo relevância sobretudo numa perspetiva retrospetiva.

Numa fase posterior, a unidade curricular de Tradução Especializada proporcionou uma entrada mais estruturada na área, permitindo o contacto com textos especializados e com exigências mais próximas da prática profissional, funcionando como um momento de transição entre uma formação predominantemente linguística e uma abordagem mais orientada para a tradução. Em conjunto, estas experiências contribuíram para a construção de um percurso académico coerente. À entrada no Mestrado em Tradução e Comunicação Multilingue, o estagiário apresentava, assim, um perfil caracterizado por uma sólida competência multilingue, que serviu de base ao desenvolvimento das competências técnicas, metodológicas e profissionais aprofundadas no ciclo de estudos seguinte.

No âmbito do mestrado, as aprendizagens realizadas foram sendo progressivamente mobilizadas no contexto do estágio, sobretudo no que respeita à utilização de ferramentas de

tradução assistida, à gestão de memórias de tradução e à articulação com recursos como bases terminológicas e motores de tradução automática. Paralelamente, o contacto com unidades curriculares de natureza metodológica contribuiu para o desenvolvimento de uma abordagem mais consciente ao processo tradutório, permitindo ao estagiário fundamentar as suas decisões e estruturar o trabalho de forma mais eficiente.

No plano terminológico, o contacto com modelos de análise da combinatória lexical, como o quadro conceptual apresentado por Iriarte Sanromán (2000, 2011), revelou-se particularmente relevante. Este modelo, que distingue entre combinações livres e não livres, incluindo colocações, expressões idiomáticas e quase-frasemas, foi progressivamente interiorizado como instrumento de apoio à análise terminológica. Durante o estágio, esta referência teórica foi mobilizada de forma recorrente na interpretação de unidades lexicais em contexto, assumindo um papel central na identificação e resolução de problemas terminológicos, como será demonstrado na secção dedicada à terminologia.

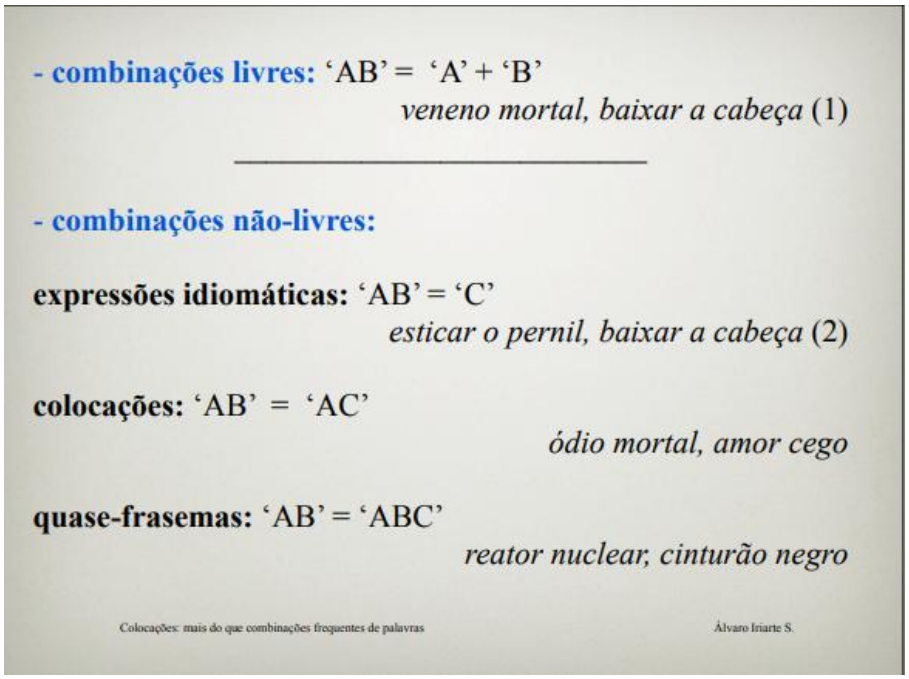


Figura 4 – Quadro conceptual sobre colocações apresentado por Iriarte Sanromán (2011) em "Colocações: mais do que combinações frequentes de palavras", no âmbito das I Jornadas Internacionais Per-Fide: Corpora & Terminologia, Universidade do Minho.

Adicionalmente, o contacto com abordagens processuais da tradução e com metodologias de análise, bem como com princípios de linguística de *corpus*, contribuiu para o desenvolvimento de uma sensibilidade orientada para os dados, que viria a refletir-se na análise da qualidade e da

produtividade desenvolvida neste relatório. Por outro lado, unidades curriculares centradas na gestão de projetos, revisão de qualidade e ferramentas avançadas permitiram uma aproximação ao funcionamento da indústria da tradução, preparando o estagiário para a integração em fluxos de trabalho complexos e tecnologicamente mediados.

Em conjunto, estas aprendizagens não se traduziram apenas na aquisição de competências isoladas, mas na construção de um quadro de referência coerente que orientou a prática do estagiário em contexto profissional. Esta secção não pretende, assim, apresentar uma descrição exaustiva do percurso formativo, mas antes destacar as aprendizagens e referências teóricas mais relevantes para a compreensão da prática desenvolvida durante o estágio e da análise apresentada ao longo do relatório.

3.5. Integração

A preparação técnica do estagiário para a integração no fluxo de trabalho da RWS foi estruturada desde o início através de uma combinação entre formações dirigidas, acompanhamento próximo e aprendizagem autónoma em ambiente digital. A abordagem formativa revelou-se sistemática, progressiva e orientada para a prática, refletindo a lógica das empresas altamente tecnológicas do setor da tradução profissional.

Logo nas primeiras semanas, o estagiário teve acesso a várias formações formais, sendo particularmente relevante a formação específica sobre o *Trados Studio* com integração *GroupShare*. Esta sessão apresentou, de forma sequencial e detalhada, todos os passos necessários para executar projetos de tradução com base nesta ferramenta, incluindo aspetos como o acesso a projetos partilhados, ligação à memória de tradução e bases terminológicas, segmentação, aplicação do *QA*, utilização do *Compare* e submissão final. Considerando que esta foi a principal plataforma utilizada durante o estágio, esta formação constituiu um pilar essencial para a atuação profissional do estagiário.

Para além desta, foi igualmente ministrada uma formação dedicada ao *Helix*, plataforma interna responsável pela atribuição e gestão de tarefas, onde o estagiário aprendeu a aceder aos projetos, consultar instruções, marcar o início e fim da tradução e acompanhar o estado geral do fluxo de trabalho. Complementarmente, uma terceira formação centrou-se no ficheiro Excel de monitorização de tarefas, documento partilhado por toda a equipa, onde o estagiário registava a

sua disponibilidade, visualizava os projetos atribuídos, prazos, *leads*, revisores e *feedback* técnico. Esta ferramenta funcionou como a base operacional para a entrada ativa do estagiário na equipa de tradução, permitindo-lhe posicionar-se como tradutor disponível para trabalho e sujeito ao acompanhamento coletivo da equipa.

A integração não se limitou ao conteúdo técnico. O estagiário beneficiou do acompanhamento de um mentor interno, atribuído especificamente para prestar apoio contínuo, esclarecer dúvidas técnicas ou processuais e facilitar a adaptação ao ambiente corporativo. Paralelamente, a *line manager* da equipa organizou reuniões semanais com o estagiário, alternando o acompanhamento que forneceu com o do mentor. Esta presença constante permitiu a resolução imediata de problemas, a partilha de boas práticas e a consolidação de uma aprendizagem refletida e progressiva.

Para além das formações formais e do acompanhamento humano, o estagiário teve acesso à plataforma *My Learning Experience* (*MyLX*), que disponibiliza um vasto repositório de módulos formativos internos. Esta plataforma permitiu-lhe, com alguma autonomia, escolher as áreas temáticas mais relevantes para o seu desenvolvimento, desde questões linguísticas específicas até aspetos relacionados com ferramentas, qualidade e segurança da informação.

A articulação entre estas várias dimensões formativas (técnica, colaborativa e autónoma) revela um modelo de formação ancorado na prática, mas fortemente apoiado por uma infraestrutura tecnológica e humana. Neste contexto, a aprendizagem decorreu não como uma fase isolada, mas como um processo contínuo e transversal ao estágio, em linha com as exigências da tradução profissional.

3.6. Fluxo de trabalho com o *Trados Studio*

Durante o estágio, o *Trados Studio* com integração *GroupShare* destacou-se como a ferramenta central em praticamente todo o trabalho realizado. De um total de 184 projetos, 168 foram executados neste ambiente colaborativo, o que representa cerca de 91% da carga total de trabalho. Esta predominância justifica-se não só pela robustez técnica do *Studio*, mas também pelo facto de ser a norma operacional definida pela empresa para a maioria dos clientes.



Gráfico 1 – Distribuição de projetos por ferramenta CAT (Elaboração Própria)

A utilização desta ferramenta foi acompanhada, logo no início, pela formação referida que percorreu todas as etapas essenciais do processo, desde a abertura de um projeto no *GroupShare* até à sua entrega final.

O fluxo de trabalho seguido com o *Trados Studio* e o *GroupShare* revelou-se bastante sistemático, tendo sido repetido na grande maioria dos projetos. O processo, na prática, era composto por várias etapas principais:

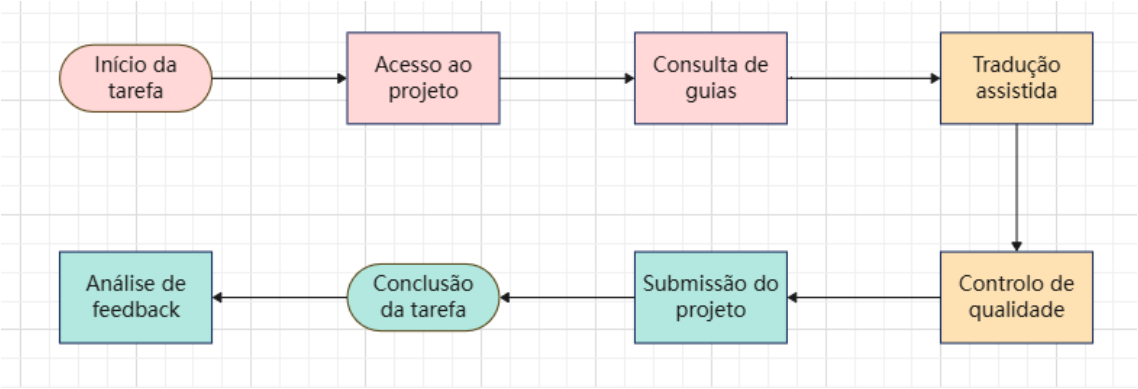


Figura 5 – Fluxo de trabalho com o Trados Studio (Elaboração Própria)

A explicação do processo representado no diagrama organiza-se por etapas, correspondentes às fases principais do trabalho:

1. Assinalar no ficheiro partilhado *Tasks* o início da realização do projeto.

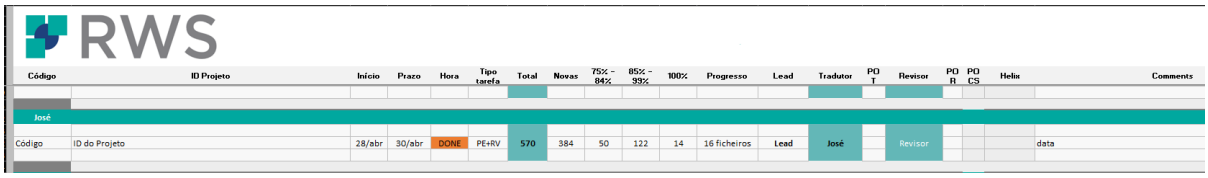


Figura 6 – Captura de ecrã do ficheiro Tasks

2. Acesso ao projeto através do servidor do *GroupShare*, inerente ao *Trados Studio*, onde o estagiário encontrava a lista de projetos disponíveis, filtrados por cliente, estado e código, marcando o acesso através da opção *Check Out*.

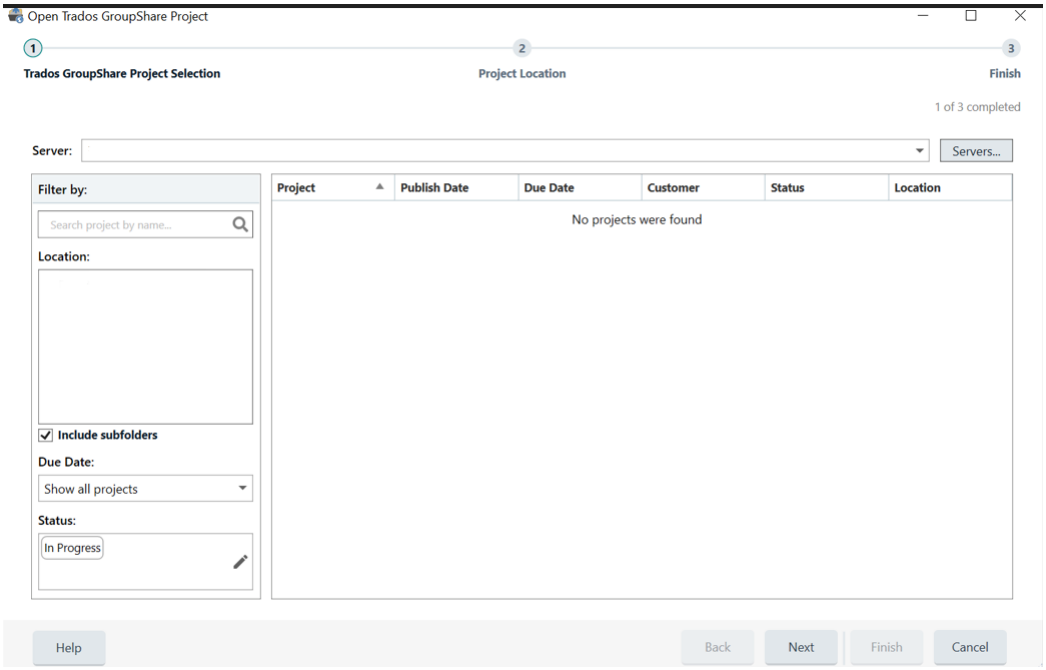


Figura 7 – Interface do Trados GroupShare (reproduzido da aplicação Trados Studio)

3. Consulta das instruções associadas ao projeto: ficheiros de referência, guias de estilo, notas específicas ou glossários, normalmente acessíveis através do *Helix* ou partilhadas diretamente pela equipa.
4. Tradução assistida com o apoio da memória de tradução (TM) e da termbase (TB). O estagiário trabalhava no *Trados Studio* com o projeto sincronizado, tirando partido da segmentação automática e da integração das sugestões da memória.

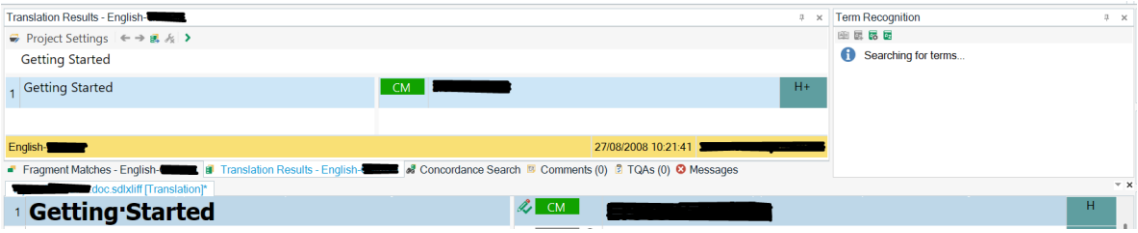


Figura 8 – Interface do processo de tradução no Trados Studio (reproduzido da aplicação Trados Studio)

5. Aplicação do *QA* interno do *Trados Studio* ou do *Xbench*, onde os sistemas identificavam eventuais incongruências, omissões ou erros formais, com especial destaque para unidades de medida, números, pontuação e consistência terminológica.
6. Submissão do projeto, diretamente no ambiente sincronizado, ficando este disponível para revisão interna, através da opção *Check In*.
7. Assinalar no ficheiro partilhado *Tasks* a conclusão da realização do projeto, para que o revisor possa dar início à revisão.
8. Análise dos compares, quando aplicável, que permitiam ao estagiário rever lado a lado a sua tradução e as alterações feitas pelos revisores. Esta análise revelou-se uma ferramenta de aprendizagem extremamente eficaz, especialmente nas primeiras semanas, ajudando a assimilar erros frequentes e a interiorizar as preferências estilísticas e terminológicas da equipa.

Este fluxo de trabalho, embora tecnicamente exigente, tornou-se progressivamente mais intuitivo, sobretudo devido à repetição dos procedimentos e ao apoio constante da equipa. A integração do *GroupShare* com o *Trados Studio* facilitava não só o acesso aos projetos como também a consistência da informação, já que as memórias partilhadas eram atualizadas em tempo real e refletiam o trabalho coletivo de toda a equipa.

Importa ainda referir a clareza e flexibilidade da interface do *Trados Studio*, que permitia ao estagiário adaptar o espaço de trabalho às suas preferências, visualizar estatísticas por tipo de segmento (novos, *fuzzy* ou 100%) e acompanhar o progresso da tradução em tempo real.

Em suma, o *Trados Studio* com *GroupShare* não foi apenas a ferramenta mais usada ao longo do estágio, foi o espaço digital principal onde o trabalho aconteceu. A sua utilização

constante moldou não só a rotina de trabalho como também a forma como o estagiário pensou, organizou e melhorou o seu desempenho tradutório ao longo do tempo.

3.6.1. Outras ferramentas CAT

Embora a maioria dos projetos realizados ao longo do estágio tenha sido desenvolvida no ambiente *Trados Studio* com *GroupShare*, uma pequena parte (cerca de 9%) exigiu a utilização de outras ferramentas com metodologias, interfaces e fluxos de trabalho distintos. Este contacto, ainda que pontual, foi valioso para o desenvolvimento da capacidade de adaptação a diferentes contextos técnicos, consolidando uma competência cada vez mais essencial no mercado da tradução: a versatilidade tecnológica.

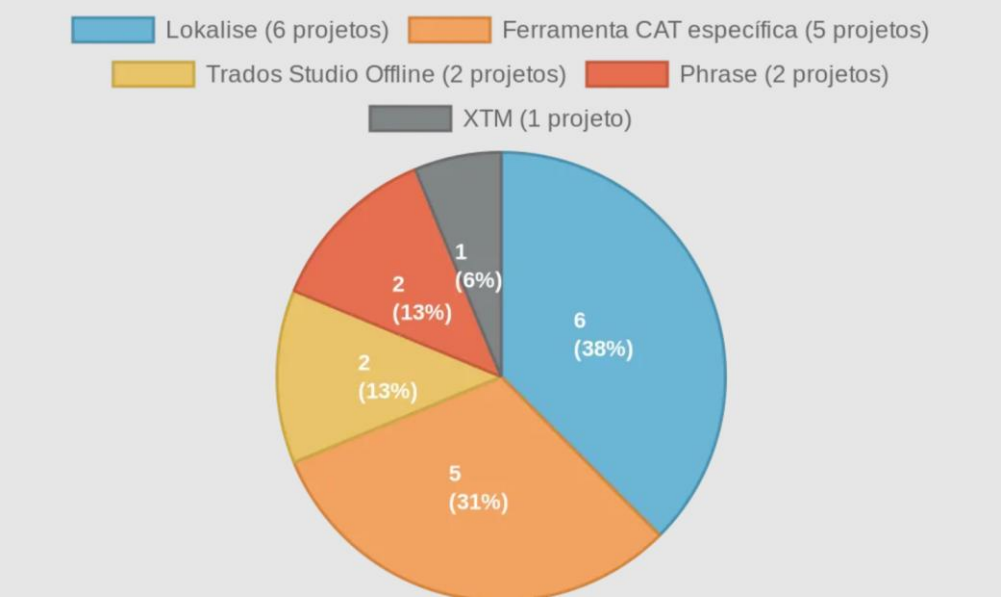


Gráfico 2 – Distribuição das outras ferramentas CAT utilizadas (Elaboração Própria)

O contacto com a plataforma *Lokalise*, em seis projetos, permitiu explorar uma metodologia baseada inteiramente na *web*, com forte componente colaborativa e destinada à localização de conteúdos. A interface permitia interagir diretamente com segmentos curtos, com acesso a histórico, contexto e comentários. Embora prática, a plataforma revelava-se menos robusta no que toca a validações automáticas e organização do fluxo de trabalho.

A ferramenta CAT específica de um dos clientes, utilizada em cinco projetos, apresentou uma interface muito simples e pouco flexível. Apesar da pobreza de recursos visuais e funcionais, esta plataforma incorporava já internamente as orientações estilísticas da empresa, tanto a nível

da memória de tradução como do sistema automatizado de *QA*, o que orientava claramente o trabalho do tradutor na direção esperada. Os projetos realizados nesta ferramenta consistiram, na maioria, em tarefas de pós-edição, com elevado grau de uniformização textual.

O Trados Studio, através de pacotes *offline*, foi utilizado em dois projetos, seguindo uma metodologia solicitada especificamente por alguns clientes. Ao contrário do fluxo via *GroupShare*, o tradutor recebia um pacote fechado que devia ser extraído localmente. O processo exigia uma verificação da aplicação correta das memórias de tradução e bases terminológicas incluídas no pacote, a revisão da segmentação e a preparação do ficheiro traduzido para pós-edição. Após a conclusão, todos os ficheiros eram verificados manualmente antes de "reembrulhar" o pacote para envio à revisão. Esta abordagem requereu maior controlo técnico e atenção ao detalhe.

A ferramenta *Phrase*, também utilizada em dois projetos, ofereceu uma experiência de tradução simples e direta. A interface era clara, estável e fácil de navegar, e o processo de tradução decorreu de forma linear. O sistema integrava a TM do cliente e facilitava o controlo da progressão e entrega dos ficheiros. Devido à simplicidade e baixo volume de palavras de ambos os projetos, a exploração desta ferramenta acabou por ser mais reduzida.

A plataforma *XTM*, utilizada apenas num projeto, apresentou-se como bastante intuitiva e fácil de usar. Ainda assim, revelou limitações evidentes quando comparada com o *Trados Studio*, especialmente na ausência de ferramentas complementares de *QA*, opções de filtragem e personalização do espaço de trabalho. Esta experiência permitiu, contudo, explorar um sistema amplamente utilizado no setor e consolidar a capacidade de adaptação a novos ambientes digitais.

Independentemente da sua frequência, estas ferramentas desempenharam um papel relevante na formação do estagiário enquanto profissional. A oportunidade de interagir com várias interfaces, fluxos e lógicas operacionais distintas reforçou a sua capacidade de adaptação e preparou-o para a realidade do mercado atual, onde a diversidade tecnológica e os requisitos específicos de cada cliente impõem ao tradutor uma agilidade constante no manuseamento de múltiplos sistemas.

3.6.2. Infraestrutura digital da RWS

O estágio decorreu num ambiente altamente digitalizado, onde todas as tarefas foram desenvolvidas num *desktop* virtual *Citrix*, uma plataforma que funcionava como ambiente central

de trabalho. Este ambiente virtual concentrava todas as ferramentas essenciais ao trabalho: as ferramentas CAT, os sistemas internos de gestão, os programas de *QA* e de comparação textual, bem como os ficheiros de trabalho e as bases terminológicas. O *Citrix* permitia aceder remotamente, com segurança, a uma infraestrutura centralizada da empresa, garantindo uniformidade, proteção de dados e sincronização entre equipas distribuídas por diferentes fusos horários. Era ali que tudo acontecia, desde a abertura do projeto até à entrega final, e, de certa forma, este espaço digital espelha o cenário pós-digital em que a prática tradutória contemporânea se inscreve.

Para além das ferramentas de tradução propriamente ditas, o estagiário trabalhou diariamente com três ferramentas internas centrais para a gestão, monitorização e comunicação de tarefas: o *Helix*, a *Timesheet* e o *Tracker*. Cada uma cumpria uma função distinta, mas todos faziam parte da engrenagem que sustentava o processo tradutório profissional.

O *Helix* funcionava como plataforma de apoio à gestão de projetos numa escala organizacional mais ampla. Através dele, era possível consultar as instruções do cliente, aceder à documentação de apoio, acompanhar o ciclo de vida do projeto e sinalizar formalmente o início e o fim da tarefa de tradução. Servia também como meio de comunicação indireta entre gestores de projeto, tradutores e revisores, assegurando que todos tinham acesso às mesmas orientações. A sua estrutura organizada e segmentada facilitava a execução das tarefas, mantendo uma linha de continuidade entre todos os intervenientes.

A *Timesheet* era a ferramenta de registo do tempo efetivo de trabalho, estando instalada no ambiente virtual. Permitia iniciar e terminar sessões de trabalho com precisão, classificar cada entrada segundo o tipo de tarefa realizada (tradução, pós-edição, QA, reuniões, formação, entre outras) e associá-la ao cliente e ao projeto correspondente. Além disso, era possível registar pausas, saídas ou tempo de almoço. Esta aplicação fornecia dados concretos sobre o investimento diário em cada atividade, sendo crucial para a análise da produtividade dentro da empresa. Para o estagiário, o uso da *Timesheet* promoveu não só o rigor, mas também o desenvolvimento de competências de gestão e planeamento.



Figura 9 – Timesheet (RWS)

Já o *Tracker* era uma folha de cálculo partilhada entre os membros da equipa, onde eram registados, em tempo real, os projetos atribuídos, os leads, revisores e tradutores, prazos de entrega, comentários técnicos e outras informações relevantes. Através desta ferramenta, o estagiário assinalava a sua disponibilidade para novos projetos, consultava as instruções associadas a cada tarefa e acompanhava o *feedback* recebido após a revisão. O *Tracker* foi uma fonte constante de aprendizagem, sobretudo pela capacidade organizacional que exigiu ao longo do estágio.

Tabela 1 – Estrutura do Tracker (Elaboração Própria)

Código/ID do projeto	Data de entrega	Tipo de tarefa	Total de palavras	Distribuição de palavras novas e *fuzzies*	Progresso	*Lead,* Tradutor, Revisor	Comentários

O contacto quotidiano com estas ferramentas evidenciou que a atividade de tradução, no atual contexto profissional, exige muito mais do que competência linguística. Exige literacia digital, capacidade de navegação entre sistemas complexos e uma postura de atenção constante ao

funcionamento global das equipas e dos fluxos de trabalho. Ao integrar este ecossistema digital, o estagiário desenvolveu não só competências técnicas, mas também uma maior consciência sobre a lógica organizativa da tradução profissional num cenário cada vez mais orientado por plataformas e interfaces tecnológicas.

IV. A experiência de estágio

Ao longo do estágio curricular foram realizados 184 projetos distintos, dos quais 176 corresponderam a tarefas de pós-edição e 8 a traduções de raiz. Esta distribuição mostra, desde logo, a natureza predominantemente tecnológica do trabalho desenvolvido, em que a intervenção do tradutor ocorre maioritariamente sobre conteúdos previamente processados por sistemas de tradução automática.

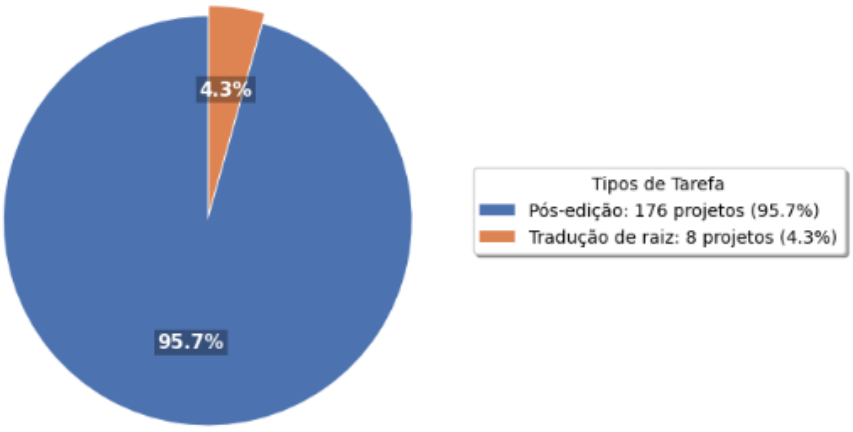


Gráfico 3 – Distribuição percentual por tipo de tarefa (Elaboração Própria)

A caracterização deste conjunto de projetos será desenvolvida a partir de três dimensões complementares. Em primeiro lugar, proceder-se-á à sua organização segundo tipologias textuais, de modo a reforçar a diversidade funcional e temática do trabalho realizado. Seguidamente, será analisada a evolução do volume de trabalho ao longo das doze semanas de estágio, bem como a progressão da produtividade. Por fim, os valores obtidos serão comparados com os padrões internos da empresa, permitindo enquadrar o desempenho observado num referencial profissional concreto.

4.1. As tipologias textuais

A classificação destes projetos tomou um formato híbrido, fundamentado nas tipologias textuais de Reiss (1989), mas com algumas alterações essenciais para refletir as necessidades do presente estágio. Embora as tipologias de Reiss ofereçam uma base sólida, as mesmas foram formuladas num contexto anterior à era digital, o que limita a sua aplicação direta às novas exigências da tradução, materializadas a partir das novas práticas tecnológicas, como a localização.

Deste modo, a localização apresenta a única tipologia característica de texto não contemplada nas tipologias originais de Reiss, acabando por ser introduzida neste modelo híbrido, já que a sua importância cresceu significativamente com a era digital e pós-digital, tornando-se essencial na tradução de *softwares*, aplicações móveis e interfaces de utilizador.

Além disso, as tipologias de Reiss foram alargadas e desdobradas em subcategorias mais específicas, permitindo uma análise mais detalhada dos projetos realizados. Esses desdobramentos não só aprofundam a classificação, mas também misturam diferentes tipologias de Reiss, criando novas categorias que resultam de uma análise mais precisa e diferenciada. Essas novas categorias surgem para refletir a diversidade dos conteúdos e os contextos de produção específicos, oferecendo uma visão mais concreta e aplicável aos projetos de tradução que foram realizados no estágio.

Assim, o modelo híbrido não preserva apenas as bases funcionais das tipologias de Reiss, mas também adapta e amplia essas categorias para incluir práticas novas, como a localização, e para permitir uma análise mais granular e específica dos textos traduzidos. Essa adaptação facilita a obtenção de resultados mais diferenciados e permite um estudo mais aprofundado do trajeto deste estágio.

Reiss (1989) propôs quatro categorias principais de texto, que podem ser compreendidas desta forma:

- Informativo: representa os textos cujo objetivo principal é transmitir informação clara e objetiva, sem a intenção de influenciar o comportamento do leitor. A ênfase está na clareza e objetividade. Este tipo de conteúdo abrange artigos de notícias, relatórios e fichas de produtos, onde a transmissão de dados ou conhecimento factual é o foco principal.
- Operativo: os textos operativos visam influenciar ou orientar o comportamento do destinatário, incluindo tanto textos apelativos e persuasivos quanto instrucionais e de orientação prática. A principal função é guiar o leitor a agir de forma específica, como em manuais de uso, guias de montagem e anúncios publicitários. O objetivo é orientar o comportamento do leitor de forma prática e eficiente.

- Expressivos: aqui estão presentes os textos que se concentram na subjetividade e na expressão do autor, com foco na transmissão de sentimentos e experiências pessoais. A ênfase é na expressão individual, sendo comum em poemas, narrativas pessoais e textos literários, onde a subjetividade do autor desempenha um papel central na comunicação.
- Audiomedial: nesta tipologia, o áudio e a imagem combinam-se, como na tradução audiovisual. O foco está na integração do som e da imagem, com exigências técnicas como a sincronização entre eles. Exemplos incluem legendas, dobragem e vídeos onde a multimodalidade é fundamental para garantir a fluidez e a compreensão do conteúdo.

A partir desta base, o modelo híbrido foi ajustado para refletir as necessidades atuais, resultando numa subdivisão mais detalhada dessas categorias. A seguir, descrevem-se as categorias do modelo híbrido, detalhando a origem de cada uma, o seu significado e os tipos de conteúdos que abrangem.

A tipologia informativa, conforme proposta por Reiss, continua a ser uma categoria relevante para textos que têm como objetivo a transmissão de informação clara e objetiva, sem intenção de influenciar o comportamento do leitor. No entanto, ao longo do estágio, a tipologia informativa foi desdobrada em três subcategorias: textos informativos, textos científicos e textos transacionais. Os textos científicos surgem da interseção entre o informativo e o operativo, exigindo uma abordagem mais técnica e especializada, como em artigos científicos, relatórios técnicos e outras documentações especializadas. Já os textos transacionais, de natureza prática e administrativa, foram identificados em e-mails automáticos, mensagens de sistema e outros textos operacionais e administrativos.

A tipologia operativa de Reiss divide-se em dois subtipos principais, os textos instrucionais e os textos promocionais. Por um lado, os textos instrucionais têm como objetivo orientar o leitor na execução de tarefas específicas, como manuais de uso e receitas de culinária, enquanto os textos promocionais visam persuadir e influenciar o comportamento do consumidor, como anúncios e campanhas publicitárias. No entanto, a tipologia operativa também se interrelaciona com textos científicos e transacionais, pois esses textos, embora distintos, apresentam características algo operativas e instrutivas, como utilizações e práticas médicas. O diagrama no

final desta secção procura explicar as relações entre as tipologias de Reiss e o modelo híbrido adotado, ligando essas categorias ao contexto utilizado ao longo do estágio.

A tipologia expressiva de Reiss, que se foca na subjetividade e na expressão do autor, foi adaptada para textos promocionais, já que esses textos envolvem uma componente criativa e expressiva para atingir o seu objetivo persuasivo, como será visto ao longo deste relatório.

A tipologia audiomedial, que abrange textos multimodais envolvendo áudio e imagem, foi diretamente adaptada para os projetos de tradução audiovisual. Neste modelo, são considerados textos que necessitam de adaptação e sincronização entre áudio e imagem, como legendas, dobragem e vídeos ou apresentações de diapositivos. A tradução audiovisual exige que o tradutor não apenas adapte o conteúdo verbal, mas também atenda a restrições de espaço, tempo e contexto, para garantir uma experiência consistente para o espectador.

Por fim, a categoria de localização foi introduzida como uma prática tradutória moderna externa a esta estrutura, não abordada diretamente por Reiss, mas essencial para os dias atuais. A localização envolve a adaptação de produtos para diferentes mercados e culturas, respeitando as diferenças regionais e culturais, o que inclui a tradução de *softwares*, aplicações móveis, interfaces de utilizador e qualquer outro conteúdo que exija uma adaptação cultural e técnica específica.

Apresenta-se de seguida um gráfico que ilustra as transições descritas entre as tipologias de Reiss e o modelo híbrido adaptado, evidenciando a evolução das categorias e a introdução de novas práticas na tradução moderna.



Figura 10 – Reconfiguração das tipologias textuais de Reiss (Elaboração Própria)

A análise dos 184 projetos realizados ao longo do estágio revelou uma grande diversidade na tipologia dos textos traduzidos, o que proporcionou ao estagiário uma experiência prática alargada e representativa da realidade atual do mercado de tradução. A distribuição total dos projetos por tipologia textual foi a seguinte:

- Textos promocionais: 61
- Textos instrucionais: 37
- Textos informativos: 30
- Projetos de localização: 30
- Textos científicos: 18
- Traduções audiovisuais: 5
- Textos transacionais: 3

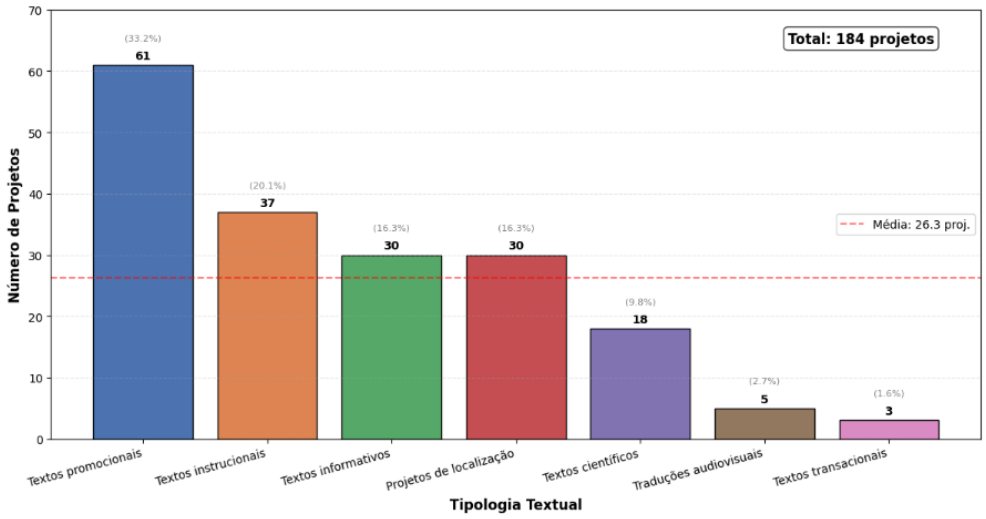


Gráfico 4 – Número de projetos por tipologia textual (Elaboração Própria)

4.2. Organização e contextualização da análise estatística

Durante as 12 semanas de estágio, foram investidas 472 horas de trabalho, distribuídas por múltiplas tarefas ligadas à prestação de serviços linguísticos profissionais. Entre essas, destacam-se a tradução e a pós-edição, a revisão autónoma e controlo de qualidade, a interação com os responsáveis pelos projetos, a formação interna em ferramentas especializadas, a gestão de ficheiros e plataformas e a leitura de materiais associados a cada cliente ou projeto. Este tempo resultou na realização de 184 projetos distintos, cuja execução foi cuidadosamente registada, totalizando 97 604 palavras totais traduzidas ao longo do estágio.

Para cada projeto foram recolhidas estatísticas relativas ao número total de palavras e à respetiva distribuição por tipos de segmento, segundo a correspondência com a memória de tradução. Ou seja, a partir do acesso e da consulta dos conteúdos na memória de tradução, a ferramenta CAT analisava todos os segmentos do projeto para identificar as tipologias de palavras presentes, sob a forma das quatro categorias que se seguem:

Tabela 2 – Descrição dos tipos de segmentos (Elaboração Própria)

Tipologia de Segmento	Correspondência com a memória de tradução	Descrição
NW (*New Words*)	0% (sem correspondência)	Palavras totalmente novas, sem qualquer correspondência na memória

		de tradução. Exigem tradução integral e representam maior esforço cognitivo e maior consumo de tempo.
LFW (*Low Fuzzy Words*)	75% – 84% (correspondência parcial baixa)	Segmentos com correspondência parcial baixa. Apresentam sugestões pouco fiáveis, geralmente exigindo reformulação quase total.
HFW (*High Fuzzy Words*)	85% – 99% (correspondência parcial elevada)	Segmentos com correspondência parcial elevada. Requerem apenas pequenos ajustes, mas exigem atenção editorial.
100% *matches*	100% (correspondências totais)	Segmentos com correspondência total na memória de tradução. Normalmente apenas requerem verificação ou ajustes mínimos para assegurar a consistência terminológica.

A análise estatística destes dados permitirá observar a evolução semanal da produtividade, assim como a variação da carga de trabalho em função do tipo de segmento e do tempo investido. Este modelo de análise será estruturado em blocos semanais, espelhando não só o ritmo de execução dos projetos, mas também a curva de aprendizagem, adaptação e progressiva autonomia no uso das ferramentas de tradução assistida por computador.

Importa salientar que os resultados obtidos serão também contextualizados face às métricas de produtividade internas da empresa, que podem servir de referência operacional no setor. No entanto, é essencial reforçar que esta comparação não tem por objetivo avaliar o desempenho do estagiário à luz de padrões industriais absolutos, mas sim refletir sobre a sua progressão ao longo da experiência. Conforme exposto na secção III, o estágio constitui, acima de tudo, um espaço de aprendizagem e de aquisição de competências, e não de maximização de rendimento. A produtividade, neste contexto, deve ser entendida numa aceção mais abrangente,

não apenas como um indicador quantitativo, mas como a expressão da qualidade, da consistência, da adaptabilidade e da evolução profissional e formativa.

Mais do que uma simples contabilização de palavras, esta análise estatística assume um papel central na leitura crítica do estágio, na medida em que torna visível o trabalho do tradutor, a natureza dos desafios enfrentados e o impacto das tecnologias no ritmo e nas decisões do tradutor. Cada número registado não representa apenas uma interação com um sistema, mas também uma tomada de decisão linguística, um diálogo com a memória de tradução e, frequentemente, um ajuste ao estilo e às normas específicas de cada cliente.

4.3. Evolução semanal e produtividade

Nesta secção, apresenta-se uma análise detalhada da atividade tradutória realizada ao longo das 12 semanas de estágio. Através da recolha e organização estatística dos dados de 184 projetos, torna-se possível observar padrões de produtividade, distribuição de tipos de segmentos e tempo investido em tarefas diretamente associadas à tradução e pós-edição.

4.3.1. Tabela resumo do trabalho semanal

A tabela seguinte sintetiza o volume de trabalho por semana, discriminando o número total de palavras traduzidas e a respetiva segmentação entre palavras novas, segmentos com correspondência parcial baixa, correspondência parcial alta e segmentos com correspondência total. Inclui ainda o tempo registado por semana (em minutos), a percentagem de NW em relação ao total traduzido e a produtividade bruta (TW por hora de tradução).

Tabela 3 – Volume de trabalho por semana (Elaboração Própria)

Semana	TW	NW	LFW	HFW	100%	Tempo (min)	NW/TW (%)	TW/h
1	1163	701	84	246	132	278	60.3%	251
2	5928	2953	209	1794	907	920	49.8%	387
3	6738	4061	355	1616	706	1205	60.3%	336

4	8748	3530	382	2769	2067	1130	40.4%	464
5	6824	3963	350	1324	1187	1100	58.1%	372
6	9154	3947	760	2864	1583	1390	43.1%	395
7	10015	4078	471	2613	2853	1390	40.7%	432
8	7957	3799	762	2530	866	1290	47.7%	370
9	7686	5069	344	1267	1006	1525	65.9%	302
10	9211	4382	434	2061	2334	1210	47.6%	457
11	7470	4481	483	1507	999	1490	60.0%	301
12	9710	4248	509	2662	2291	1465	43.8%	398

4.3.2. Análise da produtividade

A produtividade observada ao longo do estágio não foi uniforme, refletindo um conjunto de fatores estruturais e contextuais que influenciaram diretamente o volume de trabalho semanal. Uma das primeiras distinções a fazer é entre tempo de tradução registado e tempo total efetivo de estágio.

O tempo total efetivo de estágio representa todo o tempo cumprido ao serviço da empresa. Neste caso, foram 472 horas, divididas por 8 horas de estágio diário durante 59 dias úteis. Do tempo total efetivo de estágio, cerca de 265,5 horas foram efetivamente registadas como tempo de tradução ou pós-edição direta (15 928 minutos). As restantes 206,5 horas (44%) foram investidas em atividades paralelas essenciais: formação inicial e contínua (cerca de 30 horas), leitura de orientações e guias de estilo, pesquisa terminológica, comunicação com a equipa, revisão de *feedback*, análise de erros e, por fim, organização de informação. Estes dados demonstram que o trabalho do tradutor não se resume à tradução em si, e que uma parte considerável do tempo é dedicada a funções de apoio altamente relevantes para a qualidade do produto final.

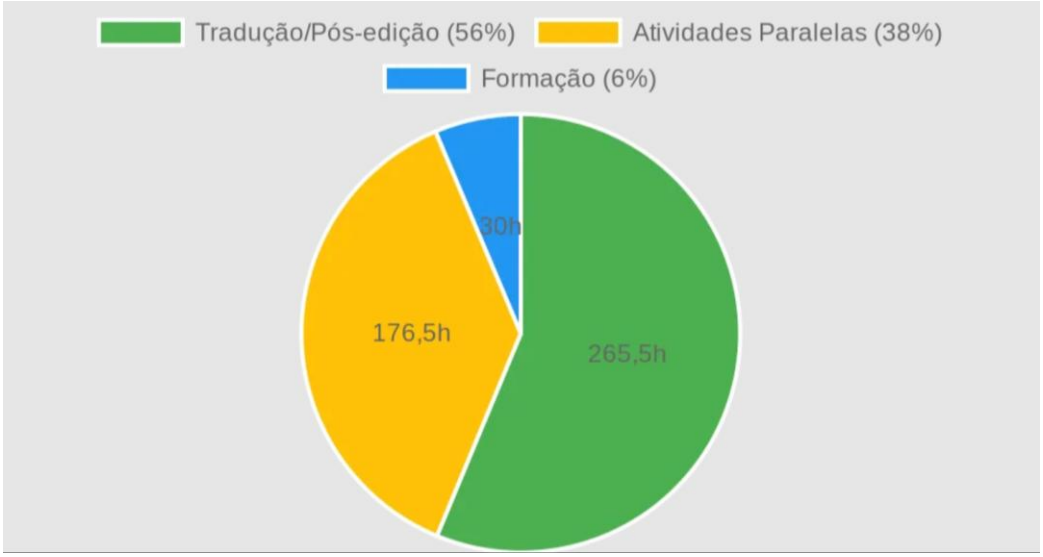


Gráfico 5 – Distribuição das Horas de Estágio (Elaboração Própria)

A produtividade média bruta, calculada com base apenas no tempo efetivamente dedicado à tradução e à pós-edição, foi de 368 palavras por hora. Já a produtividade real, que considera o total de horas do estágio, incluindo todas as tarefas complementares, foi de 207 palavras por hora. Estes dois indicadores devem ser interpretados em conjunto. O primeiro corresponde àquilo que se pode designar como eficácia operacional, isto é, a capacidade de produção linguística durante os períodos estritamente dedicados à tradução. O segundo representa a produtividade sustentável, entendida como o volume médio de produção tendo em conta o conjunto de atividades que compõem a prática profissional, como formações, revisões, comunicação com a equipa ou organização de ficheiros. A leitura combinada destes dois valores permite compreender não apenas o desempenho técnico do tradutor, mas também a sua capacidade de adaptação às exigências reais do trabalho em ambiente colaborativo e empresarial.

Neste momento, é importante refletir sobre a ilusão que estas estatísticas podem criar. A produtividade do tradutor, quando expressa em números agregados, transmite frequentemente uma sensação de eficiência quase inalcançável, sobretudo para profissionais em início de carreira. No entanto, ao desconstruirmos este valor por tipo de segmento (entre palavras novas, correspondências *fuzzy* e correspondências a 100%) torna-se evidente que a carga cognitiva e o tempo despendido variam substancialmente. Esta análise revela que, na verdade, o desempenho presente neste relatório está ao alcance de tradutores em formação, desde que contextualizado e interpretado de forma crítica. Um dos objetivos desta reflexão é precisamente desconstruir os números aparentemente inatingíveis, como os milhares de palavras traduzidas numa semana, e

evidenciar aquilo que certas métricas simplificadas costumam ocultar. Uma grande parte do volume de trabalho resulta da presença de segmentos *fuzzy* ou 100% e, tendo em conta que estes segmentos exigem apenas revisão ou ajustes mínimos, há uma significativa poupança de tempo e um ritmo de trabalho mais rápido. Assim, a métrica "número total de palavras traduzidas" acaba por inflacionar artificialmente a perceção da produtividade, uma vez que o processo tradutório é, na sua essência, assistido, segmentado e desigual. É assistido porque recorre extensivamente à recuperação de conteúdos através da memória de tradução; é segmentado porque essas memórias funcionam com unidades fragmentadas que facilitam o reconhecimento e a ação tradutória em blocos reduzidos; e é desigual porque o esforço necessário varia substancialmente entre palavras novas, segmentos *fuzzy* e 100%.

As palavras novas corresponderam a cerca de 47,6% do total traduzido, o que demonstra que uma parte significativa do trabalho implicou construção linguística autónoma, sem apoio da memória de tradução. Estes segmentos exigem maior esforço cognitivo, decisões terminológicas e estilísticas independentes e um tempo de processamento superior, especialmente em textos técnicos e pouco repetitivos. Como se verifica na tabela 3, as semanas com maior proporção de palavras novas revelam, em regra geral, um volume de tradução inferior. Tal deve-se à ausência de sugestões prévias da memória de tradução, o que obriga o tradutor a partir do zero, recorrendo com frequência à investigação e à sua competência técnica. Esta exigência acrescida reduz naturalmente a produtividade semanal.

Os segmentos *fuzzy* (LFW + HFW) representaram cerca de 34,7% do volume total, revelando uma presença significativa de sugestões parciais da memória de tradução. No entanto, é essencial distinguir entre LFW e HFW, uma vez que representam realidades tradutórias muito distintas. As HFW, com correspondências entre 85% e 99%, tendem a ser bastante fiáveis e estão geralmente ancoradas em estruturas linguísticas sólidas, já previamente traduzidas, exigindo apenas pequenos ajustes terminológicos ou sintáticos. Por sua vez, as palavras LFW, com correspondências entre 75% e 84%, revelaram-se frequentemente instáveis, exigindo quase sempre uma reconstrução parcial ou total do segmento. As diferenças entre a estrutura sugerida pela memória e a estrutura efetivamente apresentada na nova instância eram, em muitos casos, significativas. Por isso, embora ambas as categorias se agrupem sob a designação de correspondências *fuzzy*, a LFW está, na experiência prática do estagiário, muito mais próxima da palavra nova do que da HFW, dado que raramente fornece uma base estrutural reutilizável. Esta

distinção tem implicações diretas na gestão do tempo e da carga cognitiva associada ao trabalho do tradutor.

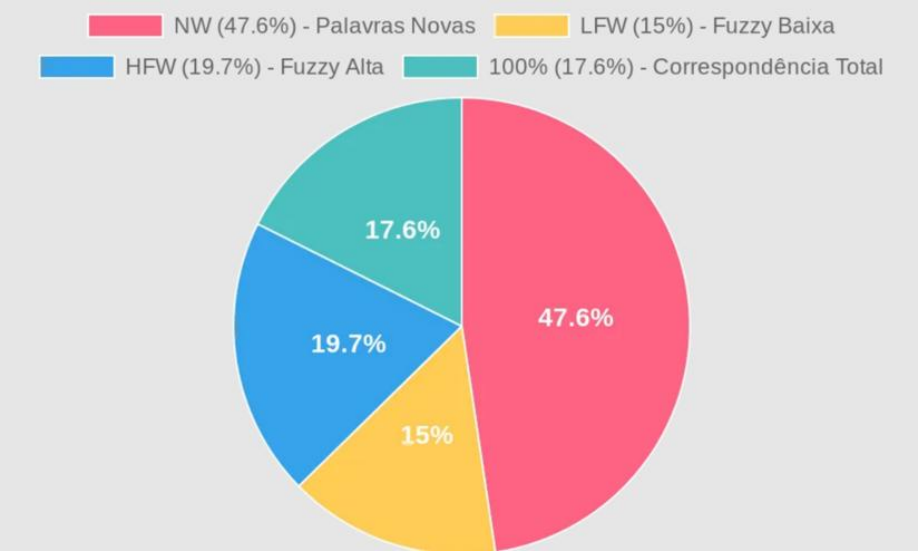


Gráfico 6 – Distribuição das palavras totais (Elaboração Própria)

A presença de segmentos 100% foi relativamente reduzida (17,6%), o que confirma que o estágio envolveu maioritariamente conteúdo novo ou parcialmente reaproveitado. Ainda assim, estes segmentos eram sempre alvo de revisão, especialmente quando acompanhados de indicações específicas fornecidas pelo responsável de projeto. As alterações realizadas aos segmentos 100% nunca eram arbitrárias: resultavam de pedidos explícitos, guias recebidos ou instruções previamente acordadas, refletindo uma abordagem colaborativa e controlada da consistência terminológica e estilística.

Verificou-se uma curva clara de desenvolvimento profissional ao longo das 12 semanas de estágio. As semanas iniciais (1 e 2) registaram valores mais baixos de produtividade e tempos médios por palavra mais elevados, refletindo uma fase inicial de formação intensiva, adaptação ao *software* e familiarização com os fluxos de trabalho e procedimentos internos da empresa. A primeira semana, em particular, apresentou um volume reduzido de palavras traduzidas, uma vez que os três primeiros dias foram integralmente dedicados a formações técnicas e contextuais. Já na segunda semana, o ritmo de trabalho manteve-se ainda inferior ao das semanas seguintes, resultado da necessidade de leitura aprofundada dos guias de estilo, análise detalhada das correções recebidas (*compares*), bem como do tempo investido na resolução de dúvidas e no esforço de adaptação às exigências e metodologias das traduções. O processo tradutório, nesta

fase, era ainda caracterizado por alguma hesitação, própria de um contexto de iniciação profissional, em que a novidade de cada tarefa exigia maior ponderação e tempo de decisão.

Entre as semanas 3 a 5, houve uma estabilização do desempenho, com valores médios sólidos e ritmos regulares de entrega. O número de palavras novas já se solidifica entre as 3500 e as 4000. Este período coincide com o desenvolvimento da autonomia técnica, maior fluência no uso de ferramentas de tradução assistida e melhor gestão do tempo disponível para cada projeto.

Já na segunda metade do estágio, nas semanas 6 a 12, o volume de trabalho aumentou, os projetos tornaram-se mais complexos, e a carga de palavras totais subiu consideravelmente, mantendo-se sempre acima dos 7000. O valor de palavras novas também mostrou algum progresso, atingindo várias vezes valores acima das 4000 palavras novas por semana. Estes valores já encontram alguma estabilidade e, nas últimas três semanas, é possível ver a estabilização dos indicadores de um novo aumento de palavras semanal, aproximando as palavras totais de 9000 e as palavras novas a aproximarem-se de 4500.

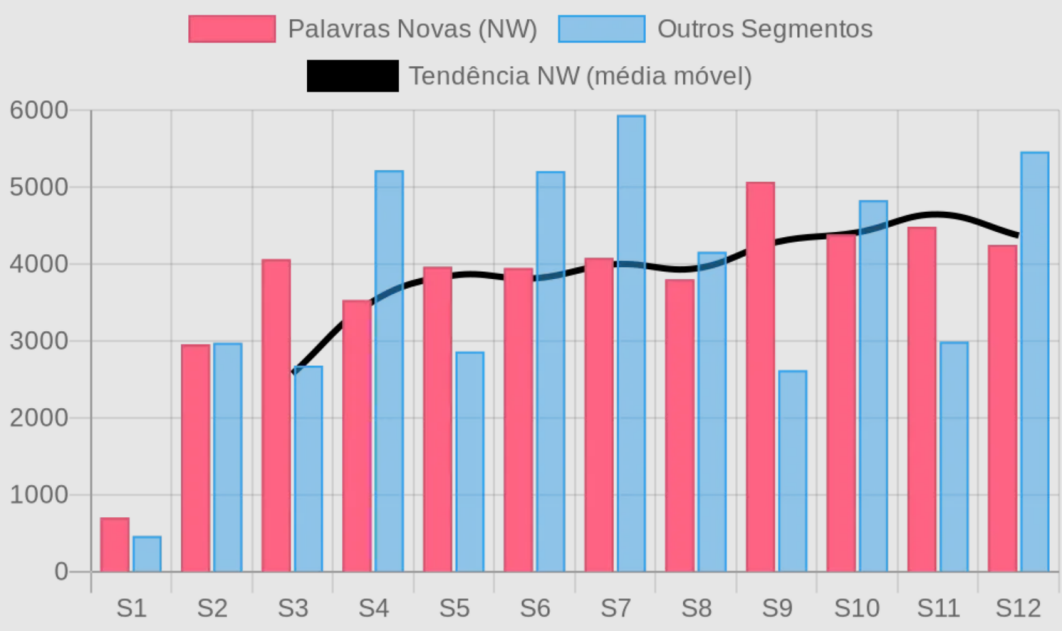


Gráfico 7 – Evolução da produtividade (Elaboração Própria)

A linha vermelha apresentada no gráfico representa a média móvel do número de palavras novas traduzidas semanalmente, calculada com base em janelas de três semanas consecutivas. Esta técnica estatística permite suavizar flutuações pontuais nos dados e revelar com maior clareza a tendência implícita de evolução ao longo do tempo. Em vez de considerar os valores semanais de forma isolada, sujeitos a variações ocasionais como semanas com menor carga de trabalho ou

com projetos particularmente complexos, a média móvel reposiciona o valor médio de três semanas ao longo do eixo temporal, reduzindo a variabilidade local e destacando o comportamento global do desempenho. No contexto deste relatório, a sua aplicação permite eliminar o ruído estatístico e obter uma leitura mais estável e fiável da progressão do estagiário. A curva ascendente registada nas primeiras semanas reflete um processo de aprendizagem intensivo, com um aumento rápido da produção. As oscilações suaves que se observam a meio do percurso refletem variações naturais de complexidade e adaptação aos projetos. Finalmente, a estabilização na casa das 4000 palavras novas por semana indica a consolidação das competências técnicas e a capacidade de manter um ritmo consistente de trabalho. Esta linha constitui um verdadeiro medidor do progresso, permitindo visualizar com clareza a evolução do desempenho ao longo das doze semanas de estágio.

Em resumo, a análise estatística permite visualizar não apenas a evolução da produtividade, mas também a forma como o tipo de conteúdo, o grau de reaproveitamento e o contexto profissional moldam o desempenho tradutório. Estas dinâmicas só são possíveis graças ao suporte tecnológico que caracteriza o ambiente de trabalho atual, um ambiente onde a produtividade é impulsionada, mas também condicionada, pela infraestrutura digital que sustenta a prática da tradução especializada. A era pós-digital não é um acessório externo ao tradutor moderno: é o próprio chão sobre o qual se constrói, mede e reflete a sua prática profissional.

4.4. Análise comparativa com as métricas da empresa

4.4.1. Evolução das métricas de produtividade da RWS

O estágio decorreu num momento em que o mercado da tradução se encontrava altamente automatizado. A RWS, anteriormente designada SDL, utilizava um modelo simplificado de avaliação da produtividade baseado apenas em palavras novas (NW) e palavras repetidas (W). Este modelo antigo propunha uma tabela que estimava o tempo e produtividade com base apenas na dificuldade associada às palavras novas, sem distinguir os diferentes tipos de reaproveitamento da memória de tradução, como demonstra a tabela seguinte:

Tabela 4 – Exemplo das métricas antigas de produtividade (Elaboração Própria)

Tarefa Operativa	Objetivo de Total de Palavras (hora/dia)	Objetivo de Novas Palavras (hora/dia)
Tradução	[número] palavras totais	[número] palavras novas

Com a progressiva digitalização da indústria e a consolidação de fluxos de trabalho baseados em ferramentas CAT avançadas, a empresa adotou uma nova métrica, muito mais granular e representativa da realidade tradutória. A nova métrica contém uma calculadora de produtividade que classifica agora os segmentos nas quatro categorias distintas: palavras novas, *fuzzies* baixos, *fuzzies* altos e correspondências a 100%. Cada categoria tem um peso específico e um tempo de execução estimado, permitindo uma avaliação mais realista do esforço necessário para cada projeto. É possível inserir as contagens de qualquer projeto na calculadora para obter o resultado do tempo de execução específico dessa tarefa.

Esta mudança reflete uma viragem fundamental em termos de lógica de trabalho na era pós-digital. Em vez de reduzir a produtividade a métricas estritamente lineares, como o número absoluto de palavras traduzidas, a nova abordagem valoriza a complexidade inerente ao processo tradutório. Reconhece-se agora que a produtividade não depende apenas da quantidade, mas da forma como o tradutor gere diferentes tipos de segmentos, com o apoio de tecnologias assistidas como memórias de tradução, motores de pré-tradução e sistemas de segmentação inteligente. Neste novo paradigma, o desempenho do tradutor é avaliado não apenas pelo volume produzido, mas pela sua capacidade de navegar num ecossistema técnico altamente estruturado, transformando informação com eficácia, precisão e sensibilidade contextual.

Por sua vez, em ambos os modelos internos de avaliação e gestão de produtividade da RWS, os projetos são previamente classificados segundo um critério binário de complexidade, sendo enquadrados como *simple* (simples) ou *complex* (complexos). Esta distinção é utilizada como um referencial operativo para ajustar expectativas de produtividade e contextualizar a avaliação da qualidade, funcionando como um critério transversal de dificuldade tradutória.

Apesar dos avanços registados na granularidade das métricas de qualidade atualmente utilizadas, esta classificação binária mantém-se relativamente estável ao longo do tempo. A sua aplicação evidencia limitações quando confrontada com a diversidade dos projetos realizados no contexto empresarial. A redução da complexidade a apenas dois níveis tende a simplificar

realidades de trabalho distintas que, embora formalmente enquadradas sob a mesma designação, apresentam exigências de natureza diversa.

No conjunto das avaliações internas analisadas no presente relatório, ambos os projetos foram classificados como *complex*. Esta categorização ilustra o carácter amplo desta categoria no modelo interno, uma vez que a dificuldade efetiva de um projeto tradutório não pode ser plenamente determinada antes da sua execução. Apenas durante a abordagem concreta do texto é que é possível a visualização de fatores que influenciam diretamente a execução do trabalho.

4.4.2. Avaliação do desempenho

Com base nos dados reais recolhidos durante o estágio, foi possível aplicar os valores semanais na nova calculadora de métricas da RWS. Utilizando os tempos de referência estipulados (correspondentes a uma produtividade-alvo de 140%), foram estimados os tempos "esperados" pela empresa para a execução de cada semana de trabalho, considerando o número de palavras novas, correspondências *fuzzy* e correspondências a 100% traduzidos em cada período.

A tabela seguinte compara diretamente o tempo real registado pelo estagiário em cada semana com o tempo estimado pelas métricas propostas pela empresa, tendo em conta uma produtividade de 140%:

Tabela 5 – Comparação com as métricas de referência (Elaboração Própria)

Semana	Tempo real (min)	Tempo estimado (min)	Diferença (%)
1	278	166	67.8%
2	920	763	20.6%
3	1205	957	25.9%
4	1130	1030	9.7%
5	1100	934	17.8%
6	1390	1117	21.6%

7	1390	1162	19.6%
8	1290	1014	22.3%
9	1525	979	36.2%
10	1210	1085	6.2%
11	1490	981	41.4%
12	1465	1069	24.4%
Total	**15 928**	**11 287**	**23%**

A análise revela que, ao longo das 12 semanas de estágio, o tempo total estimado pela métrica da RWS para a execução dos 184 projetos seria de aproximadamente 11 287 minutos (cerca de 188 horas), valor que contrasta com as 265,5 horas efetivamente despendidas em tradução e pós-edição direta, segundo os registos de estágio.

Esta discrepância de mais de 77 horas entre o tempo teórico e o tempo real permite uma reflexão essencial: a métrica da empresa opera com base em pressupostos ideais de produtividade, considerando que o tradutor se encontra num estado avançado de maturidade e familiarização com o cliente, os conteúdos e a plataforma, além de não contabilizar interrupções, gestão de multitarefas ou esforço cognitivo associado à formação contínua.

Na prática, especialmente num contexto de estágio e de aprendizagem, a produtividade não pode ser reduzida a um mero cálculo padronizado. O estagiário, ao longo das primeiras semanas, enfrentou desafios adicionais relacionados com a adaptação aos fluxos de trabalho, a leitura atenta dos guias de estilo, a análise dos *feedbacks* recebidos, e o tempo adicional necessário para a resolução de dúvidas linguísticas e terminológicas. Estes fatores são ignorados pela métrica e subestimam a complexidade do trabalho real.

Por outro lado, ao distribuir os dados por tipo de segmento, nota-se que a maior parte do esforço foi direcionado para palavras novas e *fuzzies* baixos, precisamente os tipos de palavra mencionados que exigem mais tempo e maior envolvimento em termos de decisão por parte do tradutor. A métrica da empresa, embora mais evoluída do que o modelo anterior, ainda tende a

valorizar o rendimento bruto em função de quantidades, desconsiderando a variabilidade entre projetos e perfis de tradutores.

Neste sentido, a aplicação da nova métrica às semanas do estágio não deve ser interpretada como uma avaliação direta da produtividade individual, mas antes como um indicador da diferença entre o tempo estimado pelo sistema e o tempo efetivamente despendido na realização das tarefas. Esta diferença decorre da presença de fatores não considerados na estimativa inicial, como a aprendizagem em contexto real, a necessidade de validação terminológica, a adaptação a ferramentas e fluxos de trabalho, entre outros. Por esse motivo, os valores obtidos ao longo das semanas não apresentam uma progressão linear, refletindo antes a variação dessas condições ao longo do estágio, sem que tal invalide a existência de uma evolução efetiva. A prática da tradução foi sempre influenciada por fatores variáveis, desde a complexidade temática até à maturação das rotinas de trabalho, o que se refletiu na irregularidade dos tempos dedicados exclusivamente à tradução. O aumento gradual do volume de palavras traduzidas deveu-se, em grande medida, à agilização dos processos paralelos à tradução, como a familiaridade com as plataformas, os fluxos de trabalho e os procedimentos de controlo de qualidade, e não propriamente a uma aceleração do ato tradutório em si. De facto, o tempo de tradução foi, desde o início, encarado como um espaço de produção focado na qualidade, e não apenas na quantidade. Esta abordagem demonstra que uma maior velocidade de tradução, medida em palavras por hora, não corresponde necessariamente a uma maior produtividade global, sobretudo num contexto de formação em que fatores como a construção de competências, a coerência textual e a adequação terminológica assumem um papel central.

Ao mesmo tempo, é justo reconhecer que a própria existência desta métrica, mais refinada, segmentada e tecnologicamente integrada, resulta diretamente do ambiente de trabalho pós-digital. No entanto, por razões de confidencialidade associadas ao contexto empresarial em que o estágio decorreu, não é possível apresentar ou detalhar integralmente os parâmetros que a constituem. Sem as ferramentas digitais que permitem a recolha automática de dados, a categorização de segmentos e a aplicação de fórmulas de produtividade, este tipo de análise não seria viável. A era pós-digital não apenas fornece os meios para medir o trabalho, mas também molda a forma como esse trabalho é organizado, avaliado e, cada vez mais, otimizado.

V. Qualidade e análise de erros

A avaliação tradutória constitui uma dimensão central no percurso formativo do tradutor, sobretudo num contexto profissional altamente normalizado e tecnologicamente mediado como o da RWS. Esta secção tem como objetivo analisar, de forma sistemática e crítica, o desempenho do estagiário ao longo do estágio, com base na recolha, classificação e interpretação dos erros detetados nos projetos traduzidos. A análise não se limita à identificação das falhas, mas procura compreender o que cada uma representa em termos de aprendizagem e de desenvolvimento das competências tradutórias ao longo do estágio, servindo igualmente de base a uma reflexão global sobre o percurso formativo e a prática profissional de um tradutor em início de carreira em contexto empresarial.

Para a elaboração desta análise foram selecionados 120 projetos, do total de 184 realizados, cujos *compares* (os documentos de revisão com as alterações efetuadas pelos revisores) foram extraídos, organizados e analisados individualmente. Estes 120 projetos representam 61 157 palavras traduzidas, das quais 30 316 eram palavras novas (NW), 3 919 *fuzzies* baixos (LFW), 17 726 *fuzzies* altos (HFW) e 9 196 correspondências a 100%. Este *corpus* abrange aproximadamente 68% do total do trabalho traduzido durante o estágio, configurando uma amostra ampla e altamente representativa da produção real desenvolvida no contexto profissional.

O objetivo deste procedimento consistiu em recolher o maior número possível de registos de erros tradutórios cometidos ao longo do estágio, de modo a permitir uma análise quantitativa e qualitativa robusta e representativa de uma parte substancial da atividade tradutória efetivamente realizada. No entanto, nem a totalidade dos projetos permitiu a recuperação integral dos *compares* e das respetivas correções. Os 32% restantes do trabalho apresentaram limitações na extração dos dados, decorrentes de diversos fatores de natureza técnica e operacional, nomeadamente a capacidade limitada de armazenamento das ferramentas CAT em ambiente *web*, a transferência de pacotes de tradução para regime *offline*, ou a existência de projetos que não chegaram a ser concluídos devido a *queries* ou a problemas externos.

Cada erro identificado nos *compares* foi classificado de acordo com o modelo MQM, que constitui a base de avaliação de qualidade utilizada pela RWS. Este modelo é reconhecido internacionalmente e encontra-se em convergência com iniciativas de normalização que procuram estabelecer critérios comuns para a avaliação da qualidade em tradução, nomeadamente a ISO

DIS 5060:2024, um projeto de norma internacional (em fase de *Draft International Standard*) dedicado à definição de métricas e procedimentos para avaliação da qualidade tradutória, e a ASTM WK46396, um projeto de norma técnica em desenvolvimento no âmbito da *ASTM* International com objetivos semelhantes de harmonização e padronização de critérios de avaliação. Neste enquadramento, o MQM permite categorizar os erros segundo as sete áreas principais mencionadas: terminologia, precisão, convenções linguísticas, estilo, convenções de *locale*, adequação ao público e formatação, subdivididas em múltiplas subcategorias e associadas a diferentes graus de gravidade (neutro, menor, maior e crítico). A adoção deste modelo possibilita uma análise multidimensional, capaz de integrar tanto aspetos linguísticos como aspetos funcionais e técnicos.

A partir desta classificação, a análise centra-se em três eixos complementares:

1. A quantificação e a distribuição dos erros por categoria e gravidade, permitindo observar padrões e proporções ao longo do estágio;
2. A interpretação qualitativa dos erros, através de exemplos concretos e da explicação das soluções aplicáveis e aprendizagens resultantes;
3. A correlação entre o tipo de erro e a tipologia textual, procurando demonstrar como cada função textual ativa diferentes competências cognitivas e comunicativas por parte do tradutor.

Dada a dimensão e diversidade dos dados recolhidos, foi possível realizar uma análise estatística aprofundada, contemplando cálculos de médias de erros por projeto, percentagens de ocorrência por gravidade e cruzamentos entre registos (inserção da totalidade de erros no modelo interno de avaliação). Esta abordagem vai além da simples medição de resultados, pois também destaca as tendências formativas e os padrões de evolução profissional. Dessa forma, ao analisar sistematicamente o erro, torna-se possível compreender como ele pode transformar-se num instrumento essencial de aprendizagem, especialmente quando se trata da capacidade de antecipar problemas e de aplicar soluções adaptadas a cada situação. Ao longo do estágio e da carreira, o tradutor começa a identificar potenciais dificuldades antes que elas realmente surjam, o que lhe permite tomar decisões mais informadas e assertivas ao longo do processo. Isto não significa seguir um molde rígido, mas adaptar as soluções conforme as necessidades do momento, criando uma tradução mais precisa e eficaz.

Ao longo dos próximos pontos, será apresentada a estrutura do modelo de avaliação interno da RWS, o desempenho do estagiário nas suas avaliações formais e uma análise detalhada dos erros observados segundo o modelo MQM.

5.1. Avaliação de qualidade na RWS

A RWS adota um modelo estruturado e normalizado de avaliação da qualidade tradutória, baseado no MQM, mas adaptado às exigências dos seus fluxos operacionais internos. Trata-se de um modelo de utilização exclusiva da empresa, aplicado no contexto dos seus sistemas internos de garantia da qualidade, não estando disponível como documentação pública integral.

A metodologia é operacionalizada através de um formulário interno em Excel, utilizado para classificar e pontuar projetos com base nos erros detetados durante a fase de revisão. Ao longo desta secção, serão incluídas algumas capturas de ecrã selecionadas deste formulário, com carácter meramente ilustrativo, com o objetivo de clarificar o funcionamento do modelo de avaliação e os critérios aplicados.

Neste formulário, cada erro identificado é registado com base em três parâmetros principais: a categoria principal do erro segundo o MQM, a subcategoria correspondente (subcategorias MQM apresentadas no Anexo 1) e a respetiva gravidade, classificada segundo quatro níveis: neutro, menor, maior e crítico. Como será enunciado de seguida, para cada entrada de erro o sistema associa ainda um peso específico, que contribui para o cálculo das métricas globais de qualidade do projeto.

É importante salientar que este algoritmo atribui pesos diferenciados às categorias de erro, refletindo a importância que a RWS confere a determinados aspetos da tradução. Por exemplo, um erro menor na categoria de precisão e um erro de terminologia equivalem ambos a dois pontos de penalização, enquanto um erro menor nas restantes categorias corresponde apenas a um ponto. Esta diferenciação evidencia a prioridade atribuída à consistência terminológica e à precisão semântica, entendida como a correta transmissão do sentido e da intenção comunicativa do texto de partida, sem introdução de ambiguidades, desvios interpretativos ou alterações funcionais no texto de chegada. Estes aspetos são considerados essenciais para garantir a fiabilidade e a adequação do texto traduzido em contextos profissionais.

Após o registo de todos os erros, o formulário calcula automaticamente uma pontuação final entre 0 e 100. Valores iguais ou superiores a 90% são considerados bastante positivos, ao passo que pontuações inferiores a 90% indicam a reprovação da qualidade do projeto, podendo originar ações formativas, de forma a procurar o desenvolvimento e correção das competências do tradutor. As pontuações superiores a 95% são consideradas de alta qualidade e notas superiores a 99 apresentam um nível de excelência na tradução produzida.

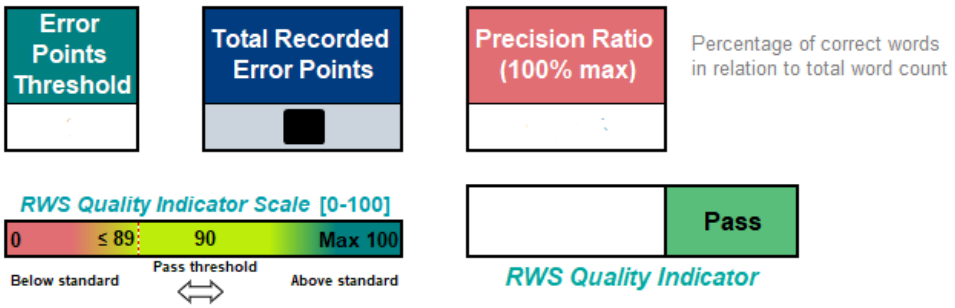


Figura 11 – Estrutura da pontuação da qualidade interna (RWS)

O processo de avaliação contempla ainda uma fase de contestação, permitindo ao tradutor reagir de forma fundamentada a erros que considere indevidamente classificados. Depois de receber o *compare* com os erros anotados e a classificação preenchida, o tradutor pode comentar diretamente cada erro, justificando a sua decisão. O revisor responsável volta então a analisar os comentários e decide se mantém ou revê a classificação do erro. Somente após esta interação a classificação final é atribuída, sendo depois integrada nas estatísticas de qualidade internas da empresa.

Este funcionamento enquadra-se à luz da proposta de Andrew Chesterman (1995), desenvolvida no âmbito da reflexão sobre tradução enquanto comunicação intercultural. Nesta perspetiva, a prática tradutória é conceptualizada como uma atividade regulada por um conjunto de normas profissionais orientadas para a responsabilização e a agência ética do tradutor. Chesterman identifica quatro normas centrais: a norma de comunicação, que privilegia a eficácia comunicativa e a adequação funcional do texto traduzido; a norma de relação, que regula a relação interpretável entre o texto de partida e o texto de chegada; a norma de compromisso, associada ao envolvimento profissional e ao compromisso do tradutor com a qualidade do seu trabalho; e a norma de responsabilização, que estabelece a responsabilidade do tradutor pelas decisões tomadas e a obrigação de as poder justificar perante outros agentes do processo tradutório.

É precisamente nesta última norma que o processo descrito encontra uma correspondência prática direta. A possibilidade de contestar erros, fundamentar opções tradutórias e dialogar com o revisor traduz-se num mecanismo formal de responsabilização, no qual o tradutor deixa de ser um agente passivo no processo avaliativo e assume um papel ativo na validação da sua própria tradução. Esta dinâmica reforça a sua agência ética, na medida em que as decisões não são apenas aplicadas, mas discutidas, justificadas e avaliadas à luz de critérios partilhados no seio da profissão, tal como descrito por Chesterman (1995) no enquadramento da tradução enquanto prática profissional sustentada por sistemas internos de validação e confiança.

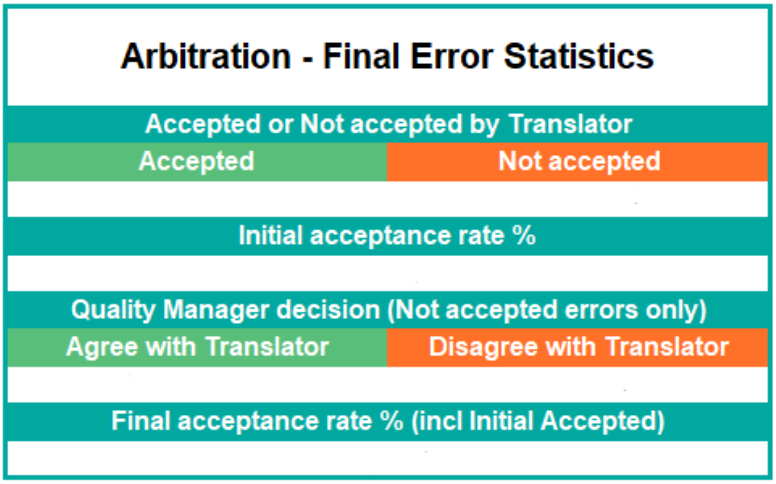


Figura 12 – Sistema de arbitragem (RWS)

Esta metodologia revela uma estrutura equilibrada entre o rigor avaliativo e a abertura à discussão. Ao permitir a contestação fundamentada, promove-se uma cultura de responsabilização e potencia-se o pensamento crítico, contribuindo para a consolidação de uma prática tradutória consciente e reflexiva. Simultaneamente, o sistema de pesos e penalizações diferenciadas garante que os erros mais graves sejam tratados com a devida gravidade, reforçando a atenção à qualidade ao longo de todo o processo tradutório e assegurando a coerência entre avaliação individual, aprendizagem profissional e métricas internas de qualidade.

O papel das avaliações internas revela-se particularmente relevante quando observado numa perspetiva formativa. A estrutura de revisão e os comentários dos revisores permitiram identificar melhorias concretas a aplicar não só ao nível da tradução, mas também ao nível da redação e do desempenho linguístico do estagiário. Para além da análise autónoma realizada através dos *compares*, o acesso à categorização e à justificação das correções efetuadas pelos

revisores constituiu uma oportunidade valiosa para compreender a lógica subjacente a abordagens corretivas mais experientes. Esta perceção do raciocínio do revisor contribuiu para o desenvolvimento de uma maior consciência linguística, especialmente devido às numerosas correções relacionadas com a fluidez.

No presente contexto, a fluidez é entendida como uma dimensão discursiva da qualidade tradutória, associada à naturalidade do texto de chegada, à coerência e à progressão informacional. No modelo MQM, estes problemas manifestam-se predominantemente na categoria de estilo, uma vez que dizem respeito à forma como o discurso é construído e articulado, sendo esta também a categoria que apresenta um maior número de erros ao longo de todo o *corpus* analisado. Contudo, a fluidez revela-se um fenómeno transversal, podendo, em determinados casos, refletir-se igualmente na categoria de convenções linguísticas, quando envolve estruturas pouco conformes às convenções da língua de chegada, ou na secção da precisão, quando a quebra de fluidez afeta a clareza ou a interpretação do conteúdo.

Esta leitura articula-se de forma direta com uma perspetiva linguístico-discursiva da tradução, como a proposta por Jeremy Munday (2016), segundo a qual a tradução deve ser entendida como um processo de construção do discurso e do sentido, e não como uma mera substituição de unidades linguísticas. Através desta abordagem, as intervenções dos revisores ao nível da fluidez assumem uma relevância especial não enquanto correções formais, mas como operações discursivas que reorganizam o encadeamento informacional, refinam a progressão textual e valorizam a construção global do sentido no texto de chegada. Este tipo de intervenção revela-se especialmente formativo para o tradutor em fases iniciais de formação, frequentemente marcado por uma produção escrita mais rígida e excessivamente condicionada pela língua de partida, contribuindo para o desenvolvimento de uma escrita mais natural, fluida e discursivamente adequada aos géneros e contextos profissionais.

5.2. Avaliações internas ao longo do estágio

Ao longo do estágio, foram realizadas duas avaliações internas mensais de qualidade, integradas na metodologia de acompanhamento contínuo da RWS. Este processo avaliativo, previsto para ocorrer no final de cada mês, teve como objetivo aferir o desempenho real do tradutor, tendo em conta os critérios previamente enunciados. A terceira avaliação, correspondente ao final do terceiro mês, não foi realizada, dado que o término do estágio coincidiu

com a semana imediatamente anterior à sua calendarização habitual, não existindo tempo útil para a sua concretização. As duas avaliações internas realizadas serão analisadas nas secções seguintes, após uma breve descrição do respetivo formato e das condições de realização, de modo a interpretar os resultados do desempenho obtido em contexto empresarial.

Cada avaliação incidiu sobre um projeto traduzido real, selecionado com base na sua dimensão, idealmente em torno das 1000 palavras novas. O volume de texto avaliado foi definido de forma a maximizar a representatividade dos dados, evitando projetos demasiado curtos, cuja extensão limitada poderia ocultar desafios tradutórios mais complexos, e projetos excessivamente extensos, nos quais fatores como a fadiga cognitiva, a gestão do tempo e a sobrecarga de atenção tendem a aumentar a probabilidade de lapsos mecânicos ou de perda de consistência. Estes desvios não refletem necessariamente o nível de competência tradutória, mas antes as condições concretas de execução do trabalho.

Contudo, a natureza das avaliações não é fixa. Com base na realização de ambas as avaliações e nos resultados distintos obtidos em cada uma, é possível concluir que o desempenho observado varia, podendo ser condicionado por um conjunto alargado de fatores que ultrapassam a dimensão estritamente individual da tradução. Como foi discutido previamente, a ideia de que o processo tradutório é influenciado por múltiplas condições de execução encontra-se já presente em abordagens processuais e tem sido posteriormente reenquadrada no âmbito cognitivo (cf. Séguinot, 1989; Muñoz Martín, 2010). Retomando esse enquadramento, a tradução é aqui entendida como uma atividade situada, cuja realização resulta da interação dinâmica entre diferentes dimensões do processo tradutório. Através destas dimensões é possível encontrar fatores internos ao tradutor, como a carga cognitiva, a atenção e a tomada de decisão, bem como fatores externos, relacionados com o contexto material, tecnológico e organizacional, todos estes fatores acabam por influenciar diretamente o desempenho observado.

É a partir desta perspetiva, já desenvolvida no enquadramento teórico, que se torna possível articular a análise quantitativa e qualitativa das avaliações com a observação reflexiva da prática quotidiana de tradução ao longo do estágio. Ao longo desse período, o tradutor manteve um caderno de anotações no qual registava, de forma sistemática, aspetos que percecionava como influentes no seu progresso, na qualidade das traduções produzidas e na sua produtividade diária. Estas anotações não correspondem a reflexões pontuais ou impressionistas, mas a manifestações práticas e concretas de condições amplamente discutidas a nível teórico, observadas no contexto

real de trabalho. Nesse sentido, o processo de registo assumiu também uma função de autoavaliação contínua, através da qual o tradutor procurou reconhecer, à luz do enquadramento conceptual previamente adquirido, os fatores que condicionavam o seu desempenho no dia a dia do estágio.

A partir da coleção de registos efetuados ao longo dessas anotações, foi possível agregar os seguintes fatores como condicionantes recorrentes do trabalho diário, entendidos não como variáveis isoladas, mas como materializações e experiências práticas e pessoais do enquadramento conceptual anteriormente apresentado, refletindo esse mesmo enquadramento ao nível da autoavaliação do tradutor no decurso da prática profissional.

Entre os principais fatores agregados a partir dessas anotações, destacam-se:

- A tipologia textual, com exigências distintas de tom, estilo ou grau de tecnicidade;
- O nível de especialização do tradutor na área temática, que pode exigir conhecimento técnico prévio ou um domínio terminológico mais consolidado;
- A exigência e especificidade do cliente, frequentemente orientada por guias de estilo e pela natureza do *feedback* recebido;
- A habituação prévia do tradutor ao cliente ou ao tipo de conteúdo, uma vez que a familiaridade favorece maior consistência e segurança na tomada de decisão;
- A existência ou ausência de informação extratextual clara, essencial para a correta contextualização do conteúdo;
- O grau de rigor ou subjetividade do revisor responsável pela avaliação, que pode influenciar significativamente o resultado final da apreciação.

Partindo destes fatores, a variabilidade observada entre as avaliações efetuadas pode ser mais bem compreendida à luz das diferenças contextuais inerentes a cada projeto traduzido. Cada avaliação incidiu sobre textos com exigências distintas, enquadrados em contextos operacionais específicos, marcados por diferentes níveis de especialização temática, expectativas do cliente, estabilidade terminológica e grau de orientação fornecido. Neste sentido, resultados obtidos não devem ser interpretados como uma hierarquização linear do desempenho, mas antes como reflexo

de configurações de trabalho distintas, nas quais a qualidade da tradução é condicionada por múltiplos fatores externos ao domínio estritamente linguístico.

Importa, por isso, sublinhar que uma avaliação menos favorável não corresponde necessariamente a uma diminuição da competência tradutória, mas pode resultar do confronto com um projeto particularmente exigente ou menos estabilizado do ponto de vista terminológico, estilístico ou linguístico. Um resultado positivo não faz do tradutor um profissional irrepreensível, assim como um resultado negativo não o torna um profissional incompetente. Deste modo, a leitura comparada das avaliações procura identificar padrões de dificuldade e zonas de maior vulnerabilidade do desempenho, evidenciando que a qualidade tradutória se manifesta de forma situada e dependente das condições concretas de execução do trabalho.

Neste enquadramento, as avaliações internas assumem uma função claramente formativa. Para além de fornecerem indicadores objetivos de qualidade, constituem momentos privilegiados de aprendizagem, na medida em que permitem contextualizar os resultados obtidos, compreender a sua génese e integrar essa leitura crítica no desenvolvimento progressivo da prática tradutória. É nesta perspetiva que a análise detalhada das avaliações se revela particularmente relevante, funcionando como ponto de partida para a reflexão aprofundada que será desenvolvida nas secções seguintes.

5.2.1. Primeira avaliação interna

A primeira avaliação de qualidade foi realizada no final do primeiro mês de estágio, incidindo sobre um projeto com um total de 1002 palavras, inserido na área de tecnologia e informática, mais concretamente na descrição de funcionalidades e especificações técnicas de dispositivos digitais. Este projeto foi realizado por pós-edição de tradução automática e revisto segundo o modelo MQM interno da RWS.

O desempenho do estagiário foi considerado positivo, com uma pontuação final do indicador de qualidade de 93,41%, superando o limiar mínimo exigido pela empresa. Refira-se, a propósito, que o que varia de avaliação para avaliação é o número total de pontos de erro admissíveis, calculado com base no número total de palavras do projeto e no nível de qualidade da tipologia textual e cliente em questão. No caso desta avaliação, o limite máximo permitido foi de 9 pontos, tendo sido registados apenas 6 pontos de erro, conforme ilustrado na matriz abaixo:

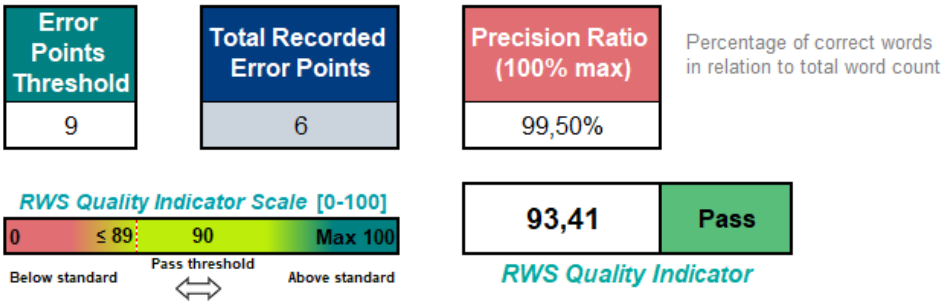


Figura 13 – Classificação da primeira avaliação interna (RWS)

O rácio de precisão da tradução atingiu os 99,5%, valor que representa a percentagem de palavras traduzidas corretamente em relação ao número total de palavras do projeto avaliado. A tabela de erros revela uma distribuição equilibrada entre categorias e a total ausência de erros maiores ou críticos, o que é especialmente relevante numa avaliação com valor real. Os erros registados foram distribuídos pelas categorias de terminologia, precisão, convenções linguísticas e estilo, todos classificados como neutros ou menores. No total, 14 erros foram anotados, sendo que apenas 5 erros contribuíram para a penalização ponderada.

Tabela 6 – Tipologia de erros da primeira avaliação interna (RWS)

Date	07/03/2025	Word count	**1002**
Source language	English - US		
Target language	Portuguese - Portugal	Quality level	Premium

Error Category	Neutral	Minor Error	Weighted Error Points	Major Error	Weighted Error Points	Critical Error	Recorded Error Points
Terminology	1	0	0	0	0	0	**0**
Accuracy	2	1	2	0	0	0	**2**
Linguistic conventions	1	2	2	0	0	0	**2**
Style	5	1	1	0	0	0	**1**
Locale conventions	0	1	1	0	0	0	**1**
Audience appropriateness	0	0	0	0	0	0	**0**
Design and markup	0	0	0	0	0	0	**0**
Other	0	0	0	0	0	0	**0**

A pontuação atribuída a cada erro refletiu o peso estabelecido pela matriz da empresa, onde a falha em precisão acrescentou um ponto de erro, transformando os 5 erros em 6 pontos de erro.

O projeto avaliado corresponde ao quinto projeto realizado pelo estagiário para este cliente. A realização dos quatro projetos anteriores constituiu uma vantagem significativa para o sucesso da avaliação, na medida em que permitiu uma maior familiarização com o cliente e com o tipo de

conteúdo, conforme referido anteriormente nos aspetos práticos considerados influentes na avaliação de desempenho deste estágio. O comentário e a classificação atribuídos pelo revisor encontram-se disponíveis no Anexo 2, permitindo uma leitura da perspetiva e apreciação do avaliador.

5.2.2. Segunda avaliação interna

A segunda avaliação de qualidade foi realizada no final do segundo mês de estágio e correspondeu a um projeto com um total de 1504 palavras, inserido na área da mobilidade urbana e gestão de frotas profissionais. O conteúdo incidia sobre regulamentos técnicos aplicáveis a veículos pesados de mercadorias, abordando questões como sistemas de segurança ativa, visibilidade direta do condutor e deteção de utilizadores vulneráveis da estrada, como ciclistas e peões.

Trata-se, portanto, de um texto com elevada densidade terminológica de uma área de especialidade extremamente específica, bem como um grau de especialização técnico-regulamentar que exigiu do tradutor um conhecimento rigoroso das funcionalidades em vigor e dos conceitos próprios da área. A tarefa foi novamente realizada em regime de pós-edição de tradução automática.

O resultado desta avaliação revelou-se menos positivo do que o obtido na avaliação anterior, com uma pontuação final do indicador de qualidade de 84,64%, valor inferior ao limiar mínimo de 90% exigido pela empresa. Abaixo, a matriz de avaliação revela os principais indicadores deste projeto:

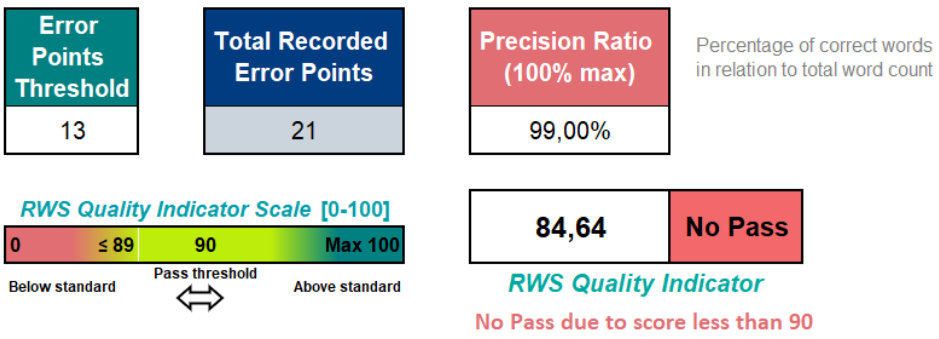


Figura 14 – Classificação da segunda avaliação interna (RWS)

O número total de erros registados ascendeu a 21 pontos de erro, divididos por 15 erros menores distintos, o que ultrapassa o limite de 13 pontos definido para esta avaliação. O rácio de precisão situou-se nos 99%, indicando que 99% das palavras foram consideradas corretas, mas o número de erros penalizadores comprometeu o resultado global da avaliação, especialmente tendo em conta que 6 dos 15 erros tiveram peso duplo na avaliação, devido a pertencerem às categorias de terminologia e precisão.

A tabela de erros revela uma concentração significativa nas categorias de precisão, convenções linguísticas e estilo, com especial incidência de erros classificados como menores.

Tabela 7 – Tipologia de erros da segunda avaliação interna (RWS)

Date	04/04/2025	Word count	**1504**
Source language	English - UK		
Target language	Portuguese - Portugal	Quality level	Premium

Error Category	Neutral	Minor Error	Weighted Error Points	Major Error	Weighted Error Points	Critical Error	Recorded Error Points
Terminology	0	1	2	0	0	0	**2**
Accuracy	0	5	10	0	0	0	**10**
Linguistic conventions	0	5	5	0	0	0	**5**
Style	7	4	4	0	0	0	**4**
Locale conventions	0	0	0	0	0	0	**0**
Audience appropriateness	0	0	0	0	0	0	**0**
Design and markup	0	0	0	0	0	0	**0**
Other	0	0	0	0	0	0	**0**

Ao observar o desempenho obtido nesta segunda avaliação, conforme sintetizado no quadro apresentado, é possível constatar que os erros registados se concentram exclusivamente em categorias de erro menor ou neutro, não se verificando a ocorrência de erros graves ou críticos. Esta distribuição evidencia que o texto traduzido cumpre os requisitos fundamentais de adequação ao público, às convenções de *locale* e aos parâmetros de formatação.

A predominância de erros nas categorias de precisão, convenções linguísticas e estilo sugere dificuldades associadas à tomada de decisões linguísticas. À luz destes dados, é possível apontar múltiplos fatores que poderão ter influenciado negativamente o desempenho obtido. Entre estes, destaca-se a falta de experiência prévia na tradução desta área de especialidade, tendo em conta que esta tipologia textual surgiu apenas nesta ocasião ao longo do estágio, por se tratar de uma temática de carácter nicho. Acresce ainda a ausência de familiarização com o cliente e com as suas preferências estilísticas, considerando que este correspondia apenas ao segundo projeto

realizado para o mesmo até à data, num contexto marcado pela existência de bases terminológicas extensas e soluções diferenciadas para termos específicos. Por fim, o grau de dificuldade da interpretação textual, percecionado pessoalmente como superior ao habitual, contribuiu igualmente para a ocorrência de desvios ao nível da precisão e do estilo. Tal como na avaliação anterior, o comentário e a classificação atribuídos pelo revisor encontram-se disponíveis no Anexo 3.

Para facilitar a comparação entre as duas avaliações internas, apresenta-se de seguida uma tabela com os principais dados e a variação entre ambos os resultados. Esta síntese permite observar com maior clareza a diferença de desempenho em cada avaliação.

Tabela 8 – Resumo das avaliações internas (Elaboração Própria)

Indicador	Avaliação 1	Avaliação 2	Variação
Total de palavras	1002	1504	+502 palavras
Total de erros neutros	9	7	-2 erros
Total de erros menores	5	15	+10 erros
Total de erros ponderados	6	21	+15 pontos
Máximo de erros ponderados permitidos	9	13	+4 erros ponderados
Pontuação do indicador de qualidade	93,41	84,64	-8,77 pontos
Rácio de precisão	99,5%	99,0%	-0,5%
Número total de erros	14	22	+8 erros

5.3. Avaliação autónoma da qualidade

Durante o estágio, foram analisados 120 projetos com base na extração manual de ficheiros *compare*, representando um universo de 61 157 palavras. Esta amostra corresponde a cerca de dois terços do total de projetos realizados (184) e funcionou, na prática, como um

pequeno *corpus* capaz de fornecer dados robustos para observar o desempenho tradutório ao longo de três meses. Os erros detetados em cada projeto foram classificados de acordo com o modelo MQM, considerando as respetivas categorias, subcategorias e níveis de gravidade. Posteriormente, estes dados serão associados à tipologia textual de cada projeto para observar como se enquadram no esquema total de estágio.

Para ilustrar a distribuição entre os 120 projetos amostrados e os restantes 64, o gráfico abaixo mostra a proporção entre as amostras de projetos analisados e o total de projetos realizados ao longo do estágio, totalizando 61 157 palavras na amostra em relação ao total de 97 604 palavras.

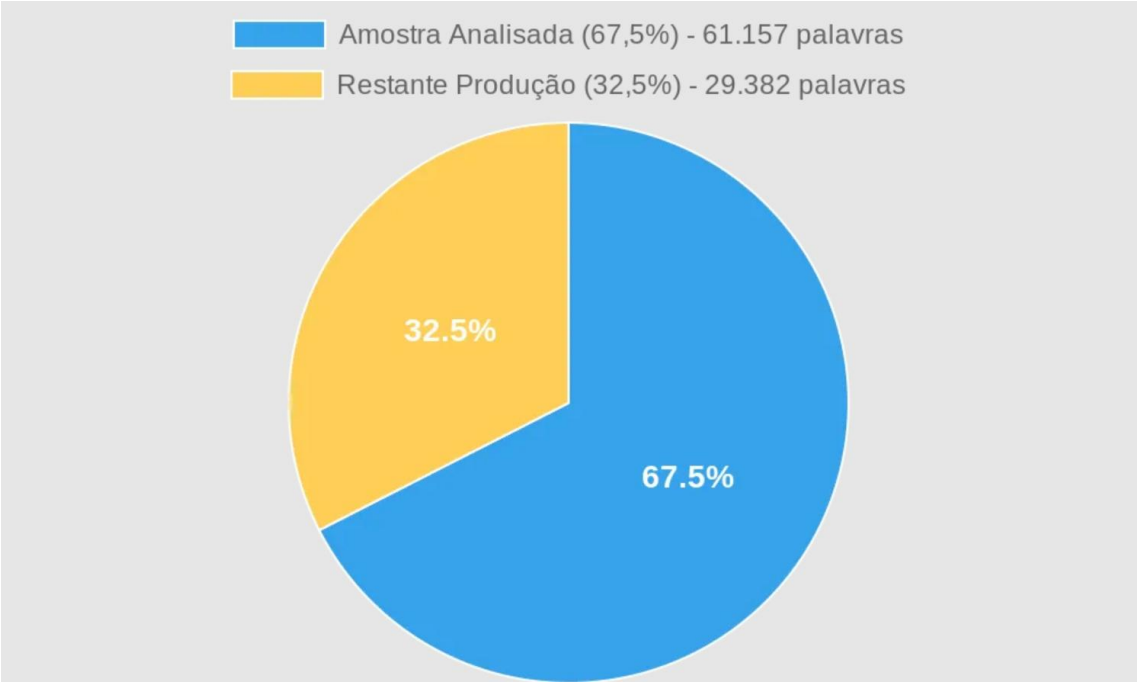


Gráfico 8 – Volume de trabalho analisado (Elaboração Própria)

A análise que se segue insere-se num enquadramento contemporâneo da avaliação da tradução, profundamente influenciado pela evolução pós-digital da área. Como sublinha House (2015), um dos desenvolvimentos mais significativos dos Estudos da Tradução foi a disponibilização de grandes corpora eletrónicos que permitem a tradutores, avaliadores e investigadores armazenar e manipular grandes quantidades de dados, tornando possível uma abordagem mais empírica, sistemática e verificável da qualidade tradutória. Embora a autora refira corpora de grande escala, a lógica subjacente aplica-se igualmente a amostras mais delimitadas,

como esta: os dados recolhidos permitem transformar erros individuais em observações generalizáveis sobre padrões de desempenho, regularidades linguísticas e tendências tradutórias.

Ao mesmo tempo, House lembra que os dados quantitativos não devem ser entendidos como um fim em si mesmos, mas como um ponto de partida para uma interpretação qualitativa mais profunda. É essa complementaridade entre o quantitativo e o interpretativo que orienta esta secção. Assim, a análise estatística que se apresenta nas próximas páginas (5.3.1.) não visa apenas enumerar erros, mas compreender o que eles revelam sobre o processo tradutório, a aprendizagem em contexto profissional e os mecanismos de qualidade que estruturam a prática na era digital. Por fim, será abordada a relação entre os tipos de erro e as diferentes tipologias textuais dos textos traduzidos (5.3.2), para procurar identificar padrões relevantes entre a função comunicativa do texto e os desafios linguísticos enfrentados.

5.3.1. Distribuição de erros

Foram identificados 834 erros ao longo desta amostra, com um peso total de 778 pontos de erro. Estes erros distribuem-se da seguinte forma: 350 erros neutros, 447 erros menores, 33 erros maiores e 4 erros críticos.

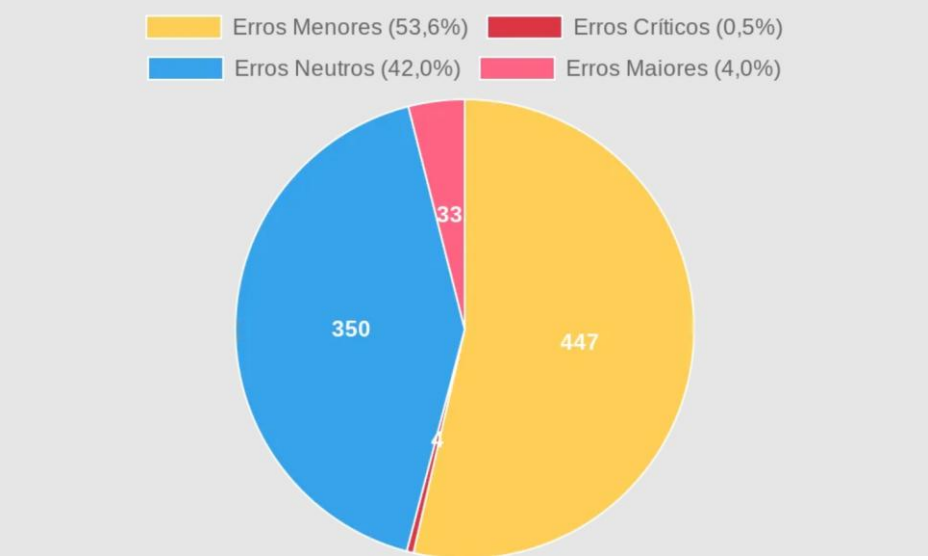


Gráfico 9 – Distribuição de erros da amostra (Elaboração Própria)

O elevado valor de pontos de erro totais justifica-se, em grande parte, pela gravidade atribuída a uma minoria dos erros: os 33 erros maiores e os 4 críticos são responsáveis por 136 dos 778 pontos. Acresce ainda que 281 destes pontos foram ponderados em duplicado, uma vez

que o modelo interno de avaliação da empresa atribui, como mencionado previamente, peso acrescido a erros nas categorias de terminologia e precisão. Estes aumentos drásticos tiveram um papel extremamente importante na pontuação atribuída, algo que deve ser visto com alguma naturalidade, tendo em conta que representam centenas de horas de trabalho de tradução.

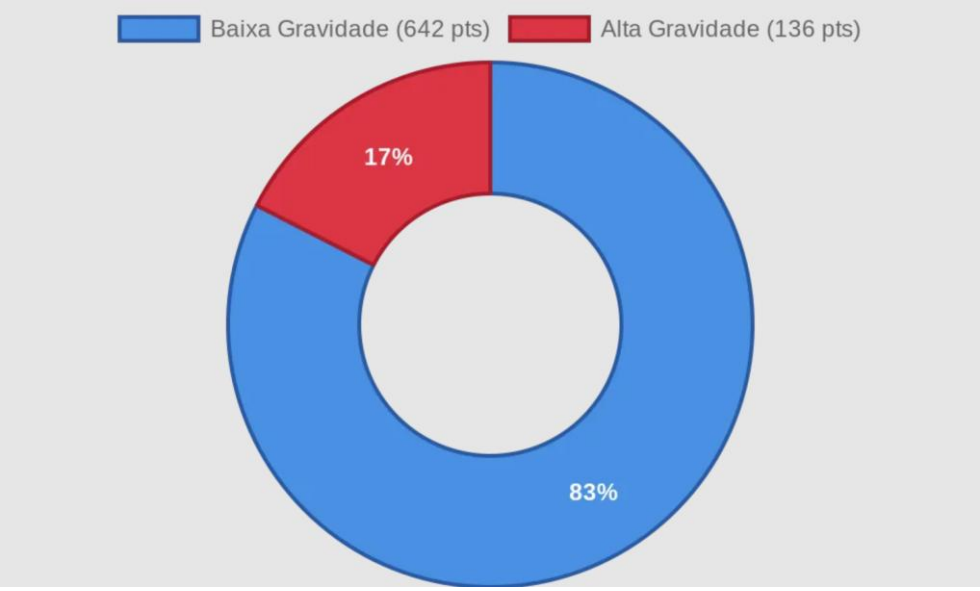


Gráfico 10 – Gravidade dos erros da amostra (Elaboração Própria)

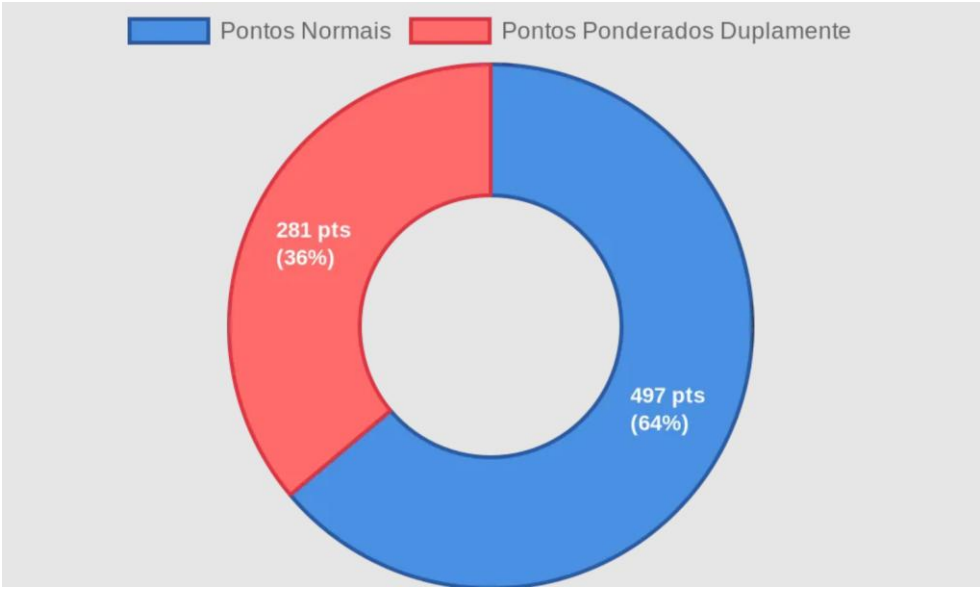


Gráfico 11 – Peso dos pontos da amostra (Elaboração Própria)

De acordo com o algoritmo interno de avaliação da empresa, o limite máximo de penalização é calculado proporcionalmente ao número de palavras. Para 61 157 palavras e um objetivo de excelência definido a 90%, o máximo de pontos de erro equivale a 528 pontos. Neste

contexto, os resultados do *corpus* analisado ultrapassam esse limite teórico. No entanto, embora esse facto seja relevante, deve ser interpretado considerando o carácter formativo do estágio e a natureza intensiva deste longo processo de aprendizagem.

Desta forma, se aplicarmos o algoritmo utilizado nas avaliações internas ao *corpus* global de 61 157 palavras e 778 pontos de erro, obter-se-á uma pontuação estimada de 77,2% na pontuação do indicador de qualidade, o que corresponde a uma avaliação negativa (abaixo do objetivo de 90%).

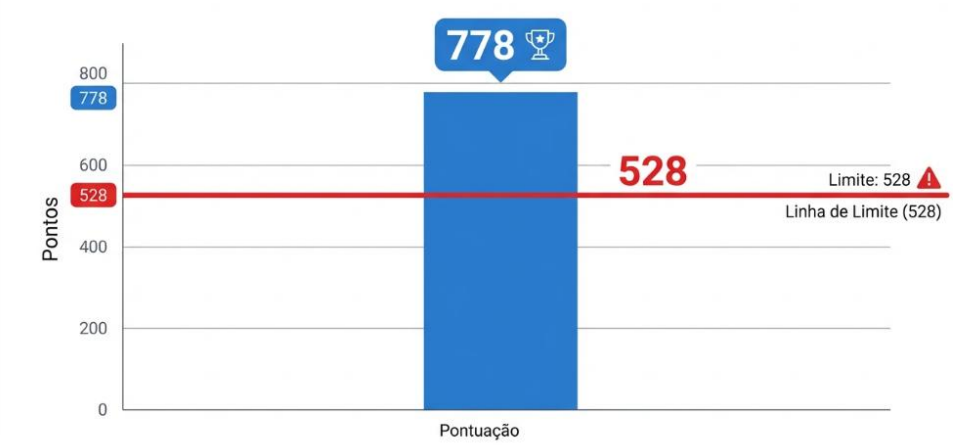


Gráfico 12 – Classificação dos erros da amostra (Elaboração Própria)

Por outro lado, importa contextualizar esta classificação. Os dados aqui analisados abrangem um conjunto diversificado de 120 projetos, com distintas áreas temáticas, graus de complexidade e exigências específicas de clientes. Neste sentido, o *corpus* analisado representa não apenas uma amostra mais exigente e representativa, mas também uma ferramenta de diagnóstico aprofundado da evolução do tradutor ao longo do estágio. A pontuação inferior a 90%, embora relevante, deve assim ser lida como parte de um processo formativo, onde a quantidade de dados permite identificar padrões de erro e áreas de melhoria com uma profundidade que ultrapassa os critérios de avaliação imediata, o que será colocado à prova nas análises seguintes.

Ainda assim, o rácio de precisão da tradução mantém-se elevado, situando-se por volta dos 98,6%, o que indica que apenas 1,4% das palavras traduzidas apresentaram algum tipo de falha. Este valor confirma a consistência geral do trabalho, revelando um domínio consolidado, mesmo em contextos especializados ou sob condições exigentes de pós-edição.

Nas subsecções seguintes, será apresentada uma análise detalhada por categoria de erro MQM, com indicação da sua frequência, gravidade, exemplos concretos e soluções adotadas, permitindo assim uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados ao longo do estágio e das aprendizagens obtidas.

5.3.1.1. Terminologia

A terminologia é uma das categorias centrais na avaliação da qualidade da tradução, especialmente no contexto da tradução especializada, em que a coerência terminológica desempenha um papel fundamental na credibilidade e eficácia do texto final. No *corpus* analisado, esta foi, de facto, uma das áreas com maior incidência de erros penalizáveis, totalizando 150 erros terminológicos, dos quais 112 foram classificados como menores, 16 como maiores, 1 como crítico e apenas 21 como neutros. A reduzida ocorrência de erros neutros pode ser justificada pela rigidez terminológica frequentemente imposta por glossários, bases de dados terminológicas e guias de estilo específicos do cliente, que, simultaneamente, orientam a escolha de soluções padronizadas e aumentam o nível de exigência no seu cumprimento

É importante notar que a natureza dos erros terminológicos não se prende apenas com a substituição inadequada de um termo técnico, mas também com a incoerência dentro do mesmo projeto, a violação de preferências linguísticas do cliente, ou até mesmo com a interpretação incorreta do conceito-base associado ao termo. Esta dimensão conceptual torna a terminologia uma das áreas mais sensíveis à formação técnica prévia do tradutor e ao grau de familiaridade com o domínio de especialidade em causa.

No plano linguístico, observou-se que muitos dos erros menores e neutros surgiram da escolha de termos aparentemente sinónimos com menor precisão, ou por escolhas que, embora compreensíveis, não respeitavam as convenções normalizadas pelo cliente. Em vários casos, o termo incorretamente utilizado não constava em nenhuma base terminológica ou guia de estilo, o que revela um tipo particular de equívoco: a falha em reconhecer termos consolidados na indústria, na ausência de referência explícita. Este problema decorre, em parte, do desconhecimento das boas práticas terminológicas e dos vocabulários consolidados nas indústrias específicas em que se enquadram as traduções. Tradutores com mais experiência, ao lidarem com os termos técnicos e com a prática de diferentes indústrias diariamente, já conhecem e lidam com essas convenções de forma fluida, o que facilita a escolha do termo correto e a aplicação das normas estabelecidas.

Em sentido inverso, os tradutores iniciantes muitas vezes enfrentam dificuldades para reconhecer essas terminologias, o que leva à escolha imprecisa de vocabulário. Exemplo disso ocorre cedo no estágio, quando o trabalho com a área da fotografia leva a descobrir termos como "motivo". No contexto da fotografia, o termo "motivo" é amplamente utilizado para se referir ao elemento central ou tema de uma imagem, como o foco da fotografia. Para um tradutor iniciante, no entanto, o significado de "motivo" pode não ser claro imediatamente, especialmente se não tiver familiaridade com o jargão técnico da área. Inicialmente, esse termo pode ser confundido com outras palavras, como "objeto" ou "tema", mas com o tempo e a prática, torna-se um conceito implícito e reconhecido pelo tradutor, o que ajuda a evitar erros e garantir mais precisão. Além disso, a dificuldade de aplicação das convenções pode ser observada nos erros classificados como menores, que serão discutidos mais à frente no relatório, onde surgem duas abordagens terminológicas para produtos tecnológicos: um elemento de *hardware* e outro de *software*. Essas escolhas foram mal decididas devido ao erro na escolha do termo adequado para ambos os contextos. Esses erros demonstram como a falta de familiaridade com as estruturas específicas de cada setor pode resultar em escolhas terminológicas imprecisas, o que só é superado com o tempo e contato contínuo com práticas e *feedback* das indústrias em questão.

Já os erros maiores ou críticos surgiram, na sua maioria, em situações em que a escolha terminológica não se limitava a uma questão de consistência, mas conduzia a um desvio conceptual, remetendo para um termo distinto e introduzindo um significado incorreto no texto de chegada, comprometendo gravemente a compreensão do conteúdo e podendo induzir o leitor em erro.

Um exemplo ilustrativo de boa prática terminológica observa-se na tradução da expressão *handheld computer*, identificada num projeto relativo a sistemas de navegação marítimos, onde o termo designa um dispositivo de navegação com capacidade de transporte manual. De acordo com a base terminológica disponibilizada, *handheld* surgia associado a "portátil" e *computer* a "computador", o que conduziria à solução "computador portátil". No entanto, à luz do quadro teórico de Iriarte Sanromán, esta combinação não deve ser interpretada como uma combinação livre, uma vez que "computador portátil", amplamente utilizado na área da tecnologia e computação, corresponde a uma unidade terminológica estabilizada que remete para um significado específico (C, no modelo proposto pelo autor), distinto do pretendido neste contexto. Nesse sentido, a aplicação direta da equivalência sugerida pela base terminológica conduziria à

ativação de um significado não adequado ao domínio em causa. A solução adotada passou, assim, por reformular a expressão através de uma estrutura composicional mais transparente, "computador móvel", que permite preservar o valor semântico de portabilidade sem remeter para o conceito estabilizado de "computador portátil", sendo esta opção justificada com base nas noções apresentadas por Iriarte Sanromán. Esta decisão reforça a importância de o tradutor reconhecer o grau de fixidez das combinações lexicais e de intervir criticamente na gestão da terminologia, mesmo quando recorre a recursos de apoio aparentemente fiáveis.

Tabela 9 – Exemplo terminológico prático (Elaboração Própria)

Expressão original	Tradução através da base terminológica	Tradução final
handheld computer	computador portátil	computador móvel

A seguir, serão apresentados exemplos concretos dos erros registados, por grau de gravidade, com a respetiva contextualização linguística e análise crítica:

a) Erro terminológico neutro:

Tabela 10 – Exemplo de erro terminológico neutro (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
CONTENTS: 1 jersey, 1 pair of shorts, 1 pair of socks, 1 pair of shoes.	CONTEÚDO: 1 camisola, 1 par de calções, 1 par de meias, 1 par de sapatos.	CONTEÚDO: 1 camisola, 1 par de calções, 1 par de meias, 1 par de sapatilhas.

Este erro é considerado neutro devido à aparente sinonímia entre os termos "sapatos" e "sapatilhas", ambos pertencentes ao mesmo campo lexical do vestuário e que designam peças de calçado. No entanto, estes vocábulos apresentam uma diferença de uso marcada pelo contexto: "sapatos" refere-se habitualmente a calçado formal, utilizado em situações quotidianas ou profissionais, enquanto "sapatilhas" designa calçado desportivo ou informal. Neste caso específico, o excerto textual é retirado da descrição de um brinquedo destinado a uma criança, o que reforça a adequação do termo "sapatilhas", mais coerente com o universo infantil e com o registo informal e lúdico do texto. Assim, a substituição proposta pelo revisor constitui um

ajustamento terminológico motivado pela adequação contextual e funcional, uma vez que "sapatilhas" é a opção mais natural e precisa para o domínio em questão. A tradução inicial, embora compreensível, não compromete a inteligibilidade nem altera a semântica global da frase, pelo que o erro é classificado como neutro no modelo MQM, representando uma melhoria de conformidade terminológica que evidencia a sensibilidade linguística do revisor.

b) Erros terminológicos menores:

Tabela 11 – Exemplos de erros terminológicos menores (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
For a "inducement" appeal, the focus should be on providing substantial proofs that you didn't do any inducement act to users.	No caso de um recurso de "incentivo", o foco deve passar por fornecer provas substanciais de que não deu qualquer incentivo aos usuários.	No caso de um recurso de "incentivo", o foco deve passar por fornecer provas substanciais de que não deu qualquer incentivo aos utilizadores.
Is the Power LED light on?	A luz do LED Power está ligada?	A luz do LED de alimentação está acesa?

No primeiro exemplo, a substituição de *usuários* por *utilizadores* reflete uma diferença terminológica subtil, mas relevante em termos de domínio de uso. Embora "usuários" seja frequentemente associado ao português do Brasil, o seu uso em português europeu é legítimo e ocorre com alguma regularidade, sobretudo em contextos relacionados com o setor do vestuário e do consumo, como é o contexto deste próprio texto, em expressões do tipo "usuários de vestuário" ou "usuários de produtos". Durante o estágio, este termo surgiu com naturalidade em diversos projetos, sem ser considerado incorreto dentro desse domínio específico. No entanto, neste excerto em particular, o contexto não se refere exatamente ao consumidor final do produto têxtil, mas sim ao utilizador dos serviços desta marca. Assim, a substituição por "utilizadores" é mais precisa do ponto de vista terminológico e funcional, pois adequa o texto ao campo semântico do digital e da gestão de contas de utilizador, afastando-se da conotação de consumo físico associada a "usuários". O termo "usuário" é definido pela Infopédia como "pessoa que usufrui de algo por direito de uso", enquanto "utilizador" apresenta também uma segunda vertente de

"pessoa que utiliza um computador, geralmente sem conhecimentos informáticos especializados" (Infopédia, n.d.). O erro é, portanto, classificado como menor, uma vez que a forma inicial é compreensível e aceitável no português europeu, mas a correção reforça a especificidade terminológica e o rigor contextual exigido.

No segundo exemplo, o termo "*Power*" foi inicialmente mantido como aquilo que é, um empréstimo linguístico (Hurtado Albir, 2001). Esta estratégia é comum em textos técnicos, sobretudo quando os botões físicos de aparelhos eletrónicos apresentam inscrições em inglês, como "*ON*", "*OFF*" ou "*POWER*". O uso do empréstimo, nesses casos, auxilia a identificação visual direta do botão no produto, mesmo para utilizadores que não dominem a língua inglesa. Contudo, no excerto em questão, não há indicação de que o termo "*Power*" estivesse inscrito no aparelho, tornando desnecessária a manutenção do anglicismo. O revisor optou, assim, pela técnica de descrição, ao traduzir "*Power LED*" como "LED de alimentação", expressão que clarifica a função do componente. A substituição de "ligada" por "acesa" não se enquadra nesta categoria de terminologia, mas antes na de precisão. O uso de "ligar" tende a implicar uma ação humana (por exemplo, ligar a televisão), ao passo que *acender* descreve um fenómeno mais impessoal ou automático (por exemplo, acender a luz do motor do carro, quando ocorre uma deteção de anomalia).

c) Erros terminológicos maiores:

Tabela 12 – Exemplos de erros terminológicos maiores (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
Example: Press the Quick Settings button on the TV remote control, then press [Settings] [Display & Sound] [Audio output] [Speakers]. For details, please refer to your TV's instruction manual.	Exemplo: prima o botão de definições rápidas no comando da TV e, em seguida, prima [Definições] [Ecrã e som] [Saída de áudio] [Altifalante]. Para obter mais informações, consulte o manual de instruções da sua TV.	Exemplo: prima o botão de definições rápidas no comando da TV e, em seguida, prima [Definições] [Visualização e Som] [Saída de áudio] [Altifalante]. Para obter mais informações, consulte o manual de instruções da sua TV.

No more shaky shots	Acabaram-se as capturas tremidas	Acabaram-se as captações tremidas
The vari-angle touchscreen and front-facing record button make solo shooting effortless, while intelligent autofocus keeps subjects sharp.	O ecrã tátil de ângulo variável e o botão de gravação frontal permitem captações a solo sem esforço, enquanto a focagem automática inteligente mantém os objetos nítidos.	O ecrã tátil de ângulo variável e o botão de gravação frontal permitem captações a solo sem esforço, enquanto a focagem automática inteligente mantém os motivos nítidos.

No primeiro exemplo, observa-se um tipo de erro terminológico de maior relevância, presente num projeto de localização. Embora a sinonímia entre "Ecrã" e "Visualização" não constitua um problema tradutório no sentido estrito, o contexto funcional altera substancialmente a natureza do erro. O conteúdo entre parênteses retos corresponde a elementos localizados nas funcionalidades digitais, como botões ou menus de navegação, que já possuem uma terminologia previamente estabelecida nas versões multilingues do *software*. A tradução dessas funcionalidades exige congruência com os termos já traduzidos e usados, bem como para com os respetivos glossários, para que o utilizador tenha uma experiência consistente ao navegar pela interface. A função do tradutor, nesse caso, não se limita à equivalência linguística, mas exige uma competência operacional que vai além da simples tradução de palavras, garantindo que a referência a essa funcionalidade no *software* esteja em total conformidade com as convenções de tradução que já foram estabelecidas. Estas convenções estarão disponíveis sob a forma de glossários e, na ausência dos mesmos, deve ser fomentada a entrada do novo termo para auxílio futuro.

Através desta metodologia, o tradutor deve procurar alinhar-se aos guias de estilo e às traduções presentes nos glossários de produto que fazem parte do sistema operativo dos dispositivos. Um glossário de produto robusto desempenha um papel crucial nesse processo, pois assegura que a terminologia seja consistente e coerente com os termos previamente utilizados, evitando variações que possam prejudicar a experiência do utilizador. Para evitar estes erros, Esselink (2001) refere que as traduções de termos associados a sistemas operativos devem ser consistentes e apresenta estes mesmos glossários de produto como a ferramenta essencial para solucionar qualquer possível problema de dissonância terminológica.

No segundo exemplo, o termo "captação" substitui "captura" num contexto específico da área da fotografia e videografia. Embora semanticamente próximos, os dois termos divergem no domínio técnico a que pertencem: "captação" é o termo especializado utilizado para designar o processo de recolha de imagem, som ou luz por um dispositivo ótico, ao passo que "captura" é um termo mais genérico, frequentemente associado à informática (por exemplo, captura de ecrã). A escolha de "captação" revela, portanto, uma exigência terminológica própria desta área de especialidade, onde a terminologia específica reconhecida pelo seu público melhora a precisão comunicativa e a credibilidade do texto. Este tipo de erro salienta o processo de adaptação gradual do tradutor ao domínio terminológico da tradução audiovisual e fotográfica, à qual o estagiário conhecia muito pouco.

No terceiro exemplo, ainda dentro da mesma área de especialidade, mas num momento posterior do estágio, é relevante notar que o erro anterior já não se repete, sinalizando uma evolução evidente na aprendizagem terminológica. Surge, no entanto, uma nova questão lexical com a substituição de "objetos" por "motivos". O termo "motivo" está consagrado no léxico técnico da fotografia para designar o elemento principal da composição, aquilo que é retratado. A escolha inicial, "objetos", procura apresentar a ideia em termos semânticos, mas revela uma falta de precisão terminológica grave dentro deste domínio técnico, onde a diferença conceptual é significativa. A correção efetuada pelo revisor demonstra novamente a importância do *feedback* como ferramenta de aprendizagem contínua, permitindo ao tradutor conhecer o novo vocabulário especializado e evitar repetições de erros semelhantes.

d) Erro terminológico crítico:

Tabela 13 – Exemplo de erro terminológico crítico (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
When working on [name] Expressways, "Automated defect detection using AI is only a part of the inspection process,"	Ao trabalhar em autoestradas da [nome], "a deteção automatizada de defeitos usando IA é apenas uma parte do processo de inspeção"	Ao trabalhar com a [nome] Expressways, "a deteção automatizada de defeitos usando IA é apenas uma parte do processo de inspeção"

Neste exemplo, o erro terminológico é classificado como crítico, uma vez que compromete a precisão referencial e conceptual do texto técnico, com potenciais implicações comunicativas relevantes. A tradução de "*[name] Expressways*" como "autoestradas da [nome]" constitui uma interpretação redutora do termo original, já que "*Expressways*" não designa apenas autoestradas, mas sim o nome de uma rede mais abrangente, que inclui diferentes tipos de vias rodoviárias. Ao substituir o nome institucional por uma designação genérica, a tradução desloca o referente do termo: em vez de remeter para a rede viária abrangida por "*[name] Expressways*", passa a remeter apenas para a categoria "autoestradas". Na prática, isto significa que toda a informação associada à entidade original é interpretada como aplicável exclusivamente a autoestradas, deixando de abranger, de forma implícita, outros tipos de vias que fazem parte do mesmo sistema. Trata-se, portanto, de uma restrição do alcance semântico porque o termo deixa de funcionar como etiqueta institucional de um conjunto alargado e passa a ser lido como "autoestradas", referência a um subconjunto específico, com fronteiras mais estreitas e diferentes.

Este tipo de particularização é especialmente problemático no contexto em causa, uma vez que o excerto faz referência a condições de segurança e inspeção rodoviária. Ao limitar o campo de aplicação do texto apenas a "autoestradas", a tradução introduz uma distorção conceptual, transformando uma referência abrangente a toda uma rede de vias numa menção exclusiva a um tipo de estrada específico. Esta alteração semântica, ainda que não intencional, cria uma falsa narrativa sobre o âmbito da intervenção e das práticas de inspeção, o que, em traduções de segurança rodoviária, pode ser considerado uma decisão irresponsável.

5.3.1.2. Precisão

No modelo MQM, a categoria de precisão aborda a correspondência entre o conteúdo da tradução e o texto de partida, exigindo que a informação seja transmitida de forma fiel, completa e inequívoca. Nesta categoria, foram registados 183 erros, dos quais 69 foram neutros, 101 menores, 10 maiores e 3 críticos. Estes 3 erros críticos representam 75% de todos os erros críticos identificados em todo o estágio, o que demonstra a relevância desta categoria enquanto zona sensível na avaliação da qualidade tradutória.

A importância atribuída aos erros de precisão prende-se com o facto de uma má interpretação ou tradução incorreta dos factos poder comprometer gravemente a função comunicativa do texto, distorcendo a mensagem original e afetando diretamente a experiência do

recetor. Os erros classificados como críticos nesta categoria surgiram, sobretudo, de falhas na compreensão do conteúdo original ou de interpretações incorretas de conceitos específicos, que, quando transpostos para o texto de chegada, geraram realidades falsas ou enganosas. Este tipo de erro, mesmo que isolado, pode ter consequências significativas, particularmente em domínios como a saúde, tecnologia, regulamentação ou vendas de produtos.

Também os erros maiores nesta categoria revelaram, em geral, distanciamentos conceptuais relevantes entre o original e a tradução, podendo surgir da ambiguidade do texto de partida ou de estruturas semânticas confusas no texto de chegada. Já os erros menores e neutros estiveram mais associados a omissões de pormenores, traduções literais com pouca adaptação ao contexto ou interpretações excessivamente livres.

Seguem-se abaixo exemplos representativos de cada grau de severidade, a serem analisados e contextualizados na perspetiva do estagiário:

a) Erro de precisão neutro:

Tabela 14 – Exemplo de erro de precisão neutro (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
Play with suede and leather finishes to create a custom look.	Aposta em acabamentos em camurça e pele para criar um look personalizado.	Brinca com acabamentos em camurça e pele para criar um look personalizado.

Este erro é classificado como neutro, uma vez que as duas opções de tradução são semanticamente válidas e mantêm a coerência comunicativa do texto, diferindo apenas no grau de literalidade e na estratégia adotada. Trata-se de um excerto pertencente à área do *marketing* de moda, onde o tom promocional e apelativo desempenha um papel essencial na comunicação.

A escolha do estagiário procura explorar o efeito persuasivo pretendido no texto de partida. O verbo apostar introduz uma nuance de envolvimento e decisão, sugerindo ao leitor uma ação confiante, típica deste discurso publicitário. Por sua vez, a opção do revisor aproxima-se de uma tradução mais literal do verbo original. Ainda que a tradução seja correta e natural, apresenta um tom ligeiramente mais neutro, menos vinculado à retórica publicitária do português europeu.

Neste sentido, a alteração do revisor não corrige um erro propriamente dito, mas resulta de uma diferença na abordagem comunicativa. Ambas as soluções são adequadas, embora o uso de "aposta" demonstre uma adaptação funcional mais eficaz ao registo e às convenções discursivas publicitárias.

b) Erros de precisão menores:

Tabela 15 – Exemplos de erros de precisão menores (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
Waxed woven twill shell features a water-repellent finish to help keep you dry in wet weather.	O revestimento de sarja entrançado encerado conta com um acabamento repelente de água para ajudar a manter a secura em tempo húmido.	O revestimento de sarja entrançada encerado conta com um acabamento repelente de água para ajudar a manter a secura em tempo húmido.
Wear 'em loose for a low-rise look or cinched tight for a more tailored style.	Usa-as folgadas para criar um look de cintura baixa ou mais apertadas para um estilo mais personalizado.	Usa-as folgadas para um look de cintura baixa ou apertadas para um estilo mais justo.

No primeiro exemplo, o erro de precisão decorre de uma interpretação incorreta da relação entre o substantivo e o adjetivo, resultando numa imprecisão terminológica relevante. O estagiário utilizou o adjetivo no masculino para caracterizar o revestimento, e não o elemento técnico que realmente apresenta a propriedade descrita: a sarja. O revisor, ao alterar para "sarja entrançada", restitui a precisão conceptual do segmento, uma vez que é a sarja, e não o revestimento, que possui a estrutura entrelaçada própria deste tipo de tecido. O erro nasce, portanto, de um desconhecimento da natureza material do termo técnico sarja, que designa um tecido com um padrão diagonal obtido por entrelaçamento de fios.

No segundo exemplo, o erro de precisão resulta de uma interpretação semântica imprecisa do termo "*tailored*", traduzido como personalizado em vez de justo. Embora "personalizado" seja uma tradução possível noutros contextos, neste caso, o termo inglês refere-se ao corte ajustado da peça de vestuário. Para além disso, o contexto da própria frase também

remete para um modelo mais folgado. O erro não assume maior gravidade, pois, apesar de "mais justo" ser a opção terminologicamente mais adequada, o termo "personalizado" apresenta uma proximidade semântica que permite preservar a interpretação global do enunciado. Trata-se de uma designação mais abrangente, capaz de remeter tanto para um corte mais justo como para um ajuste mais folgado, sem comprometer a funcionalidade comunicativa do texto.

c) Erros de precisão maiores:

Tabela 16 – Exemplos de erros de precisão maiores (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
Art supplies may not wash out of most materials, including fabrics, rugs, car upholstery, and furniture.	Os produtos artísticos não podem ser lavados da maioria dos materiais, incluindo tecidos, tapetes, estofos de automóveis e mobiliário.	Os produtos artísticos podem não sair ao lavar da maioria dos materiais, incluindo tecidos, tapetes, estofos de automóveis e mobiliário.
White and black classic or sport	Clássico ou desportivo, em branco e em preto	Clássico ou desportivo, em branco e preto
Follow our in-depth series of short videos about Order Management in [name]!	Siga a nossa série de breves vídeos detalhados sobre a Gestão de tarefas na [nome]!	Acompanhe a nossa série detalhada de vídeos curtos sobre a Gestão de tarefas na [nome]!
When enabled, it overrides any custom dashboards created by Standard users, replacing them with those shared through Admin users.	Quando ativada, prevalece sobre quaisquer dashboards personalizados criados por utilizadores padrão, substituindo-os pelos partilhados por utilizadores com direitos de administrador.	Quando ativada, prevalece sobre quaisquer dashboards personalizados criados por utilizadores padrão, substituindo-os pelos partilhados com utilizadores com direitos de administrador.

No primeiro exemplo, observa-se um erro de precisão significativo, uma vez que a tradução literal compromete a fluência da frase. O verbo "*wash out*" não significa "lavar", mas sim "sair ao

lavar", uma construção idiomática ao português.[1] O erro resulta de uma abordagem literal da expressão idiomática inglesa, sem a devida adaptação ao uso natural do português europeu. Trata-se de uma distração clara que passou despercebida na revisão de qualidade realizada pelo estagiário, o que realça a importância de uma leitura atenta para detetar este tipo de problemas.

No segundo exemplo, a imprecisão decorre de uma falha interpretativa que, embora compreensível, é pragmática e extremamente relevante. O estagiário interpretou a frase de forma literal, pressupondo a existência de duas opções cromáticas distintas, o que é comum em descrições de produtos. No entanto, o contexto de marketing e a formulação concisa em inglês, que funciona também como remate da frase, apontam para uma descrição única de estilo e paleta visual "(em branco e preto"). É um exemplo de erro de precisão pragmática, que salienta as dificuldades de interpretação associadas a construções ambíguas no discurso publicitário, as quais devem ser resolvidas em função da finalidade comunicativa do enunciado no seu contexto de ocorrência, de modo a clarificar o objetivo do texto.

O terceiro exemplo ilustra um erro de atribuição adjetival, resultante de uma abordagem incorreta da estrutura sintática. A frase qualifica "série" com o adjetivo "detalhada", mas, na tradução inicial, o estagiário não realizou esta correspondência, aplicando o adjetivo a "vídeos", o que distorce o foco informativo e altera a hierarquia descritiva do texto.

Por fim, o quarto exemplo representa um erro de interpretação semântica derivado da ambiguidade do inglês. A expressão pode ser traduzida tanto como "partilhados por" quanto "partilhados com", dependendo do foco da ação (quem partilha ou quem recebe).

d) Erro de precisão crítico:

Tabela 17 – Exemplo de erro de precisão crítico (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
%%%%Review websites%%%%%	%%%%Reveja os websites%%%%	%%%%Websites de avaliação%%%%

[1] *O verbo frásico *wash out* é definido no *Cambridge Dictionary* como "to be cleaned from cloth", sendo indicado como equivalente em português "sair (ao lavar)" (*Cambridge Dictionary*, s.d.).

Neste exemplo, a tradução do segmento demonstra uma dificuldade típica de projetos de localização, onde o contexto extratextual é determinante para a interpretação do conteúdo. Sem acesso visual à interface ou à funcionalidade associada, o tradutor interpretou "*review*" como um verbo na sua forma literal, quando, no contexto de uma interface digital, "*Review websites*" corresponde a uma categoria de navegação que remete para os "*websites* de avaliação". A ausência de uma pré-visualização da interface ou de documentação de apoio impediu o estagiário de identificar o valor nominal de "*review*", que é usado como substantivo e não como verbo.

Este tipo de dificuldade é frequente em projetos de localização, onde os textos são traduzidos antes de adquirirem uma forma e uma função definitivas no produto final. Como observa Esselink (2000), a ausência de contexto visual e funcional nas *strings* de *software* obriga frequentemente o tradutor a antecipar usos e funções que só se tornam evidentes numa fase posterior do processo. O texto traduzido encontra-se, assim, numa fase intermédia de circulação, em que o seu valor funcional ainda não está completamente definido. É precisamente esta condição de instabilidade que Anthony Pym (2004) descreve ao conceptualizar a tradução como um processo que envolve textos em movimento. Neste sentido, o "alvo" da tradução não é fixo no momento da tradução da *string*, mas só se concretiza quando o texto é finalmente integrado na interface e apresentado ao utilizador final. A inexistência desse ponto de chegada no momento da tradução contribui para erros de precisão como o observado neste exemplo. Casos como este mostram como a precisão tradutória depende também de uma leitura atenta e interpretativa do original, bem como um domínio progressivo dos contextos extratextuais e funcionais que envolvem o conteúdo traduzido.

5.3.1.3. Convenções linguísticas

A categoria convenções linguísticas abrange os elementos formais e gramaticais da língua de chegada, como ortografia, pontuação, morfologia, sintaxe e regras de concordância. No caso do português europeu, estas convenções apresentam um elevado nível de complexidade linguística e normativa, o que faz desta categoria uma das mais desafiantes para tradutores em contexto de formação. No total, foram identificados 134 erros nesta categoria, dos quais 42 foram classificados como neutros, 87 como menores e 5 como maiores.

Trata-se de uma área em que os erros podem ter origens distintas. Em alguns casos, resultam de lacunas efetivas no domínio gramatical, noutros, decorrem de lapsos pontuais,

distrações ou situações de sobrecarga cognitiva, especialmente em contextos com frases longas, estruturas sintáticas complexas ou quando o conteúdo exige reformulações profundas. As conjugações verbais incorretas, os erros de género e número e a colocação incorreta de pronomes foram alguns dos padrões mais recorrentes. Embora muitos destes erros possam parecer superficiais, a sua presença compromete a fluência, naturalidade e correção do texto, o que afeta diretamente a perceção da qualidade por parte do revisor e do leitor final.

Algumas falhas também foram influenciadas por questões de ambiguidade e pragmática, em que a estrutura da frase original (em inglês, na maioria dos casos) induzia o estagiário a escolhas sintáticas ou morfológicas erradas, com impacto na coesão do discurso.

Ainda que o elevado número de erros menores seja indicativo de uma consistência a melhorar, a ausência de erros críticos nesta categoria e o número reduzido de erros maiores sugerem que a base gramatical do estagiário se mantém sólida, embora exija reforço na revisão final e na atenção aos detalhes linguísticos mais subtis, sobretudo em situações de fadiga ou sob pressão temporal.

Abaixo serão apresentados exemplos ilustrativos de cada grau de severidade:

a) Erro de convenções linguísticas neutro:

Tabela 18 – Exemplo de erro de convenções linguísticas neutro (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
Overfill the bowl, as this will cause spillages.	Encher demasiado a taça, pois isto poderá causar derrames.	Encher demasiado a taça, pois isto irá provocar derrames.

Este erro é classificado como neutro porque, do ponto de vista linguístico, revela uma diferença relevante no domínio da modalidade epistémica. A tradução proposta expressa uma modalidade epistémica com valor de probabilidade, uma vez que o verbo modal "poder" introduz um grau de incerteza relativamente à realização da ação, apresentando-a como possível, mas não garantida. Por outro lado, a estrutura "irá provocar" corresponde igualmente a uma modalidade epistémica, mas com valor de certeza, já que a perífrase verbal transmite a inevitabilidade da consequência, reforçando a relação causal entre as duas ações.

Esta diferença, embora subtil, altera a força ilocutória do enunciado. Enquanto o primeiro atenua a responsabilidade do emissor e confere ao texto um tom hipotético, o segundo assume uma enunciação assertiva e categórica, adequada ao registo dos textos instrutivos. A correção feita pelo revisor elimina a modalização de probabilidade e restitui o valor de certeza, garantindo a coerência com a tipologia instrucional, no qual se privilegia a clareza, a previsibilidade e a relação direta entre causa e efeito.

b) Erro de convenções linguísticas menor:

Tabela 19 – Exemplos de erros de convenções linguísticas menores (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
Our [name] also digitally record your drivers' check-in and check-out times and provide proof of working hours to customers without paperwork headaches.	Os nossos [nome] registam digitalmente as horas de chegada e saída dos seus condutores e forneça provas das horas de trabalho aos clientes sem complicações burocráticas.	Os nossos [nome] registam digitalmente as horas de chegada e saída dos seus condutores e fornecem provas das horas de trabalho aos clientes sem complicações burocráticas.
Camera Specifications	Características técnicas da câmara	Caraterísticas técnicas da câmara

Este erro é classificado como menor, mas apresenta duas dimensões distintas: uma de modo verbal e outra de pessoa e número. A tradução proposta usa o presente do conjuntivo e a terceira pessoa do singular, em vez da forma correta que está no presente do indicativo e na terceira pessoa do plural, concordando com o sujeito plural no início da frase. Acaba por representar um claro erro de distração que, apesar de não afetar o valor semântico e comunicativo da frase, revela uma falha clara na revisão da qualidade de frases complexas.

O segundo erro é classificado como menor e resulta de uma confusão ortográfica relacionada com as diferentes grafias permitidas pelo Acordo Ortográfico. A forma "características", com "c", continua a ser aceite atualmente, mas não é a grafia utilizada em projetos sem instrução ortográfica específica. O erro ocorreu devido a uma configuração errónea

do padrão ortográfico no *Trados Studio* que, ao não alertar esta situação, levou à autocorreção automática errada da palavra.

c) Erro de convenções linguísticas maior:

Tabela 20 – Exemplo de erro de convenções linguísticas maior (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
Compete with serious speed	Compita com alta velocidade	Compete com alta velocidade

Este erro é classificado como maior, uma vez que afeta diretamente a naturalidade e adequação do enunciado na língua de chegada. Na tradução apresentada, surge a forma "compita", que, embora formalmente possível em determinados contextos, se revela desajustada ao registo e ao tipo de discurso em causa.

Importa salientar que "compita" pode formalmente coincidir com formas do conjuntivo e do imperativo, o que pode gerar alguma ambiguidade na sua interpretação. No entanto, o problema não reside apenas na escolha do modo verbal, mas sobretudo na adequação pragmática da forma utilizada. Neste tipo de texto de natureza publicitária e promocional, privilegiam-se estruturas com valor diretivo e apelativo, orientadas para a ação do interlocutor.

Nesse sentido, a forma "compete" surge como a opção mais natural e idiomática em português europeu, funcionando como uma instrução direta ao leitor. Pelo contrário, a utilização de "compita" introduz um tom artificial e pouco fluente, afastando-se das convenções discursivas típicas deste género textual.

A correção proposta pelo revisor restitui o valor comunicativo pretendido, reforçando o carácter apelativo do enunciado e assegurando maior fluência e coerência na língua de chegada.

5.3.1.4. Estilo

A categoria estilo, no modelo MQM, refere-se à adequação do texto traduzido ao registo pretendido, fluidez linguística, consistência estilística e conformidade com normas idiomáticas da língua de chegada. Esta dimensão, embora nem sempre tecnicamente penalizável, é importante na perceção de qualidade de uma tradução, sobretudo em contextos comerciais, promocionais ou institucionais. Durante o estágio, foram identificados 222 erros nesta categoria, representando

mais de 26% de todos os erros, sendo 152 neutros mais 70 menores. Não se registaram erros classificados como maiores ou críticos.

O elevado número de erros neutros reflete a natureza particular desta categoria, frequentemente associada a preferências estilísticas ou a reformulações mais estandardizadas. Estas ocorrências não comprometem diretamente a precisão ou a funcionalidade do texto, mas visam aprimorar a naturalidade e a adequação linguística ao português europeu. Ao longo do processo, verificou-se ainda uma abertura recorrente à incorporação destas correções estilísticas, com o objetivo de promover o desenvolvimento das competências linguísticas.

Grande parte dos erros observados resultou da fluidez limitada de alguns segmentos e de uma reprodução excessivamente próxima da estrutura frásica do inglês, características comuns em fases iniciais de adaptação à prática profissional. A construção de um discurso técnico e natural na língua de chegada constituiu, por isso, um dos principais desafios identificados, tratando-se de um aspeto que tende a consolidar-se com a prática continuada e com a leitura crítica das sugestões de revisão. Também foram registadas correções associadas à inadequação do grau de formalidade, especialmente em textos promocionais e orientados para o público final, onde era necessário adaptar e alternar tons mais informais, apelativos ou diretos.

Os exemplos a seguir permitirão observar, com maior detalhe, os diferentes tipos de intervenção estilística realizados ao longo do estágio:

a) Erro de estilo neutro:

Tabela 21 – Exemplo de erro de estilo neutro (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
Synology DiskStation Manager's (DSM) easy capacity expansion using Storage Manager allows users to expand their storage in minutes.	A expansão de capacidade fácil do Synology DiskStation Manager (DSM) através do Gestor de armazenamento permite aos utilizadores expandir o respetivo armazenamento em minutos.	A expansão de capacidade fácil do Synology DiskStation Manager (DSM) através do Gestor de armazenamento permite aos utilizadores expandir o respetivo

		armazenamento numa questão de minutos.

A tradução inicial segue de forma muito próxima a estrutura do texto de partida, privilegiando uma correspondência formal que, embora semanticamente correta e funcional do ponto de vista comunicativo, resulta numa formulação pouco idiomática em português europeu. Essa proximidade estrutural manifesta-se numa construção sintática mais rígida e numa escolha lexical fortemente condicionada pelo original, o que não favorece plenamente a fluidez do texto de chegada, ainda que não comprometa a sua inteligibilidade nem o seu papel comunicativo.

A reformulação introduzida na versão revista afasta-se dessa dependência estrutural, optando por uma solução mais fluida e natural na língua de chegada, mantendo inalterado o conteúdo semântico. Esta diferença entre as duas versões é uma representação das ideias de Newmark (1988) entre abordagens mais literais e abordagens orientadas para a comunicação, nas quais a prioridade recai sobre a aceitabilidade e a naturalidade do texto para o leitor, o que acaba por justificar a opção proposta pela revisão. Neste sentido, a revisão não intervém para corrigir um erro de sentido, mas para otimizar a expressão linguística, aproximando o texto das estruturas comuns ao português europeu.

A opção inicial por uma formulação mais literal pode ainda ser relacionada com o grau de dependência do texto de partida durante o processo tradutório. Newmark (1988) assinala que traduções marcadas por interferência da língua de partida tendem a apresentar menor naturalidade, ainda que permaneçam funcionalmente adequadas do ponto de vista comunicativo. Esta observação encontra apoio nos estudos de natureza processual, onde Dimitrova (2005) verifica através de estudos quantitativos que tradutores menos experientes estão associados a uma maior proximidade estrutural ao original, acompanhada de uma menor margem para reformulação na fase de produção. A diferença entre rigidez e fluência pode igualmente ser interpretada à luz das reflexões de Pym, apresentadas no *WITTA Workshop on Translator Education*, realizado em Xi'an, na China, a 27 de abril de 2018, onde descreve o tradutor experiente como aquele que se afasta progressivamente da literalidade, recorre com maior frequência à paráfrase, demonstra maior capacidade de absorção e retenção de unidades de tradução e concentra mais tempo e atenção no texto de chegada. Segundo o autor, esse perfil traduz-se numa prática mais célere, com menor necessidade de revisão e menos alterações posteriores, refletindo um grau superior de automatização, confiança e aceitação do carácter

inevitavelmente imperfeito da tradução. A intervenção do revisor, ao introduzir uma solução mais idiomática e fluente, evidencia precisamente esse nível de autonomia face ao texto de partida, característico de uma prática profissional consolidada.

b) Erro de estilo menor:

Tabela 22 – Exemplo de erro de estilo menor (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
This classic-fit [name] tee leaves no questions where your loyalty lies.	Esta t-shirt [nome] de corte clássico faz com que ninguém duvide de quem merece a tua lealdade.	Esta t-shirt [nome] de corte clássico não deixa dúvidas sobre quem conta com a tua lealdade.

Este erro é classificado como menor, pois embora a tradução seja semanticamente correta, apresenta uma formulação pouco fluente e idiomática na língua de chegada. A tradução inicial recorre a uma perífrase com o verbo "fazer" que, apesar de gramaticalmente aceitável, resulta numa construção rígida e pouco natural, o que se opõe ao registo publicitário. O uso deste verbo como elemento de ligação enfraquece a expressividade da frase e interrompe o ritmo fluido esperado no texto.

A reformulação do revisor substitui a rigidez da perífrase por uma expressão idiomática amplamente usada e mais espontânea, garantindo uma sonoridade mais comum e próxima da língua de chegada. A escolha do verbo "deixar" associado à palavra "dúvidas" reforça o tom afirmativo e fluido da mensagem. A análise desta categoria reforça a importância do estilo como marca de maturidade tradutória.

5.3.1.5. Convenções de *locale*

A categoria convenções de *locale* no modelo MQM refere-se à adequação do texto às normas culturais, linguísticas e de formatação do mercado-alvo, incluindo convenções como formato de datas, horas, moedas, unidades de medida, aspas, abreviaturas, nomes próprios e outras normas específicas do país ou da região linguística. No português europeu, estas convenções estão bem estabelecidas e divergem de forma sistemática das normas de outras variantes do português, como o brasileiro, ou do inglês, a língua de partida dos projetos.

Durante o estágio, foram registados 67 erros nesta categoria, dos quais 32 foram classificados como neutros e 35 como menores. A inexistência de erros maiores ou críticos revela que, embora presentes, nenhuma falha que comprometesse gravemente a funcionalidade ou compreensão do texto final fosse cometida, sendo a maioria dos erros passíveis de ajustes simples e diretos.

Apesar de menos frequente do que outras categorias, a atenção às convenções de *locale* é essencial para a credibilidade do texto traduzido e para garantir uma experiência natural ao leitor. A seguir serão apresentados exemplos ilustrativos:

a) Erro de convenções de *locale* neutro:

Tabela 23 – Exemplo de erro de convenções de locale neutro (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
2/19/2024	19/2/2024	19/02/2024

Este erro é classificado como neutro e constitui um excelente exemplo do papel da localização na tradução. A diferença entre 2/19/2024 e 19/02/2024 não representa um erro linguístico, mas sim uma adaptação às convenções de *locale*. No português europeu, o formato de data segue a ordem dia/mês/ano, ao contrário do inglês estadunidense, que utiliza mês/dia/ano.

Neste caso, o estagiário demonstrou consciência da necessidade de adaptação às convenções de *locale*, convertendo corretamente a estrutura da data. O erro é considerado neutro porque reside apenas na omissão da unidade das dezenas no mês (2 em vez de 02), tendo em conta esta era nula. Ainda assim, a inserção do zero inicial constitui uma convenção gráfica importante para assegurar uniformidade e coerência em contextos de funcionamento laboral.

Como refere Esselink (2000), os chamados *country-specific elements*, traduzidos como elementos específicos de país, como formatos de data, hora, moeda ou unidades de medida, devem ser sistematicamente ajustados ao contexto-alvo e público-alvo, de modo a garantir a funcionalidade do texto traduzido.

b) Erros de convenções de *locale* menores:

Tabela 24 – Exemplos de erros de convenções de locale menores (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
You can set the pricing rule to be 0.95 times the source price for the target marketplace, the product price on the target marketplace = (10) * (0.95) * (1.20) = 11.40	Pode definir a regra de preços para ser 0,95 vezes o preço de origem para o mercado-alvo, o preço do produto no mercado-alvo = (10) * (0,95) * (1,20) = 11,40	Pode definir a regra de preços para ser 0,95 vezes o preço de origem para o mercado-alvo, o preço do produto no mercado-alvo é = (10) x (0,95) x (1,20) = 11,40
SerialNumber-ENU-001	SerialNumber-ENU-001	SerialNumber-PTG-001

Estes erros são classificados como menores, uma vez que não comprometem a compreensão do conteúdo, embora afetem a conformidade com as convenções de *locale* do português europeu. No primeiro exemplo, a tradução inicial mantém o uso do asterisco (*) como símbolo de multiplicação, prática comum no inglês técnico, em detrimento do símbolo "×", convencionalmente adotado em contextos matemáticos e técnicos em português europeu. Trata-se, assim, de um caso de adaptação insuficiente de uma convenção gráfica específica de *locale* de chegada.

O segundo caso, relativo à alteração de "SerialNumber-ENU-001" para "SerialNumber-PTG-001", demonstra a importância da correta aplicação dos códigos de idioma definidos pelos sistemas de localização. ENU identifica o inglês dos Estados Unidos (*English – United States*), enquanto PTG designa o português de Portugal. Esta conversão é fundamental para garantir que o produto final é reconhecido corretamente no ambiente localizado, tanto por utilizadores como por sistemas.

5.3.1.6. Adequação ao público-alvo

A categoria de adequação ao público-alvo refere-se à capacidade de o texto traduzido se adaptar ao público-alvo previsto, em termos de tom, vocabulário e propósito comunicacional. Durante o estágio, foram registados 12 erros, sendo 5 neutros e 7 menores.

Os erros neutros surgiram, sobretudo, como sugestões de reformulação para adaptar a acessibilidade. Já os erros menores relacionaram-se com escolhas estilísticas desalinhadas com o tipo de leitor, o objetivo comunicativo ou com formulações publicitárias imprecisas, dependendo do papel comunicativo do texto perante o seu público-alvo.

Segue-se a apresentação de exemplos representativos:

a) Erro de adequação neutro:

Tabela 25 – Exemplo de erro de adequação neutro (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
With neon accents set on a dark backdrop, the design embodies the music, culture and breaking of tradition that connects the diverse youth of [country].	Com detalhes em néon sobre um cenário escuro, o design personifica a música, cultura e quebra dos moldes tradicionais que une os diversos jovens da [país].	Com detalhes em néon sobre um pano de fundo escuro, o design personifica a música, a cultura e a rutura com a tradição que une a juventude heterogénea da [país].

Este erro é classificado como neutro, uma vez que ambas as versões se revelam adequadas ao contexto comunicativo e não comprometem a compreensão global do texto, ainda que reflitam abordagens tradutórias distintas. A opção adotada na tradução inicial corresponde a uma decisão consciente e interpretativa, motivada pela intenção de atenuar a conotação potencialmente negativa associada à tradução literal "rutura com a tradição". Num texto de natureza publicitária, esta formulação pode ser interpretada como uma rejeição ou oposição direta a valores estabelecidos, interferindo com o tom inspirador e agregador pretendido pela mensagem.

Nesse sentido, a reformulação para "quebra dos moldes tradicionais" permite preservar a ideia de inovação, mudança e superação, ao mesmo tempo que introduz uma leitura mais positiva e criativa, menos marcada por uma metáfora de confronto. Num texto publicitário, a tradução não é orientada prioritariamente pela correspondência do conteúdo informativo com o original, mas pela preservação da função persuasiva da mensagem, que assume um papel dominante neste tipo de discurso. Como sublinha Reiss, a publicidade constitui um exemplo particularmente claro da função persuasiva da linguagem, devendo esta assumir prioridade sobre a dimensão meramente descritiva ou informativa do texto de partida (Reiss, 2000).

Neste enquadramento, a opção tradutória observada procura evitar interpretações potencialmente dissonantes no contexto de chegada, privilegiando o efeito comunicativo da mensagem e a forma como esta é recebida pelo público-alvo. Por sua vez, a reformulação apresentada pelo revisor retoma uma solução semanticamente mais próxima do original, assegurando uma leitura mais direta e neutra. Ambas as opções são legítimas do ponto de vista tradutório e não comprometem a adequação global do texto, o que ilustra como, em textos publicitários, pequenas variações discursivas refletem diferentes interpretações da intenção comunicativa e do impacto pretendido no leitor, sem que tal configure um erro tradutório propriamente dito.

b) Erro de adequação menor:

Tabela 26 – Exemplo de erro de adequação menor (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
1 tbsp custard powder	1 colher de sopa de preparado em pó para creme custard	1 colher de sopa de preparado em pó para fazer creme de leite

Este erro é classificado como menor, refletindo uma questão de adequação cultural e de orientação ao público-alvo. O termo *custard* designa um preparado específico, amplamente conhecido no Reino Unido e na Irlanda, cuja designação não possui uma correspondência estabilizada no português europeu. Na versão inicial da tradução, optou-se pela manutenção do empréstimo *custard*, estratégia que permite preservar a referência cultural original do produto descrito.

Contudo, a intervenção do revisor conduziu a uma reformulação da solução tradutória, substituindo o empréstimo por uma pequena explicitação do produto, "creme de leite". Esta correção procurou privilegiar uma designação mais imediatamente reconhecível para um público que poderá não estar familiarizado com o termo estrangeiro, reduzindo o esforço interpretativo exigido ao leitor. Trata-se, assim, de uma decisão orientada pela acessibilidade e pela clareza referencial, sem que esteja em causa um erro de compreensão do texto de partida.

Durante o estágio, este tipo de situação revelou-se pouco frequente, uma vez que, em casos de elevada especificidade cultural ou terminológica, era prática recorrente confirmar previamente com o tradutor responsável pelo cliente a estratégia a adotar, que tendia a estar mais orientada para o texto de partida, sob o exemplo dos empréstimos. Essa validação permitia alinhar as opções tradutórias com as expectativas do cliente e com o conteúdo terminológico existente.

Um caso comparável ocorreu com o termo *angelito ice cream*, um gelado fortemente associado ao contexto cultural irlandês. Neste exemplo, a decisão tomada foi distinta da anterior, optando-se pela manutenção do empréstimo, sem recurso à adaptação cultural nem à explicitação do referente. Esta escolha assentou na preservação da referência cultural original, assumindo que o contexto fornecido não deveria ser explicitado em português, devido à própria dificuldade de caracterização deste gelado. O contraste entre opções mostra que decisões deste tipo não seguem um critério fixo, sendo antes determinadas pelo enquadramento específico de cada projeto, pelas orientações do cliente e pelo grau de familiaridade esperado do público com o referente cultural em causa.

5.3.1.7. Formatação e marcação

A categoria de formatação e marcação do modelo MQM abrange os aspetos visuais e estruturais do texto traduzido, incluindo a manutenção correta da formatação, marcadores, *tags*, espaçamento, quebras de linha, entre outros elementos que garantem a integridade visual e funcional do conteúdo.

Ao longo do estágio, foram registados 66 erros nesta categoria, distribuídos entre 29 neutros, 35 menores e 2 maiores. A maioria dos erros decorreu de lapsos relacionados com espaços em falta ou excesso, má colocação de *tags* ou erros ao replicar a formatação original. São situações que, embora de resolução simples, podem ter um impacto direto na localização ou conformidade técnica do ficheiro, o que necessitará de ser corrigido em fases posteriores da cadeia de produção.

Os erros neutros geralmente refletiram sugestões de melhoria não penalizáveis, como ajustes no espaçamento ou alinhamento. Já os erros menores resultaram de pequenas falhas na gestão dos recursos visuais e marcação técnica, comuns em fluxos complexos relacionados com

as ferramentas de tradução assistida. Os dois erros maiores verificaram-se em projetos em que a estrutura do ficheiro foi comprometida, colocando em risco a funcionalidade do conteúdo.

Exemplos ilustrativos serão apresentados a seguir:

a) Erro de formatação neutro:

Tabela 27 – Exemplo de erro de formatação neutro (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
512GB	512 GB	512 GB

Este caso é classificado como erro de formatação neutro, pois não afeta a legibilidade nem o conteúdo informativo, mas diz respeito a uma convenção técnica específica. O estagiário utilizou um espaço normal entre o número e a unidade de medida, quando o padrão seguido nos projetos era o uso de um espaço inquebrável. Esta prática garante que o número e a unidade permaneçam juntos e evita quebras de linha indesejadas em interfaces digitais. Este erro ocorreu nos primeiros projetos do estágio e foi rapidamente identificado e corrigido, tornando-se parte das boas práticas aplicadas nas tarefas seguintes.

b) Erro de formatação menor:

Tabela 28 – Exemplo de erro de formatação menor (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
{str:number} hours	{str:number}horas	{str:number} horas

Este exemplo corresponde a um erro de formatação classificado como menor, uma vez que a ausência de espaço entre o *placeholder* {str:number} e a palavra "horas" não compromete o significado do conteúdo. No entanto, esta falha afeta a linearidade visual do texto esperada em contextos informáticos, ao quebrar o padrão tipográfico e a sequência de leitura automática do utilizador. Embora subtil, a irregularidade é imediatamente percetível e introduz uma rutura no fluxo do texto, justificando a correção efetuada pelo revisor no sentido de restabelecer a consistência formal e a continuidade da leitura.

c) Erros de formatação maiores:

Tabela 29 – Exemplos de erros de formatação maiores (Elaboração Própria)

Original	Tradução	Revisão
1/8 baking soda	1/8 de bicarbonato de sódio	1/8 colher de chá de bicarbonato de sódio
We have approved your request. Please pack the 1 item according to the return instructions and return them to the provider () by ().	Aprovámos o seu pedido. Embale o 1 artigo de acordo com as instruções de devolução e devolva-o ao fornecedor () até ().	Aprovámos o seu pedido. Embale o artigo (1) de acordo com as instruções de devolução e devolva-o ao fornecedor () até ().

O primeiro exemplo é classificado como um erro de formatação maior, inserido na subcategoria de texto em falta, dado que envolve a omissão de um elemento essencial à correta comunicação da informação. A falta de quantificação do bicarbonato de sódio torna ilegível o entendimento da informação fornecida. Neste caso, o erro de formatação estava já presente no texto de origem, o que levou o estagiário a traduzi-lo literalmente, sem identificar a anomalia nem proceder à sua verificação com o responsável pela conta do cliente. Assim, o problema não se prende apenas com a tradução em si, mas também com a falta de reconhecimento e resolução de um erro de formatação do texto original, que gera um erro de formatação no texto de chegada.

O segundo exemplo acontece devido à má interpretação de um *placeholder* presente no texto de origem. O elemento "(1)" correspondia a um *placeholder*, destinado a ser substituído automaticamente pelo número real de artigos. No entanto, o estagiário interpretou o valor como texto literal e traduziu-o como "1", o que comprometeu gravemente a funcionalidade comunicativa do segmento. Ao não reconhecer o papel do *placeholder*, a tradução passou a exibir informação que deveria permanecer oculta e variável, fazendo com que o utilizador visualizasse "1 artigo" em vez do valor real gerado pelo sistema. Este tipo de erro tem impacto direto na precisão comunicativa e na coerência funcional do texto localizado. A sua relevância torna-se particularmente evidente em ambientes profissionais altamente padronizados, onde, apesar de frequentemente subvalorizada, esta categoria pode comprometer o cumprimento de requisitos técnicos, inviabilizar entregas ou afetar a funcionalidade de interfaces digitais.

5.3.2. Os diferentes erros em diferentes textos

A partir deste ponto, analisa-se a relação entre os tipos de erro identificados e as diferentes tipologias textuais dos projetos traduzidos, com base nos dados estatísticos recolhidos ao longo do estágio. Mais concretamente, pretende-se observar de que forma a distribuição dos erros é articulada com o peso de cada tipologia textual no *corpus* analisado, permitindo uma leitura comparativa entre o volume de projetos e a incidência de erros em cada categoria.

Após a apresentação da distribuição global dos 184 projetos por tipologia textual, procede-se agora a uma distribuição mais precisa dos projetos presentes no *corpus* de 120 projetos que serviu de base à avaliação da qualidade. Esta distinção é essencial, uma vez que apenas estes 120 projetos foram objeto de análise sistemática ao nível dos erros, constituindo, por isso mesmo, o universo relevante, em termos representativos, para a leitura estatística que se segue.

A apresentação da distribuição das tipologias textuais dentro deste *corpus* não tem apenas uma função descritiva. Pelo contrário, ela permite estabelecer o ponto de referência quantitativo que será fundamental para comparar e interpretar os dados relativos aos erros. A relevância da análise não reside apenas no número absoluto de erros por tipologia, mas sobretudo na relação entre a percentagem que cada tipologia representa no *corpus* e a proporção de erros que nela se concentra. Assim, torna-se possível observar situações em que a incidência de determinados tipos de erro não acompanha proporcionalmente o peso de uma tipologia textual no *corpus*. Por exemplo, em alguns casos, tipologias menos representadas concentram uma percentagem elevada de erros específicos, ao passo que tipologias mais frequentes apresentam uma incidência relativamente reduzida desses mesmos erros. Esta discrepância revela-se analiticamente relevante, na medida em que permite identificar padrões e relações não imediatamente evidentes entre o tipo de texto e os desafios tradutórios que lhe estão associados.

Neste *corpus* de 120 projetos, a distribuição por tipologia textual é a seguinte: 34 textos promocionais (28,3%), 26 textos instrucionais (21,7%), 24 textos informativos (20%), 16 textos científicos (13,3%), 15 projetos de localização (12,5%), 3 textos audiovisuais (2,5%) e 2 textos transacionais (1,7%). Esta distribuição permite identificar as tipologias predominantes e serve de base comparativa para a leitura dos dados relativos aos erros.

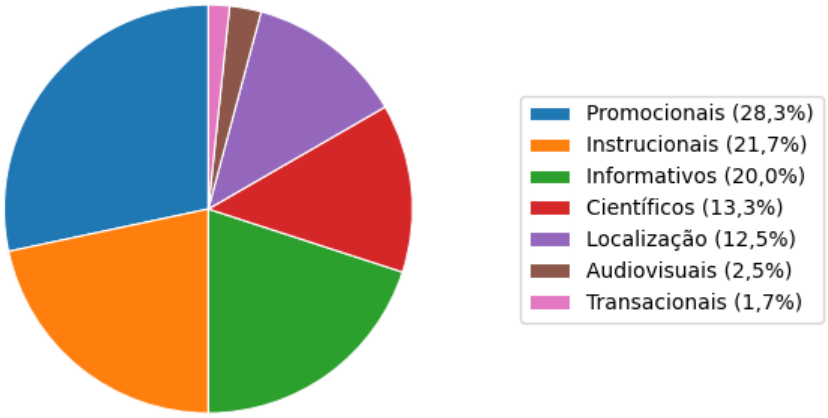


Gráfico 13 – Distribuição percentual dos projetos por tipologia textual (Elaboração Própria)

Uma vez estabelecida esta base, procede-se à apresentação da distribuição total dos 778 erros pelas diferentes categorias MQM. Em termos absolutos, registaram-se 222 erros de estilo (28,5%), 183 erros de precisão (23,5%), 150 erros de terminologia (19,3%), 134 erros de convenções linguísticas (17,2%), 67 erros de convenções de *locale* (8,6%), 66 erros de formatação (8,5%) e 12 erros de adequação ao público-alvo (1,5%). Aqui podemos ver quais as categorias de erro mais recorrentes no *corpus* analisado:

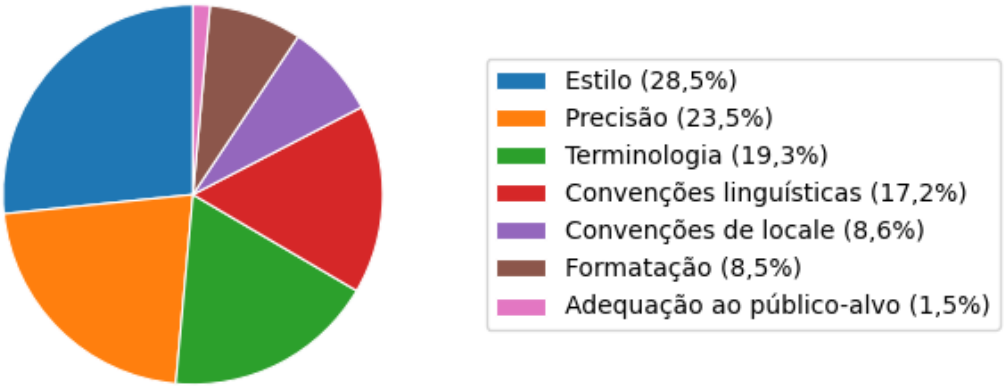


Gráfico 14 – Distribuição percentual dos erros por categoria MQM (Elaboração Própria)

A partir deste ponto, a análise desenvolve-se categoria a categoria, observando-se de que forma cada tipo de erro é distribuído pelas diferentes tipologias textuais e em que medida essa distribuição acompanha, ou não, o peso relativo dessas tipologias no *corpus*.

5.3.2.1. Terminologia

No que respeita à categoria Terminologia, foram identificados 150 erros, o que corresponde a 19,3% do total de erros registados no *corpus* analisado. Trata-se, assim, de uma das categorias com maior incidência global.

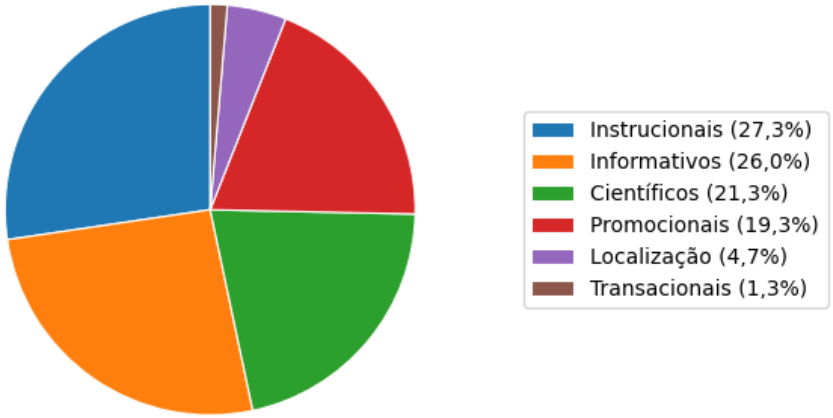


Gráfico 15 – Distribuição dos erros de terminologia por tipologia textual (Elaboração Própria)

A análise da distribuição destes erros revela que os textos instrucionais concentram o maior número de erros terminológicos, com 41 ocorrências, correspondendo a 27,3% do total desta categoria. Seguem-se os textos informativos, com 39 erros (26,0%), e os textos científicos, com 32 erros (21,3%). Os textos promocionais registam 29 erros terminológicos, representando 19,3%, enquanto os projetos de localização (7 erros; 4,7%) e os textos transacionais (2 erros; 1,3%) apresentam valores consideravelmente mais reduzidos.

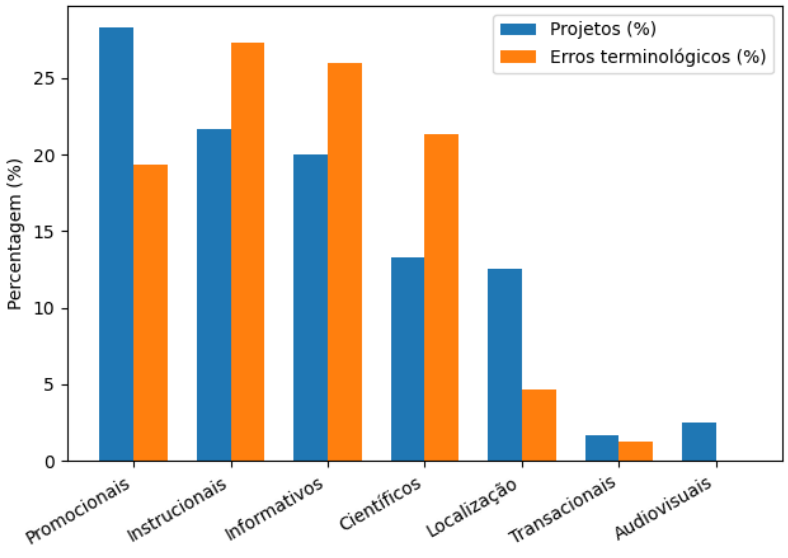


Gráfico 16 – Comparação entre percentagem de projetos e erros terminológicos (Elaboração Própria)

Esta distribuição adquire particular relevância quando comparada com o peso relativo de cada tipologia no *corpus* analisado. Embora os textos científicos representem apenas 13,3% dos projetos, concentram 21,3% dos erros terminológicos, o que evidencia uma incidência desproporcional desta categoria de erro face ao volume de projetos realizados. De forma semelhante, os textos instrucionais, que correspondem a 21,7% do *corpus*, concentram 27,3% dos erros terminológicos, e os textos informativos, com 20% dos projetos, reúnem 26,0% dos erros desta categoria.

Noutro plano, os textos promocionais, apesar de constituírem a tipologia mais representada no *corpus* (28,3% dos projetos), concentram uma percentagem inferior de erros terminológicos (19,3%). Nos projetos de localização, observa-se uma incidência muito reduzida de erros terminológicos, o que se afasta do que poderia ser expectável tendo em conta a sua representatividade no *corpus*. Já no caso dos textos transacionais, a dimensão residual dos dados não permite uma análise estatisticamente significativa.

5.3.2.2. Precisão

Quanto à categoria da precisão, foram identificados 183 erros, o que corresponde a 23,5% do total de erros registados no *corpus* analisado, tornando esta a segunda categoria com maior incidência global, logo a seguir aos erros de estilo.

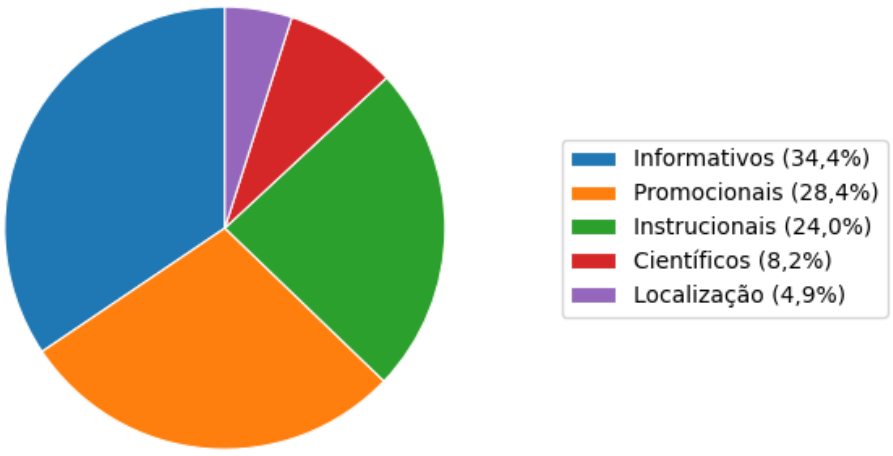


Gráfico 17 – Distribuição dos erros de precisão por tipologia textual (Elaboração Própria)

A análise da distribuição destes erros pelas diferentes tipologias textuais revela uma concentração particularmente elevada nos textos informativos, que registam 63 erros,

correspondendo a 34,4% do total desta categoria. Seguem-se os textos promocionais, com 52 erros (28,4%), e os textos instrucionais, com 44 erros (24,0%). Os textos científicos apresentam 15 erros de precisão (8,2%), enquanto os projetos de localização registam 9 erros (4,9%). Não se observaram erros de precisão nos textos audiovisuais nem nos textos transacionais, cujos valores residuais não permitem uma análise estatisticamente significativa nesta categoria.

Apresenta-se, de seguida, um gráfico de barras que coloca, lado a lado, a percentagem de projetos analisados e a percentagem de erros de precisão associados a cada tipologia textual.

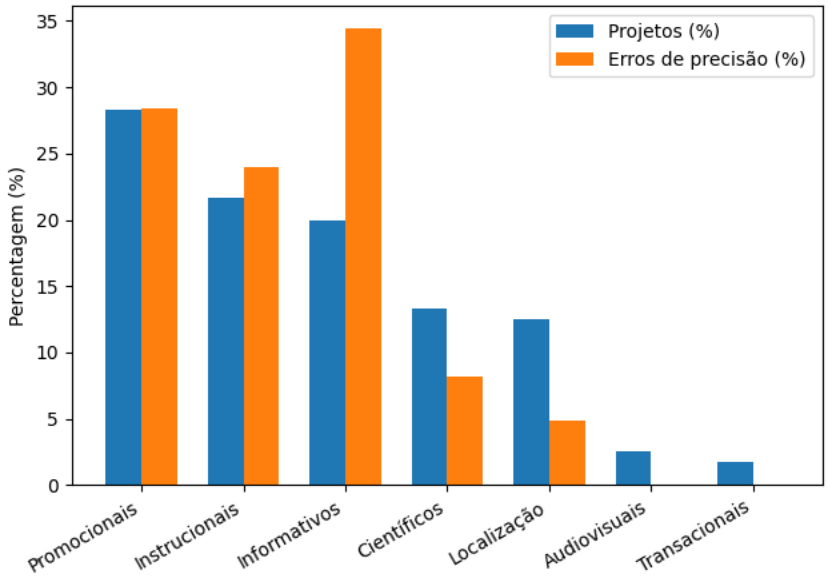


Gráfico 18 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de precisão (Elaboração Própria)

A leitura conjunta destes dados permite observar que os textos informativos, que representam 20% dos projetos analisados, concentram 34,4% dos erros de precisão, evidenciando uma incidência claramente desproporcional face ao seu peso no *corpus*. Este desvio quantitativo sublinha a exigência funcional deste tipo textual, em que a exatidão da informação desempenha o papel central na eficácia comunicativa do texto. Um padrão semelhante, ainda que menos acentuado, é visível nos textos instrucionais, que correspondem a 21,7% dos projetos e concentram 24,0% dos erros de precisão.

Por contraste, os textos promocionais, apesar de constituírem a tipologia mais representada no *corpus* (28,3% dos projetos), apresentam uma incidência de erros de precisão relativamente próxima do seu peso percentual (28,4%), revelando uma relação mais equilibrada entre volume de projetos e ocorrência deste tipo de erro. Já nos textos científicos e nos projetos

de localização, a percentagem de erros de precisão mantém-se inferior à representatividade destas tipologias no *corpus*, sugerindo que, nestes contextos, outras categorias de erro assumirão uma maior relevância percentual.

5.3.2.3. Convenções linguísticas

A categoria das convenções linguísticas apresentou 134 erros, o que corresponde a 17,2% do total de erros registados no *corpus* analisado. Esta categoria ocupa, assim, uma posição intermédia no conjunto das categorias MQM, refletindo as dificuldades relacionadas com as normas linguísticas da língua de chegada.

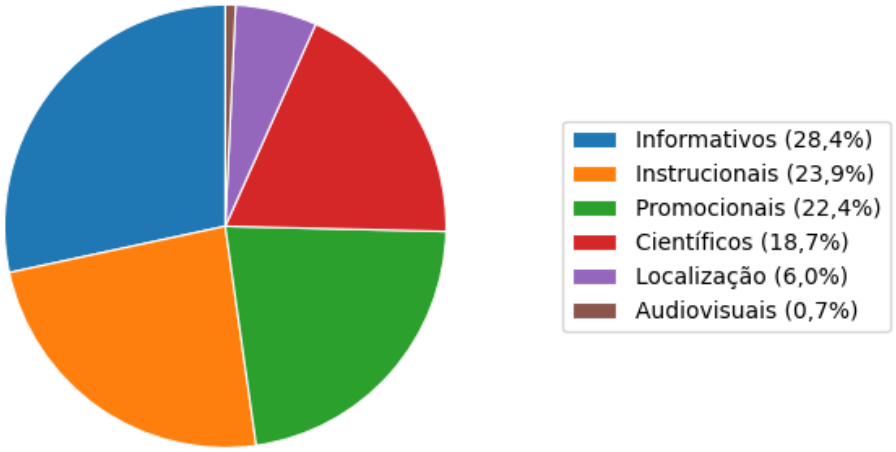


Gráfico 19 – Distribuição dos erros de convenções linguísticas por tipologia textual (Elaboração Própria)

A distribuição destes erros pelas diferentes tipologias textuais revela que os textos informativos concentram em si o maior número de ocorrências, com 38 erros, correspondendo a 28,4% do total desta categoria. Seguem-se os textos instrucionais, com 32 erros (23,9%), e os textos promocionais, com 30 erros (22,4%). Os textos científicos registam 25 erros de convenções linguísticas (18,7%), enquanto os projetos de localização apresentam 8 erros (6,0%). Os textos audiovisuais, apesar da sua reduzida representatividade no *corpus*, registam 1 erro (0,7%), enquanto os textos transacionais não apresentam ocorrências relevantes nesta categoria.

De seguida, apresenta-se um gráfico de barras que coloca, lado a lado, a percentagem de projetos analisados e a percentagem de erros desta categoria associados a cada tipologia textual:

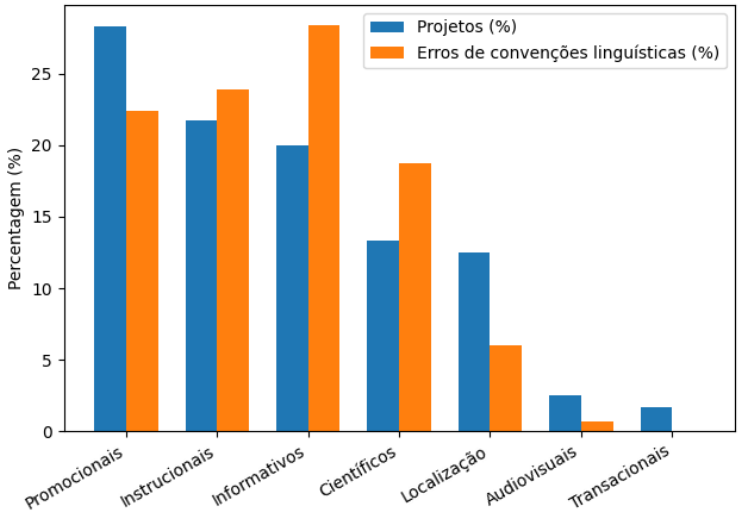


Gráfico 20 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de convenções linguísticas (Elaboração Própria)

A leitura conjunta destes dados permite observar que os textos informativos apresentam um desvio particularmente acentuado entre a sua representatividade no *corpus* (20% dos projetos) e a incidência de erros de convenções linguísticas (28,4%), o que indica uma concentração significativamente superior ao seu peso relativo. Um padrão semelhante, embora menos pronunciado, verifica-se nos textos científicos, que, apesar de representarem 13,3% dos projetos, concentram 18,7% dos erros desta categoria. Já nos textos instrucionais, a diferença entre a percentagem de projetos (21,7%) e a percentagem de erros (23,9%) é mais reduzida, revelando uma distribuição mais próxima da proporcionalidade.

Em contrapartida, embora constituam a tipologia mais representada no *corpus* (28,3% dos projetos), os textos promocionais apresentam uma incidência de erros de convenções linguísticas relativamente equilibrada (22,4%), enquanto os projetos de localização registam uma percentagem de erros claramente inferior ao seu peso no *corpus* (6,0% para 12,5% dos projetos). No caso dos textos audiovisuais, a presença residual de erros nesta categoria acompanha a dimensão reduzida desta tipologia no *corpus* analisado.

5.3.2.4. Estilo

Entre as categorias analisadas, o estilo destaca-se como aquela que apresenta o maior número de ocorrências no *corpus*, com 222 erros, correspondendo a 28,5% do total registado. Este valor torna o estilo a categoria mais expressiva em termos absolutos, o que justifica uma observação detalhada da sua distribuição pelas diferentes tipologias textuais.

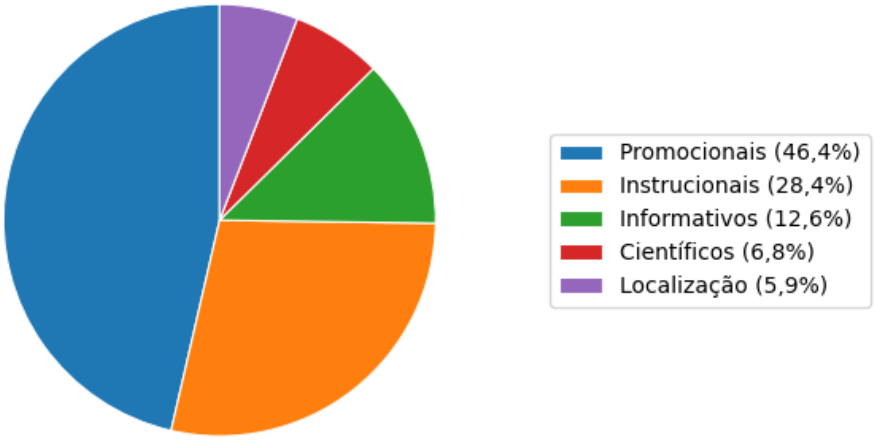


Gráfico 21 – Distribuição dos erros de estilo por tipologia textual (Elaboração Própria)

A distribuição destes erros mostra uma concentração particularmente elevada nos textos promocionais, que registam 103 ocorrências, correspondendo a 46,4% do total desta categoria. Seguem-se os textos instrucionais, com 63 erros (28,4%), e os textos informativos, com 28 erros (12,6%). Os textos científicos apresentam 15 erros de estilo (6,8%), enquanto os projetos de localização registam 13 ocorrências (5,9%). Não se verificaram erros desta natureza nos textos audiovisuais nem nos textos transacionais, cujos valores residuais não permitem uma leitura estatisticamente relevante.

O gráfico seguinte apresenta, lado a lado, a percentagem de projetos analisados e a percentagem de erros desta categoria para cada tipologia textual, permite uma leitura comparativa direta entre representatividade e incidência de erro.

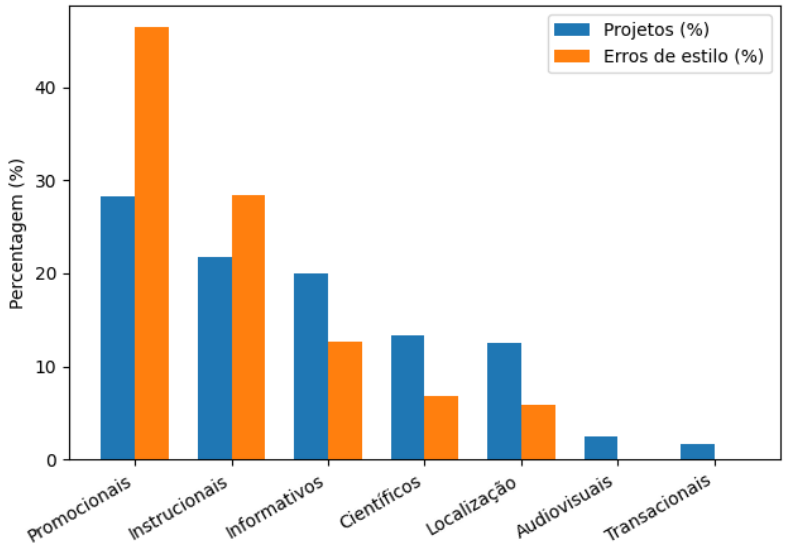


Gráfico 22 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de estilo (Elaboração Própria)

Estes dados mostram que os textos promocionais, que representam 28,3% dos projetos analisados, concentram quase metade dos erros de estilo (46,4%), revelando um desvio acentuado entre representatividade e incidência desta categoria de erro. Este padrão é particularmente relevante num tipo textual em que a naturalidade discursiva, a fluidez e a adequação do tom assumem um papel central na eficácia comunicativa.

Nos textos instrucionais, observa-se igualmente uma incidência de erros de estilo superior à sua representatividade no *corpus* (28,4% dos erros para 21,7% dos projetos), enquanto os textos informativos apresentam uma proporção inversa, concentrando menos erros de estilo (12,6%) do que o seu peso no conjunto dos projetos (20,0%). Já nos textos científicos e nos projetos de localização, a ocorrência deste tipo de erro mantém-se claramente abaixo da respetiva representatividade, indicando que, nestes contextos, outras categorias de erro assumem maior relevância percentual.

5.3.2.5. Convenções de *locale*

Na categoria de convenções de *locale* foram registados 67 erros no total, correspondendo a 8,6% do conjunto de erros identificados no *corpus* analisado. Embora represente uma percentagem inferior face a categorias como estilo ou precisão, esta tipologia de erro revela padrões de distribuição particularmente relevantes quando observada em função das diferentes tipologias textuais.

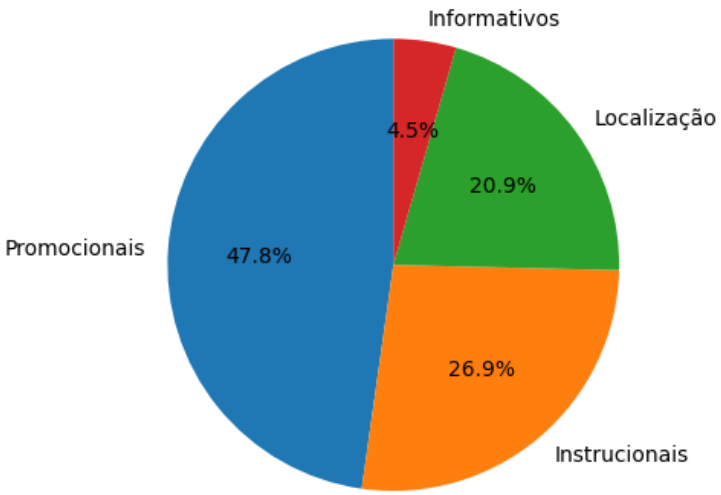


Gráfico 23 – Distribuição dos erros de convenções de locale por tipologia textual (Elaboração Própria)

A análise da distribuição destes erros mostra uma clara concentração em textos promocionais, que registam 32 ocorrências, correspondendo a 47,8% do total desta categoria. Seguem-se os textos instrucionais, com 18 erros (26,9%), e os projetos de localização, com 14 ocorrências (20,9%). Os textos informativos apresentam apenas 3 erros (4,5%), enquanto nas restantes tipologias textuais não se registaram ocorrências relevantes nesta categoria.

Esta distribuição revela uma forte associação entre os erros de convenções de *locale* e tipologias textuais cuja função comunicativa implica uma adaptação explícita ao contexto cultural, regional e comercial do público de chegada. Em particular, nos textos promocionais, a adequação a normas locais, referências culturais, formatos, unidades e convenções próprias do mercado-alvo assume um papel central, o que aumenta a exposição a este tipo de erro.

Para uma leitura mais precisa destes dados, importa comparar a percentagem de erros de convenções de *locale* com o peso relativo de cada tipologia textual no *corpus* analisado.

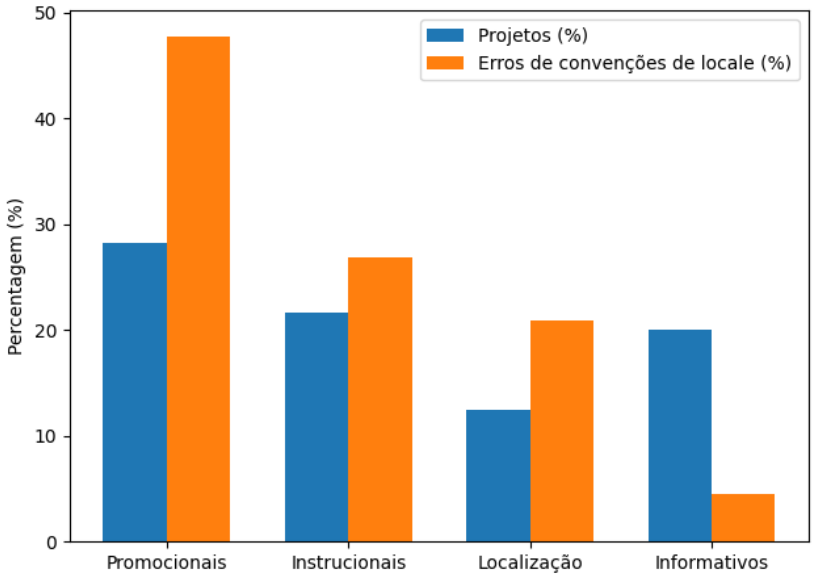


Gráfico 24 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de convenções de locale (Elaboração Própria)

A comparação revela que os textos promocionais, que representam 28,3% dos projetos analisados, concentram quase metade dos erros desta categoria, o que aponta para um desfasamento significativo entre volume de projetos e incidência de erros. Também os projetos de localização, apesar de representarem apenas 12,5% do *corpus*, concentram 20,9% dos erros de convenções de *locale*, o que reforça a sensibilidade desta tipologia a questões de adaptação

cultural e contextual. Em contraste, os textos informativos, embora correspondam a 20% dos projetos, apresentam uma incidência residual deste tipo de erro, sugerindo que as convenções de *locale* assumem um papel menos determinante neste tipo textual. O valor apresenta-se mais equilibrado nos textos instrucionais.

Este padrão confirma a relevância das convenções de *locale* sobretudo em textos orientados para mercados específicos e públicos definidos, onde a tradução ultrapassa a dimensão estritamente linguística e exige uma atenção constante aos parâmetros culturais, funcionais e contextuais do mercado de destino, presentes em ambos os textos promocionais e de localização.

5.3.2.6. Adequação ao público-alvo

Para a categoria de adequação ao público-alvo foram identificados 12 erros no total, o que corresponde a 1,5% do conjunto global de erros registados no *corpus* analisado.

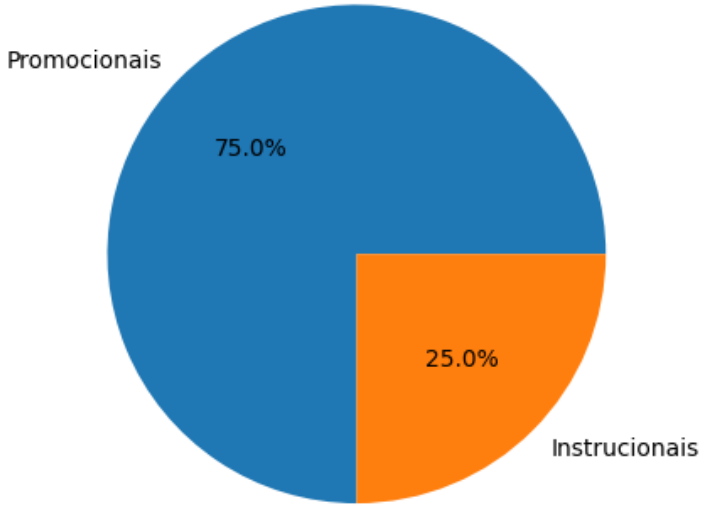


Gráfico 25 – Distribuição dos erros de adequação ao público-alvo por tipologia textual (Elaboração Própria)

Todos os erros desta categoria concentram-se em textos promocionais e instrucionais, tipologias que partilham uma característica fundamental: a comunicação direta com um destinatário definido, seja ele o consumidor final ou o utilizador de um produto ou serviço. Nos textos promocionais registam-se 9 ocorrências, correspondendo a 75% dos erros desta categoria, enquanto os textos instrucionais concentram os restantes 3 erros (25%). Não se observaram erros de adequação ao público-alvo nos textos informativos, científicos, de localização, audiovisuais ou transacionais.

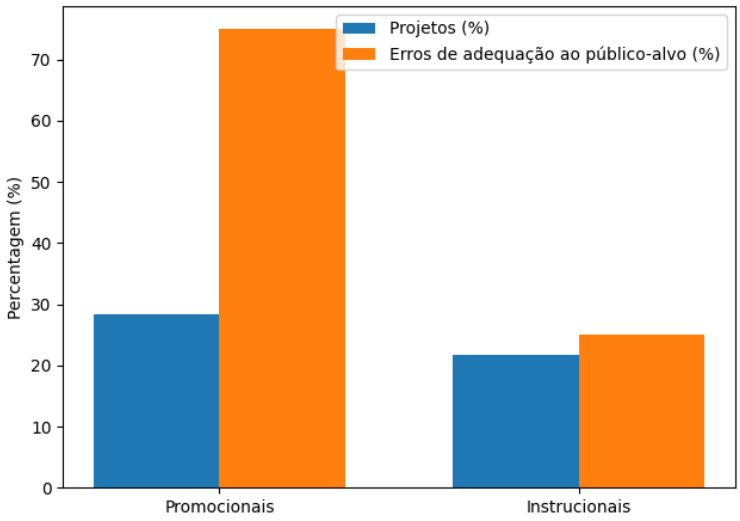


Gráfico 26 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de adequação ao público-alvo (Elaboração Própria)

A comparação entre a representatividade destas tipologias no *corpus* e a sua incidência de erros de adequação ao público-alvo revela um desvio particularmente significativo nos textos promocionais. Embora representem 28,3% dos projetos analisados, concentram uma percentagem muito superior de erros nesta categoria. Este dado torna-se especialmente relevante se se considerar que os textos promocionais admitem múltiplas estratégias e abordagens comunicativas ao leitor ou consumidor, variando consoante o público-alvo, o posicionamento da marca e a intenção persuasiva do texto. Esta multiplicidade de abordagens constitui, por si só, uma condicionante adicional no processo tradutório.

Para além de acentuar os valores observados nos textos promocionais e instrucionais, a ausência de erros de adequação ao público-alvo em tipologias como os textos científicos e informativos sugere que, nestes géneros, a adaptação ao destinatário assume um papel menos central. Nesses casos, a comunicação tende a seguir convenções mais estáveis e padronizadas, com menor necessidade de ajustar o discurso ao leitor. Esta menor exigência de adaptação pode contribuir para uma menor probabilidade de ocorrência deste tipo específico de erro.

5.3.2.7. Formatação e marcação

Relativamente à categoria de formatação, foram identificados 66 erros no total, correspondendo a 8,5% do conjunto global de erros registados no *corpus* analisado.

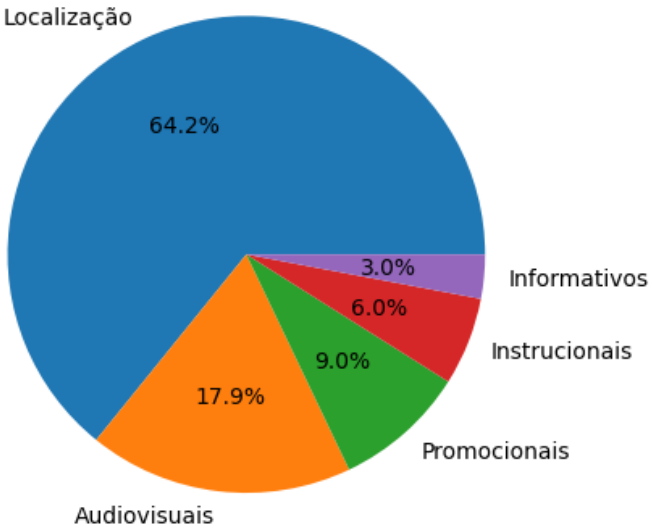


Gráfico 27 – Distribuição dos erros de formatação por tipologia textual (Elaboração Própria)

A distribuição dos erros evidencia uma concentração muito expressiva nos projetos de localização, que registam 43 ocorrências, correspondendo a cerca de 65,2% do total desta categoria. Seguem-se os textos audiovisuais, com 12 erros (18,2%), enquanto os textos promocionais (6 erros; 9,1%), instrucionais (4 erros; 6,1%) e informativos (2 erros; 3,0%) apresentam valores consideravelmente mais reduzidos. Não se registaram erros de formatação nos textos científicos nem nos textos transacionais.

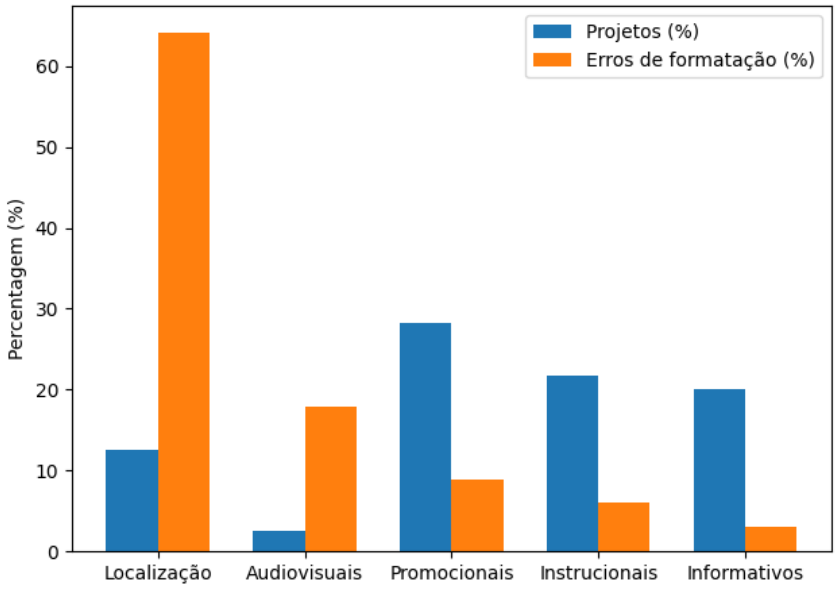


Gráfico 28 – Comparação entre percentagem de projetos e erros de formatação (Elaboração Própria)

A comparação entre a percentagem de projetos por tipologia textual no *corpus* e a percentagem de erros de formatação permite acentuar ainda mais o acumular de erros de

formatação nos projetos de localização. Embora a localização represente apenas 12,5% dos projetos analisados, concentra mais de metade dos erros nesta categoria. Este padrão revela-se coerente com a natureza dos projetos de localização, nos quais a tradução textual coexiste incessantemente com elementos técnicos como *tags*, *placeholders*, variáveis e estruturas de *software*, exigindo um elevado grau de compreensão extratextual e uma maior atenção ao funcionamento do produto final.

De forma semelhante, a presença de erros de formatação nos textos audiovisuais, apesar da reduzida representatividade desta tipologia no *corpus* (2,5%), adquire significado digno de destaque, quando considerada à luz das restrições técnicas inerentes à legendagem, nomeadamente a gestão do número de caracteres por linha, a segmentação adequada e a divisão correta das legendas. Nestes contextos, a formatação não é apenas uma questão estética, mas um critério funcional que condiciona diretamente a legibilidade e a receção do texto. É ainda de salientar que aproximadamente 92% dos erros registados nos projetos de textos audiovisuais dizem respeito a questões de formatação, o que demonstra o peso desta dimensão neste tipo de texto.

Por contraste, a incidência reduzida de erros de formatação nos textos promocionais, instrucionais e informativos sugere que, nestas tipologias, as convenções formais tendem a ser mais estáveis e menos sujeitas a constrangimentos técnicos ou digitais complexos. A distribuição observada confirma, assim, que os erros de formatação estão fortemente associados a tipologias em que o texto traduzido se insere em ambientes claramente técnicos e multimodais, como grandes partes dos conteúdos digitais e de *software*.

VI. Considerações finais

Este relatório nasce da necessidade de compreender as transformações profundas que a digitalização e as tecnologias têm provocado no trabalho do tradutor. A intersecção entre o humano e o tecnológico constituiu um eixo central de reflexão ao longo deste percurso, com particular incidência na era pós-digital, caracterizada pela automação e pela crescente aceleração dos processos. As ferramentas de tradução assistida por computador, os programas inseridos nos fluxos de trabalho e as métricas e modelos de produtividade e qualidade compõem uma nova infraestrutura no qual o quotidiano do tradutor está imerso.

A análise desenvolvida neste relatório assinalou como o trabalho do tradutor se encontra profundamente marcado pela integração de tecnologias nos processos de produção. A utilização de ferramentas de tradução assistida, sistemas automáticos e modelos de avaliação baseados em métricas redefine não apenas a forma como se traduz, mas também as condições em que o trabalho é realizado. Neste contexto, o conceito de pós-digital permite enquadrar uma realidade em que a tecnologia deixa de ser um elemento externo e passa a constituir a base dos fluxos de trabalho. A experiência de estágio evidenciou que o tradutor opera, hoje, em ambientes altamente estruturados e mediados por sistemas, nos quais a sua intervenção é constantemente articulada com ferramentas e processos automatizados. Assim, mais do que uma simples adaptação a novas ferramentas, verifica-se uma transformação das próprias condições de exercício da atividade tradutória, com implicações diretas na forma como o trabalho é organizado, avaliado e executado.

Ao longo do mestrado em que este relatório está inserido, foram aprofundados domínios como a tradução audiovisual e a localização, cuja relevância se atestou na própria interação direta com as tipologias textuais presentes nos projetos analisados durante o estágio. Paralelamente, uma unidade curricular como Terminologia revela-se diretamente aplicável na resolução de problemas concretos previamente enunciados. De uma forma particularmente evidente, a unidade curricular de Gestão de Projetos antecipou dinâmicas centrais do contexto profissional, ao proporcionar simulações de fluxos de trabalho semelhantes aos encontrados no estágio, facilitando a integração em processos colaborativos e estruturados. Por sua vez, as unidades relacionadas com a tradução especializada e com as metodologias da tradução forneceram bases operacionais que se refletiram na abordagem adotada na análise de erros e na definição de estratégias tradutórias na secção dedicada à qualidade. Estas diferentes unidades curriculares funcionaram como peças fundamentais de um puzzle que, longe de se construir apenas no contexto

profissional, já se encontrava amplamente estruturado antes do primeiro dia de estágio. Toda essa formação teórica e prática não só preparou as bases para o estágio, mas foi fundamental para o meu amadurecimento como tradutor e para a construção de uma visão crítica e ética, imprescindível para compreender os sistemas em que trabalho e, mais importante, para tomar decisões informadas num contexto digital em constante evolução.

Ao analisar o desempenho durante o estágio, verificou-se que, mesmo nas semanas de maior produtividade, não foram atingidos os valores de referência de 140%. Este resultado enquadra-se na lógica da indústria da tradução, onde a produtividade é frequentemente medida em função do volume de palavras e da otimização do tempo, em estreita articulação com critérios de eficiência económica. Contudo, no contexto de estágio, a avaliação não deve centrar-se exclusivamente em métricas quantitativas. A prioridade deve incidir no desenvolvimento de competências e na consolidação da qualidade tradutória. Embora os indicadores de produtividade assumam um papel relevante em contexto profissional, a sua aplicação ao contexto formativo deve ser devidamente ponderada, tendo em conta os objetivos de aprendizagem. Neste sentido, o estágio foi entendido como um espaço de progressão gradual, onde a aprendizagem e a qualidade prevalecem sobre o cumprimento de metas produtivas. Esta orientação encontra-se refletida no próprio desenvolvimento do relatório, nomeadamente no destaque progressivo atribuído à análise da qualidade, bem como na reflexão sobre os dados de produtividade e nas avaliações internas realizadas ao longo do estágio.

A análise da qualidade ao longo do estágio revelou-se fundamental para o desenvolvimento do tradutor. Através da observação e classificação dos erros, foi possível identificar padrões recorrentes e áreas de melhoria nas práticas diárias. Cada erro, analisado individualmente, forneceu uma oportunidade valiosa de autoconhecimento, permitindo uma reflexão sobre as decisões linguísticas que necessitam de maior atenção e aprimoramento. O processo de análise, que abrangeu centenas de erros ao longo de vários meses, ajudou a entender as limitações e as exigências específicas de cada tipologia de texto, de cada projeto e de cada cliente.

Esse exercício constante de autocrítica revelou a importância de uma aprendizagem contínua e adaptativa, essencial para o crescimento de qualquer tradutor. Com o tempo, a familiarização com diferentes tipos de projetos e a integração das correções no fluxo de trabalho permitiram uma evolução progressiva, transformando os erros iniciais em oportunidades de aprendizagem. A análise de cada erro, bem como dos seus padrões e recorrências, proporcionou

um aprofundado autoconhecimento do percurso formativo, permitindo ao profissional melhorar de forma eficaz o seu desempenho.

No âmbito das abordagens teóricas contemporâneas e do discurso corporativo, tem-se consolidado a ideia de que o tradutor não desaparece, sendo antes o seu papel reconfigurado no contexto das transformações tecnológicas. Contudo, importa questionar em que medida essa reconfiguração não implica, na prática, uma progressiva secundarização da sua função no processo tradutório. Neste enquadramento, a narrativa dominante tende a posicionar o tradutor como mediador entre necessidades comunicativas e ferramentas tecnológicas. No entanto, a experiência de estágio revelou que a tecnologia não apenas transforma esse papel, como pode igualmente comprometer a sua autonomia. A crescente integração de sistemas automáticos, aliada à segmentação do trabalho e à diluição da autoria tradutória, aponta para uma reconfiguração da profissão que pode ser entendida como uma forma de "diáspora" do tradutor, marcada pela fragmentação da sua intervenção, pela dispersão da responsabilidade autoral e pela perda de controlo sobre o produto final.

Embora a literacia digital tenha sido fundamental ao longo do estágio, permitindo trabalhar com ferramentas, sistemas e fluxos de trabalho próprios do contexto empresarial, a experiência descrita neste relatório mostra que essa integração tecnológica não é neutra. Ao longo dos projetos realizados, foi possível observar que o tradutor atua cada vez mais dentro de sistemas estruturados, onde os processos são geridos através da conexão entre ferramentas, as decisões são frequentemente orientadas por memórias de tradução e sugestões automáticas dentro de uma realidade medida por *compares* e métricas de produtividade. Neste contexto, o papel do tradutor tende a aproximar-se de uma lógica mais operacional, sobretudo em tarefas de pós-edição, o que levanta questões sobre a sua margem de intervenção e autonomia. Assim, mais do que uma simples reconfiguração, o que se observa é uma transformação concreta das condições em que o tradutor trabalha, com impacto direto na forma como interpreta, decide e produz a tradução.

Por outro lado, a análise desenvolvida ao longo do relatório, nomeadamente o estudo dos erros, a distribuição por tipologias textuais e a observação das métricas de produtividade, evidencia que nem tudo pode ser reduzido a dados quantitativos. A recorrência de erros de terminologia, precisão e estilo demonstra que a qualidade continua a depender de fatores que ultrapassam aquilo que as ferramentas conseguem captar automaticamente. Por outro lado, a prevalência de problemas de formatação revela as dificuldades deste mesmo *habitat* digital do tradutor. A isto

acrescenta-se ainda a questão da reutilização de dados tradutórios, que, ao serem integrados em sistemas automáticos, levantam implicações relacionadas com a autoria e o papel do tradutor no processo. Neste sentido, o relatório não se limita a descrever a experiência de estágio, mas aponta também para a necessidade de continuar a refletir sobre o lugar do tradutor em ambientes cada vez mais orientados por dados e tecnologia.

Foi precisamente na intersecção entre esses planos, o teórico e o prático, o técnico e o linguístico, o quantitativo e o reflexivo, que o estágio adquiriu o seu verdadeiro valor formativo. Mais do que aprender a traduzir dentro de uma empresa, esta experiência permitiu compreender de forma mais profunda o que significa hoje tornar-se tradutor.

VII. Bibliografia

Abdallah, K. (2012). *Translators in production networks: Reflections on agency, quality and ethics* (Doctoral dissertation, University of Eastern Finland). http://urn.fi/URN:ISBN:978-952-61-0609-0

American Translators Association. (n.d.). *ATA framework for standardized error marking*. https://www.atanet.org

Andersen, C. U., Cox, G., & Papadopoulos, G. (Eds.). (2014). *Postdigital aesthetics: Art, computation and design*. Palgrave Macmillan.

Austermühl, F. (2001). *Electronic tools for translators*. St. Jerome Publishing.

Austermühl, F. (2006). Training translators to localize. In A. Pym, A. Perekrestenko, & B. Starink (Eds.), *Translation technology and its teaching* (pp. 69–81). Intercultural Studies Group.

Balling, L. W., Carl, M., Dragsted, B., & Jakobsen, A. L. (2014). Post-editing of machine translation: Processes and applications. *Across Languages and Cultures, 15*(2), 201–217.

Bassnett, S. (1980). *Translation studies*. Methuen.

Bassnett, S., & Lefevere, A. (Eds.). (1990). *Translation, history and culture*. Pinter Publishers.

Berry, D. M. (2014). The post-digital humanities: Computation and cultural critique in the arts and humanities. *International Journal of Communication, 8*, 22–34.

Berry, D. M., & Dieter, M. (Eds.). (2015). *Postdigital aesthetics: Art, computation and design*. Palgrave Macmillan.

Bielsa, E. (2021). Introduction: The intersection between translation and globalization. In E. Bielsa (Ed.), *The Routledge handbook of translation and globalization* (pp. 1–10). Routledge.

Bowker, L. (2002). *Computer-aided translation technology: A practical introduction*. University of Ottawa Press.

Bowker, L., & Fisher, D. (2010). Computer-assisted translation. In Y. Gambier & L. van Doorslaer (Eds.), *Handbook of translation studies* (Vol. 1, pp. 60–65). John Benjamins.

Braidotti, R. (2013). *The posthuman*. Polity Press.

Cadwell, P., Castilho, S., O'Brien, S., & Mitchell, L. (2016). Human factors in machine translation and post-editing among institutional translators. *Translation Spaces, 5*(2), 222–243. https://doi.org/10.1075/ts.5.2.04cad

Cascone, K. (2000). The aesthetics of failure: "Post-digital" tendencies in contemporary computer music. *Computer Music Journal, 24*(4), 12–18.

Castells, M. (1996). *The rise of the network society*. Blackwell.

Castilho, S., Moorkens, J., Gaspari, F., Sennrich, R., Way, A., & Georgakopoulou, Y. (2017). A comparative quality evaluation of PBSMT and NMT using professional translators. In *Proceedings of Machine Translation Summit XVI* (pp. 116–131).

Catford, J. C. (1965). *A linguistic theory of translation: An essay in applied linguistics*. Oxford University Press.

Chesterman, A. (1997). *Memes of translation: The spread of ideas in translation theory*. John Benjamins.

Cronin, M. (2003). *Translation and globalization*. Routledge.

Cronin, M. (2006). *Translation and identity*. Routledge.

Cronin, M. (2013). *Translation in the digital age*. Routledge.

CSA Research. (2021). *Can't read, won't buy: B2C*. CSA Research.

do Carmo, F. (2020). 'Time is money' and the value of translation. *Translation Spaces, 9*(1), 35–57.

Drugan, J. (2013). *Quality in professional translation: Assessment and improvement*. Bloomsbury.

Esselink, B. (2003). *A practical guide to localization* (2nd ed.). John Benjamins.

European Commission, Directorate-General for Translation. (2017). *Translation services in the digital world*. Publications Office of the European Union.

European Committee for Standardization. (2006). *EN 15038: Translation services — Service requirements*. CEN.

Even-Zohar, I. (1990). Polysystem studies. *Poetics Today, 11*(1), 1–268.

Folaron, D. (2006). A discipline coming of age in the digital age. In K. Dunne (Ed.), *Perspectives on localization*. John Benjamins.

Folaron, D. (2020). Technology, technical translation and localization. In M. O'Hagan (Ed.), *The Routledge handbook of translation and technology*. Routledge.

Gavrilenko, N. N. (2020). Formation of the digital competence of the translator. In V. I. Karasik (Ed.), *Topical issues of linguistics and teaching methods in business and professional communication* (Vol. 97, pp. 548–553). European Publisher. https://doi.org/10.15405/epsbs.2020.12.02.73

Gouadec, D. (2007). *Translation as a profession*. John Benjamins.

Guerberof-Arenas, A. (2008). Productivity and quality in the post-editing of outputs from translation memories and machine translation. *Localisation Focus: The International Journal of Localisation, 7*(1), 11–21.

Guerberof-Arenas, A. (2013). What do professional translators think about post-editing? *The Journal of Specialised Translation, 19*, 75–95.

Halliday, M. A. K. (1961). Categories of the theory of grammar. *Word, 17*(2), 241–292. https://doi.org/10.1080/00437956.1961.11659756

Hansen, G. (1997). Success in translation. *Perspectives, 5*(2), 201–210. https://doi.org/10.1080/0907676X.1997.9961310

Hayles, N. K. (1999). *How we became posthuman: Virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*. University of Chicago Press.

Heilbron, J. (1999). Towards a sociology of translation: Book translations as a cultural world-system. *European Journal of Social Theory, 2*(4), 429–444.

Held, D., & McGrew, A. (Eds.). (2003). *The global transformations reader: An introduction to the globalization debate* (2nd ed.). Polity Press.

Hermans, T. (1999). *Translation in systems: Descriptive and system-oriented approaches explained*. St. Jerome Publishing.

Holmes, J. S. (1972). The name and nature of translation studies. In J. S. Holmes, *Translated! Papers on literary translation and translation studies* (pp. 67–80). Rodopi.

Holz-Mänttäri, J. (1984). *Translatorisches Handeln: Theorie und Methode*. Suomalainen Tiedeakatemia.

House, J. (1997). *Translation quality assessment: A model revisited*. Gunter Narr.

Hurtado Albir, A. (Ed.). (1996). *La enseñanza de la traducción* (Estudis sobre traducció, Vol. 3). Publicacions de la Universitat Jaume I.

Hutchins, W. J., & Somers, H. L. (1992). *An introduction to machine translation*. Academic Press.

International Organization for Standardization. (2015). *ISO 17100: Translation services — Requirements for translation services*. ISO.

International Organization for Standardization. (2017). *ISO 18587:2017 Translation services—Post-editing of machine translation output—Requirements*. ISO.

International Organization for Standardization. (2024). *ISO/TS 11669: Translation projects — General guidance*. ISO.

Jakobson, R. (1959). On linguistic aspects of translation. In R. A. Brower (Ed.), *On translation* (pp. 232–239). Harvard University Press.

Jiménez-Crespo, M. A. (2013). *Translation and web localization*. Routledge.

Jiménez-Crespo, M. A. (2019). Localization. In M. Baker & G. Saldanha (Eds.), *Routledge encyclopedia of translation studies* (3rd ed., pp. 99–104). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003340904-7

Jiménez-Crespo, M. A. (2020). The "technological turn" in translation studies: Are we there yet? A transversal cross-disciplinary approach. *Translation Spaces, 9*(2), 314–341. https://doi.org/10.1075/ts.19012.jim

Kelly, D. (2005). *A handbook for translator trainers: A guide to reflective practice*. St. Jerome Publishing.

Kenny, D. (2019). *Machine translation for everyone: Empowering users in the age of artificial intelligence*. Language Science Press.

Kenny, D. (2020). Technology in translator training. In M. O'Hagan (Ed.), *The Routledge handbook of translation technology* (pp. 498–515). Routledge.

Kiraly, D. (1995). *Pathways to translation: Pedagogy and process*. Kent State University Press.

Kiraly, D. (2000). *A social constructivist approach to translator education: Empowerment from theory to practice*. St. Jerome Publishing.

Koby, G. S., Fields, P., Hague, D., Lommel, A., & Melby, A. (2014). Defining translation quality. *Tradumàtica: Tecnologies de la Traducció, 12*, 413–420. http://revistes.uab.cat/tradumatica

Koehn, P. (2010). *Statistical machine translation*. Cambridge University Press.

Koehn, P. (2020). *Neural machine translation*. Cambridge University Press.

Lefevere, A. (1992). *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. Routledge.

Localization Industry Standards Association. (2004). *LISA QA model*.

Lommel, A., Burchardt, A., & Uszkoreit, H. (2014). Multidimensional quality metrics (MQM): A framework for declaring and describing translation quality metrics. *Tradumàtica: Tecnologies de la Traducció, 12*, 455–463. https://doi.org/10.5565/rev/tradumatica.77

Lowe, P. (1987). Revising the ACTFL/ETS scales for a new purpose: Rating skill in translating. In M. G. Rose (Ed.), *Translation excellence: Assessment, achievement, maintenance* (pp. 53–61). SUNY Binghamton Press.

Moorkens, J. (2017). Under pressure: Translation in times of austerity. *Perspectives, 25*(3), 464–477.

Moorkens, J., Castilho, S., Gaspari, F., & Doherty, S. (Eds.). (2018). *Translation quality assessment: From principles to practice*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-91241-7

Moorkens, J., & Lewis, D. (2019). Copyright and the reuse of translation as data. *Translation Spaces, 8*(2), 248–266.

Moorkens, J. (2020). "A tiny cog in a large machine": Digital Taylorism in the translation industry. *Translation Spaces, 9*(1), 12–34.

Muegge, U. (2015). Do translation standards encourage effective terminology management? *Tradumàtica: Tecnologies de la Traducció, 13*, 552–560. https://doi.org/10.5565/rev/tradumatica.89

Munday, J. (2016). *Introducing translation studies: Theories and applications* (4th ed.). Routledge.

Muñoz Martín, R. (2010). On paradigms and cognitive translatology. In G. Shreve & E. Angelone (Eds.), *Translation and cognition* (pp. 169–187). John Benjamins.

Muñoz Martín, R. (2014). Situating translation expertise: A review with a sketch of a construct. In J. W. Schwieter & A. Ferreira (Eds.), *The development of translation competence: Theories and methodologies from psycholinguistics and cognitive science* (pp. 2–56). Cambridge Scholars Publishing.

Newmark, P. (1981). *Approaches to translation*. Pergamon Press.

Nida, E. A. (1964). *Toward a science of translating: With special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Brill.

Nitzke, J., Hansen-Schirra, S., & Tardel, A. (2019). Training the modern translator: The acquisition of digital competencies through blended learning. *The Interpreter and Translator Trainer*, 13(3), 292–306.

Nord, C. (1991). *Text analysis in translation: Theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Rodopi.

Nord, C. (1997). *Translating as a purposeful activity: Functionalist approaches explained*. St. Jerome Publishing.

O'Brien, S. (2012). Translation as human–computer interaction. *Translation Spaces, 1*(1), 101–122.

Orozco-Jutorán, M., & Hurtado Albir, A. (2002). Measuring translation competence acquisition. *Meta, 47*(3), 375–402. https://doi.org/10.7202/008022ar

PACTE Group. (2000). Acquiring translation competence: Hypotheses and methodological problems of a research project. In A. Beeby, D. Ensinger, & M. Presas (Eds.), *Investigating translation* (pp. 99–106). John Benjamins. https://doi.org/10.1075/btl.32

PACTE Group. (2003). Building a translation competence model. In F. Alves (Ed.), *Triangulating translation: Perspectives in process-oriented research* (pp. 43–66). John Benjamins.

Pym, A. (1993). *Epistemological problems in translation and its teaching*. Universitat Rovira i Virgili.

Pym, A. (2001). Review of *A practical guide to localization*, by B. Esselink. *Language International, 13*(5), 40–41.

Pym, A. (2004). *The moving text: Localization, translation, and distribution*. John Benjamins.

Pym, A. (2010). *Exploring translation theories*. Routledge.

Pym, A. (2011). What technology does to translating. *Translation & Interpreting, 3*(1), 1–9.

Reiss, K. (1971). *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik: Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen*. Hueber.

Reiss, K., & Vermeer, H. J. (1984). *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Niemeyer.

Risku, H. (2002). Situatedness in translation studies. *Cognitive Systems Research, 3*(3), 523–533. https://doi.org/10.1016/S1389-0417(02)00055-4

Rothwell, A., et al. (2023). Translation tools and technology.

SAE International. (2001). *SAE J2450: Translation quality metric*. SAE International.

Şahin, M., & Gürses, S. (2020). A call for a fair translatiosphere in the post-digital era.

Sánchez-Gijón, P., et al. (2024). *Literacy in digital environments and resources (LT-LiDER)*.

Sapiro, G., et al. (2020). *Ideas on the move in the social sciences and humanities: The international circulation of paradigms and theorists*. Palgrave Macmillan.

Séguinot, C. (1989). The translation process. In C. Séguinot (Ed.), *The translation process* (pp. 21–54). H. G. Publications.

Snell-Hornby, M. (1988). *Translation studies: An integrated approach*. John Benjamins.

Stansfield, C. W., Scott, M. L., & Kenyon, D. M. (1992). The measurement of translation ability. *The Modern Language Journal, 76*(4), 455–467. https://doi.org/10.2307/330046

Steiner, G. (1975). *After Babel: Aspects of language and translation*. Oxford University Press.

Strandvik, I. (2025). Translation quality and the role of specifications: How standards can help the translation sector today. *Across Languages and Cultures, 26*(S), 5–24. https://doi.org/10.1556/084.2025.01057

TAUS. (n.d.). *Dynamic quality framework (DQF)*. https://www.taus.net/think-tank/dqf

Toury, G. (1991). What are descriptive studies into translation likely to yield apart from isolated descriptions? In K. van Leuven-Zwart & T. Naaijkens (Eds.), *Translation studies: The state of the art* (pp. 179–192). Rodopi.

Toury, G. (1995). *Descriptive translation studies and beyond*. John Benjamins.

Wilss, W. (1989). Towards a multi-facet concept of translation behavior. *Target, 1*(2), 129–149.

VIII. Anexos

8.1. Anexo 1 – Tipologias de erro do modelo MQM

Tabela 30 – Tipologias de erro do modelo MQM (tradução própria)

Categoria	Descrição	Subcategorias
Terminologia	Erros que ocorrem quando um termo não está em conformidade com a terminologia normativa da área de especialidade ou da organização, ou quando o termo no texto de chegada não corresponde ao equivalente normativo correto do termo no texto de partida.	Inconsistência com recurso terminológico; uso inconsistente de terminologia; termo incorreto
Precisão	Erros que ocorrem quando o conteúdo do texto de chegada não corresponde de forma precisa ao conteúdo proposicional do texto de partida, devido a distorção, omissão ou adição de informação.	Erro de tradução; sobretradução; subtradução; adição; omissão; não traduzido (indevidamente); segmento não traduzido
Convenções linguísticas	Erros relacionados com a boa formação linguística do texto, incluindo problemas de gramática, idiomaticidade e correção mecânica.	Gramática; pontuação; ortografia; ininteligibilidade; codificação de caracteres; convenções textuais

Estilo	Erros que ocorrem em textos linguisticamente corretos, mas inadequados por não respeitarem guias de estilo organizacionais ou por apresentarem um registo inadequado.	Estilo da organização; estilo de terceiros; inconsistência com referência externa; registo linguístico; estilo pouco natural; estilo não idiomático; inconsistência de estilo
Convenções de *locale*	Erros que ocorrem quando o produto de tradução viola requisitos específicos de localização relativos a conteúdo ou formatação de elementos de dados.	Formato numérico; formato de moeda; formato de medidas; formato de hora; formato de data; formato de morada; formato de telefone; teclas de atalho
Adequação ao público-alvo	Erros que ocorrem quando o conteúdo utiliza referências culturais inadequadas ou incompreensíveis para o público-alvo.	Referência cultural; conteúdo ofensivo
Formatação e marcação	Erros relacionados com a apresentação física do produto traduzido, incluindo formatação de texto, elementos de interface e estrutura visual.	*Layout*; etiqueta de marcação (*tag*); truncação/expansão de texto; texto em falta; ligação/referência cruzada

8.2. Anexo 2 – Impressões e comentários da primeira avaliação interna

Tabela 31 – Impressões e comentários da primeira avaliação interna (RWS)

OVERALL IMPRESSION & COMMENTS	Select grade for Overall Impression >>>	4 - Good
Overall, the translation was good. The style and tone were adequate, and the translation was mostly fluid. There were some distractions, which lead to slight mistranslations and some grammar issues, but these didn't impact the overall understanding of the text.		

8.3. Anexo 3 – Impressões e comentários da segunda avaliação interna

Tabela 32 – Impressões e comentários da segunda avaliação interna (RWS) [2]

OVERALL IMPRESSION & COMMENTS	Select grade for Overall Impression >>>	4 - Good
Overall a good translation, some issues with fluency but a lot of great choices overall. Good use of TM and MT except for the cases		

[2] Texto rasurado por motivos de confidencialidade.